

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

**JUVENTUDE E PARTICIPAÇÃO POLÍTICA: MOTIVAÇÕES,
TRAJETÓRIAS E REPRESENTAÇÕES**

Milena Bertollo

Vitória

2008

MILENA BERTOLLO

**JUVENTUDE E PARTICIPAÇÃO POLÍTICA: MOTIVAÇÕES,
TRAJETÓRIAS E REPRESENTAÇÕES**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Espírito Santo, como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Psicologia, sob orientação da Prof^a. Dr^a. Maria Cristina Smith Menandro.

Vitória

2008

Dados Internacionais de Catalogação-na-publicação (CIP)
(Biblioteca Central da Universidade Federal do Espírito Santo, ES, Brasil)

Bertollo, Milena, 1983-
B546j Juventude e participação política : motivações, trajetórias e
representações / Milena Bertollo. – 2008.
173 f.

Orientadora: Maria Cristina Smith Menandro.
Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Espírito
Santo, Centro de Ciências Humanas e Naturais.

1. Juventude. 2. Gerações. 3. Representações sociais. 4.
Participação política. I. Menandro, Maria Cristina Smith, 1962-. II.
Universidade Federal do Espírito Santo. Centro de Ciências
Humanas e Naturais. III. Título.

CDU: 159.9

JUVENTUDE E PARTICIPAÇÃO POLÍTICA: MOTIVAÇÕES, TRAJETÓRIAS E
REPRESENTAÇÕES

MILENA BERTOLLO

Dissertação submetida ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Espírito Santo, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Psicologia.

Aprovada em 22 de agosto de 2008, por:

Prof^a Dr^a Maria Cristina Smith Menandro – Orientadora, UFES

Prof. Dr. Leôncio Camino – UFPB

Prof^a Dr^a Zeidi Araújo Trindade – UFES

*Homens, mulheres, trajetos e planos,
construindo, virando os danos
de eternidades vãs, vai carregando.
O velho trem da estação saiu.
Quem viveu, viveu e viu.
Mas, se perdeu a hora, é certo,
não demora, vai ouvir de ouvir dizer.
Memórias vão e vêm!*

Flávio Vezzoni

Ao Julio,

Companheiro de todas as trajetórias.

Aos meus pais,

Que me ensinaram a importância da participação.

AGRADECIMENTOS

Todo trabalho tem uma história. E toda história tem personagens que foram essenciais para que ela pudesse ser contada. Meu sincero agradecimento a essas pessoas.

Agradeço e dedico este estudo aos jovens que dele participaram. Ao me contar suas trajetórias de participação, vocês contribuíram para a divulgação de representações mais positivas em relação à juventude. Muito obrigada!

À minha querida orientadora Maria Cristina Smith Menandro, pelo acolhimento, dedicação, ensinamento e estímulo constantes. Você é exemplo de que seriedade e competência não excluem necessariamente o bom humor. Obrigada pelas empolgantes e valiosas orientações!

Ao meu companheiro, Julio Cesar Nardi, pelo carinho, compreensão e pelos momentos maravilhosos que me ajudaram a recuperar a energia. Sem o seu apoio eu não conseguiria. Essa é mais uma etapa que conquistamos juntos! E a aventura só está começando...

Aos meus pais, Antonio e Marlene, que me ensinaram que vale a pena caminhar. Vocês são meu porto seguro, para onde sei que sempre posso ir e terei um colo para descansar.

Aos meus irmãos, Gláucio e Gleidson, pelo apoio e compreensão, mesmo nos momentos em que o cansaço tirava o meu bom humor.

À família Nardi, agora também minha. Obrigada pelo acolhimento e carinho!

À professora Zeidi Araújo Trindade, mestre e incentivadora desde os tempos do Nupes. Obrigada pelos ensinamentos, pelas dicas e sugestões.

À Ingrid Faria Gianórdoli-Nascimento por ter me aberto as portas da Psicologia Social ainda durante a graduação e pela presença e amizade constantes em toda essa trajetória. Obrigada por tudo!

Às professoras Célia Regina Rangel Nascimento e Luziane Zacché Avellar, pelas supervisões nos trabalhos com adolescentes. Foi daí que surgiu meu primeiro interesse pela temática. Obrigada pelas contribuições e por me ensinarem que teoria e prática são realmente indissociáveis.

Aos professores Lídio de Souza e Paulo Rogério Meira Menandro, exemplos de competência, dedicação e respeito. Obrigada por todas as contribuições diretas e indiretas.

À professora Sônia Regina Fiorin Enumo, pelas preciosas sugestões quando este trabalho ainda estava se definindo.

À Rafaela, colega de trabalhos desde a graduação, amiga para sempre.

Às minhas amigas Paola, Mariana, Mariane e Taís, pelos grupos de estudo e “terapias de grupo”. Foi muito bom poder compartilhar com vocês os momentos de dúvidas e alegrias!

Às amigas do mestrado Elaine e Mônica, com quem pude contar em vários momentos dessa trajetória.

Aos queridos Daniel, Sabine e Sibelle, pela amizade iniciada ainda no Nupes e que continua até hoje!

À Bianca Coelho e Thaiz Fadini, pela amizade de toda a vida!

Às mais novas amigas Aline Schultz, Ângela Bragança, Cynthia Quinino, Fernanda Flores e Julia Carvalho, por compartilhar minhas angústias e alegrias nessa reta final, entendendo minhas ausências, mesmo quando presente.

Ao pessoal da Redepso (Rede de Estudos e Pesquisas em Psicologia Social), pelos momentos de aprendizado e descontração. Nossos encontros de sexta-feira foram sempre um alívio na caminhada!

Aos alunos da Redepso Flávio Mendes e Leandro Moraes, pelas discussões, sugestões e pela dedicação e responsabilidade que dispensaram ao trabalho.

À Maria Lúcia Ribeiro Fajóli, pela atenção, disponibilidade para nos ajudar e bom humor que facilita a jornada.

À CAPES, pela bolsa de estudos que me proporcionou a necessária dedicação exclusiva ao trabalho.

A todos que de alguma forma ajudaram-me a concretizar este trabalho e contar essa história.

RESUMO

Título: Juventude e participação política: motivações, trajetórias e representações

Esta pesquisa procurou identificar e descrever as trajetórias de participação política de jovens filiados a diferentes partidos, bem como os significados, motivos e representações associados. Foram entrevistados oito jovens, entre 19 e 25 anos filiados a partido político pelo tempo mínimo de um ano. Os dados foram coletados por entrevistas individuais, realizadas a partir de roteiro semi-estruturado abrangendo os tópicos: caracterização do participante, trajetória de militância, reflexões sobre juventude e gênero. As informações obtidas foram submetidas ao método fenomenológico para investigação psicológica e reorganizadas em narrativas. Os dados apontaram a família, a escola e a igreja como importantes agentes de socialização política. A disposição pessoal, o desejo de fazer diferença no mundo em que vivem, a influência dos pais e a carreira profissional foram os principais fatores motivadores da inserção política. Em relação às reflexões sobre juventude e gênero, os participantes reproduzem elementos tradicionais de representação social. A ambigüidade em relação à representação de juventude aparece no discurso dos jovens entrevistados. Ao mesmo tempo em que são representados como contestadores e revolucionários, os jovens também são vistos como apáticos, desesperançados e alienados. Certa dinâmica de identificação e categorização foi identificada entre os participantes. Por um lado, compartilham características que os identificam como grupo (jovens engajados politicamente), em contraposição aos demais jovens (jovens não interessados em política). Por outro lado, há também a dinâmica interna do grupo “jovens engajados politicamente”, que se dá na diferenciação entre “jovens de direita” e “jovens de esquerda”. Nessa dinâmica o embate entre gerações parece unir os jovens, que apontam a dificuldade de ocupar espaço dentro do partido, liderado principalmente por adultos. Quanto às relações de gênero, encontramos certo descompasso entre as representações e as práticas sociais. Apesar da prática de militância ser muito semelhante entre jovens de ambos os sexos, as representações sociais apontam para visões bastante conservadoras. A condição geracional, no caso desta pesquisa, parece ser a base mais importante sobre a qual se ancoram as representações dos jovens participantes.

Palavras-chave: juventude; gerações; gênero; representações sociais; participação política

ABSTRACT

Youth and political participation: motivations, trajectories, and representations

This research attempted to identify and describe the trajectories of political participation of young affiliates of different political parties, as well as the associated meanings, motives, and representations. Eight young affiliates were interviewed, with ages ranging from 19 to 25 years, affiliated to a political party for at least one year. The data were collected by individual interviews, performed after a semi-structured script which included the topics: characterization of the participant, political engagement trajectory, reflections about youth and gender. The obtained information was submitted to the phenomenological method for psychological investigation and reorganized into narratives. The data pointed towards family, school, and church as important agents of political socialization. Personal disposition, the desire to make a difference in the world where they live, influence of the parents, and professional career were the main motivating factors for political insertion. With respect to reflections about youth and gender, the participants reproduce traditional social representation elements. The ambiguity with respect to representation of youth appears in the discourse of the interviewed youngsters. Albeit being represented as protesters and revolutionaries, youngsters are also seen as apathetic, hopeless, and alienated. A dynamics for identification and categorization was identified among the participants. On one hand, they share characteristics which identify themselves as a group (politically active youngsters), in opposition to the remaining youngsters (youngsters not interested in politics). On the other hand, there is also the internal dynamics of the group “politically active youngsters”, which happens in the differentiation between “right wing youngsters” and “left wing youngsters”. In this dynamics, the struggle between generations seem to unite youngsters, who point out the difficulty of occupation of spaces within the party, which is mainly led by adults. On gender relations, we find a certain mismatch between social representations and practices. Although the practice of political engagement is very similar among young men and women, the social representations indicate very conservative viewpoints. The generational condition, in this research, seems to be the most important basis where the young participants’ representations anchor.

Keywords: youth; generations; gender; social representations; political participation

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Caracterização dos participantes.....	51
Figura 2 – Quadro descritivo da posição política atribuída ao partido, representações sociais de participação e representações sociais de política.....	100

SUMÁRIO

1. Apresentação	14
2. Introdução.....	16
2.1 Representações sociais de adolescência/juventude.....	16
2.2 Jovens: alienados ou revolucionários?	18
2.3 “Novas” formas de participação social e política.....	23
2.4 Socialização política e capital social – a importância da participação.....	26
2.5 A participação político-partidária.....	29
2.6 Participação social/política e gênero.....	33
2.7 A Teoria das Representações Sociais como aporte teórico.....	37
3. Objetivos.....	41
3.1 Objetivo Geral.....	41
3.2 Objetivos Específicos.....	41
4. Trajetória metodológica – das reflexões às decisões.....	42
4.1 A abordagem qualitativa como opção metodológica.....	42
4.2 Participantes.....	43
4.3 Instrumento de coleta de dados.....	44
4.4 Procedimentos de coleta de dados.....	46
4.5 Procedimento de análise de dados.....	47
5. Resultados.....	51
5.1 Caracterização geral dos participantes.....	51
5.2 Estruturas narrativas: trajetórias de militância.....	52
Clio.....	52
Erato.....	59
Tália.....	63
Urânia.....	72
Aquiles.....	78
Hércules.....	83
Teseu.....	88
Ulisses.....	95

5.3	Síntese dos elementos de representação social de participação e política...	100
6.	Discussão.....	102
6.1	Trajetórias de militância – do contato com a política à participação partidária.....	102
	O contexto geracional dos jovens – iniciando a discussão.....	102
	De qual posição no espectro político falam os jovens.....	103
	O contato com a política.....	104
	O início da trajetória de participação política.....	105
	Motivações para a participação política.....	107
	A filiação partidária.....	110
	Os reflexos da participação política na vida pessoal.....	114
	O que planejam politicamente para o futuro?	117
6.2	Juventude e Participação Política.....	119
	As representações sociais de participação e de política.....	119
	Os jovens participantes falam de sua geração.....	120
	Os jovens e as representações sociais de juventude.....	126
	Direita ou esquerda? Os jovens e sua identificação política.....	131
	Os jovens e os partidos políticos.....	138
	Espaços tradicionais, novas sociabilidades.....	144
6.3	Juventude, Participação e Gênero.....	145
7.	Considerações finais.....	159
8.	Referências bibliográficas.....	162
9.	Anexos.....	171
9.1	Anexo I.....	171
9.2	Anexo II.....	174

1- APRESENTAÇÃO

O interesse em estudar aspectos relacionados à adolescência/juventude surgiu ainda durante o meu curso de graduação, durante o qual tive a oportunidade de participar de estágios e pesquisas envolvendo esses participantes. No entanto, a leitura de referências sobre o assunto nos incomodava, já que a maioria das pesquisas cujos participantes eram adolescentes ou jovens, tratavam de aspectos negativos relacionados a eles.

Em uma dessas atividades, tivemos a oportunidade de fazer um levantamento sobre os estudos produzidos no campo de investigação da Teoria das Representações Sociais sobre a temática adolescência/juventude, tendo como base livros de resumos publicados em dois congressos específicos sobre a teoria (Bertollo et al, 2007). Observou-se que a maioria dos assuntos abordados nos estudos referia-se a questões que poderiam ser consideradas “problemáticas”, como depressão, doenças sexualmente transmissíveis, violência, criminalidade, uso indevido de drogas, gravidez na adolescência, entre outros.

Surgiu, então, o interesse em estudar ações afirmativas da juventude, explorando atitudes e descrevendo representações mais positivas. A participação política, tema que divide opiniões entre adultos e entre os próprios jovens, foi, então, escolhida para esta investigação.

Diversas análises constataam na nova geração o predomínio de características negativas, como conservadorismo, apatia, desinteresse pela política e individualismo. No entanto, alguns autores chamam a atenção para o fato de que as atitudes políticas dos jovens atuais devem ser estudadas levando em consideração o momento sócio-político. O caráter fragmentário e plural, próprio do contexto em que vivemos, poderia justificar a diversidade

de espaços disponíveis para a participação, não mais restrita aos partidos políticos e movimento estudantil.

Por outro lado, os partidos políticos continuam sendo uma opção para a participação juvenil. Daí o nosso interesse em investigar as motivações, trajetórias e representações sociais desses jovens que continuam optando por uma forma tradicional de participação – a partidária –, apesar das diversas alternativas abertas a eles.

2- INTRODUÇÃO

2.1 Representações sociais de adolescência / juventude¹

A juventude tem sido tema de interesse constante da Psicologia e de outras áreas do conhecimento. Além disso, tem crescido nos últimos anos a atenção dirigida aos jovens tanto por parte da mídia como por parte de instituições governamentais e não governamentais.

Abramo (1997) chama a atenção para o crescente número de produtos dirigidos ao público adolescente e jovem veiculados pelos meios de comunicação de massa, como os cadernos *teen* dos grandes jornais e os programas de auditórios na televisão, e também de noticiários a respeito dos jovens. Entretanto, pode-se notar uma diferença entre essas duas formas de se abordar a adolescência / juventude:

No caso dos produtos diretamente direcionados a esse público, os temas normalmente são cultura e comportamento: música, moda, estilo de vida e estilo de aparecimento, esporte e lazer. Quando os jovens são assunto dos cadernos destinados aos 'adultos', no noticiário, em matérias analíticas e editoriais, os temas mais comuns são aqueles relacionados aos 'problemas sociais', como violência, crime, exploração sexual, drogadição, ou as medidas para redimir ou combater tais problemas (Abramo, 1997, p. 25).

Segundo Castro e Correa (2005), parece haver uma contradição nas maneiras de se pensar a juventude, pois ao mesmo tempo em que há um enaltecimento dos jovens, dos estilos de ser e dos valores relacionados a eles, há também um processo de exclusão que

¹ Os termos adolescência / juventude serão utilizados como sinônimos, sem entrar na discussão do sentido de cada termo específico dentro da literatura produzida.

não os reconhece como sujeitos ativos capazes de tomar parte nos processos em que estão inseridos.

Abramo (1997) também observa que na maior parte das abordagens relativas aos adolescentes e jovens, tanto teóricas quanto práticas, há grande dificuldade de considerá-los efetivamente como sujeitos, mesmo quando existe essa intenção. Segundo a autora a dificuldade está em “ir além da sua consideração como ‘problema social’ e de incorporá-los como capazes de formular questões significativas, de propor ações relevantes, (...) de contribuir para a solução de problemas, além de simplesmente sofrê-los ou ignorá-los” (Abramo, 1997, p. 28).

Muitas concepções ainda hoje vigentes sobre a adolescência tendem a compreendê-la como uma etapa natural e universal do desenvolvimento humano, que apresenta características fixas bem definidas (Menandro, Trindade e Almeida, 2003). Além disso, aspectos bastante negativos, como turbulência, conturbações, ambigüidades e conflitos são freqüentemente associados a esse período. De acordo com Ozella (2003), muitos desses termos têm origem em trabalhos realizados ainda no início do século XX que procuravam estabelecer um padrão descritivo de caracterização da adolescência.

O trabalho de Stanley Hall, por exemplo, publicado em 1904 e no qual ele identifica esse momento “como uma etapa marcada por tormentos e conturbações vinculadas à sexualidade”, tem influência ainda hoje na definição de adolescência veiculada nos livros e na mídia e incorporada pela população e pelos próprios adolescentes (Ozella, 2003).

Muitos profissionais da Psicologia, independentemente da área de atuação, também compartilham essa representação. Em pesquisa realizada com psicólogos que trabalham junto a adolescentes, Ozella (2003) encontrou uma clara correspondência entre os significados da adolescência presentes nos discursos dos profissionais e dos teóricos da

Psicologia do início do século XX, destacando a naturalização, universalização e patologização como características principais.

Trabalhos mais recentes, porém, têm sido realizados na tentativa de superar esse conceito de adolescência como uma etapa universal, natural e com características típicas inerentes (Aguiar, Bock & Ozella, 2001; Castro e Correa, 2005; Menandro, Trindade e Almeida, 2003; Ozella, 2003; Schmidt, 2001). Esses autores trabalham com a concepção de adolescência como um fenômeno social, construído dentro de determinados contextos sócio-históricos e culturais e que não acontece do mesmo modo em todas as épocas históricas e em todos os meios sociais.

A partir dessa perspectiva, compreende-se que se torna mais interessante trabalhar não com um conceito único de juventude, mas com uma multiplicidade de condições juvenis, já que são muitas e diversas as formas sociais envolvendo os jovens (Ponte de Souza, 1999). Considerar essa diversidade de condições juvenis torna-se fundamental para a compreensão das formas atuais de participação social / política dos jovens, marcada por seu caráter fragmentário e pela diversidade de ações e de espaços de atuação.

2.2 Jovens: alienados ou revolucionários?

Dentre os elementos da representação social de juventude, encontram-se aqueles relacionados à sua participação social e política. Os jovens são muitas vezes representados como portadores da esperança, do desejo de justiça e dos projetos de transformação da sociedade (Schmidt, 2001). De fato, há registros de movimentos juvenis de natureza político-econômica ou religiosa já na Idade Média européia (Schmidt, 2001). No Brasil, os jovens se fizeram presentes no cenário social / político desde o período Imperial (Ponte de Souza, 1999).

Em trabalho sobre culturas juvenis Carmo (2003) discorre sobre alguns movimentos de contestação ocorridos nas décadas de 1950 a 1990. Com base nos trabalhos de Carmo (2003) e de Brandão e Duarte (2004) faremos uma breve recapitulação de alguns desses movimentos.

No plano político, os anos 1950 foram marcados pela Revolução Cubana que espalhou entre a juventude as idéias e atitudes de revolucionários, em especial Che Guevara. Durante os anos 1960 ocorreu em quase todo o mundo a eclosão do movimento estudantil. No Brasil, os jovens estudantes tiveram importante atuação contra o regime militar instaurado no país. A década de 1970 foi marcada pelo endurecimento do regime ditatorial brasileiro e pelos movimentos de guerrilha com recrutamento de parte da juventude estudantil. No plano internacional, o movimento punk atraiu jovens em países como Inglaterra e Estados Unidos.

No Brasil, os anos 1980 marcaram o início da abertura política, o abrandamento da censura e as manifestações pelas Diretas Já, com forte apelo juvenil. Destacam-se ainda, nesse período, a explosão de novos movimentos musicais e o surgimento de “tribos” como punks, darks, new wave e góticos, entre outros. Enfim, na década de 1990 os “caras-pintadas”, liderados por jovens estudantes, manifestaram-se contra o governo Collor, envolvido em graves denúncias de corrupção. Essas manifestações contribuíram para a aceleração do processo que culminou com o *impeachment* do presidente Fernando Collor de Mello. Os autores destacam também, em relação a esses anos, o surgimento no cenário nacional de outra juventude, até então sem visibilidade: “não reluzente, não dourada, esquecida pela mídia: são os jovens pobres da periferia, que também realizam um interessante movimento cultural em seus redutos” (Carmo, 2003).

A despeito das situações de engajamento descritas anteriormente, grande parte das avaliações sobre os jovens atuais detecta na nova geração o predomínio do consumismo, individualismo, conservadorismo e descompromisso com o senso comunitário (Schmidt, 2001). A mídia aparece como uma das grandes propagadoras dessa interpretação, contrapondo a juventude atual com a geração dos anos 1960, apresentada como idealista, engajada, não consumista e rebelde. E a população, em geral, parece reproduzir essa visão do jovem como desesperançado, sem uma causa ou programa definido.

Essa discussão em torno dos jovens atuais e daqueles que viveram a década de 1960 leva-nos à comparação entre diferentes gerações. No entanto, segundo Urresti (2000), não se trata de comparar os atores, mas as épocas históricas que definiram as diferentes experiências sociais vivenciadas.

Podemos perceber, portanto, certa ambigüidade na concepção socialmente compartilhada sobre a juventude. Ao mesmo tempo em que os jovens são representados como portadores da rebeldia e do desejo de mudança, outras características atribuídas a eles, como alienação, consumismo e individualismo, desvalorizam o seu potencial de participação ativa.

Nesse momento cabe uma reflexão a respeito da naturalização do elemento rebeldia como parte da adolescência. No entanto, esse elemento pode aparecer sob diversas formas, conforme aponta Menandro (2004): “uma leitura atenta a respeito de como a rebeldia é significada nos permite afirmar que isso depende de quem fala e depende da categoria social à qual pertence o ‘rebelde’. Além disso, ela pode ser positiva ou negativamente valorada” (p. 211).

Em oposição a essa visão da atual juventude como não engajada social e politicamente, Schmidt (2001) aponta as pesquisas acadêmicas como difusoras de uma

posição mais favorável e menos estereotipada a respeito dos jovens. De acordo com o autor, nos trabalhos acadêmicos, “o jovem é interpretado como um ser social, e a sua conduta e atitudes são consideradas antes de mais nada como expressão de condicionamentos sociais” (p. 196).

Venturi e Bokany (2005) discutem a forma como os meios de comunicação divulgaram os dados da pesquisa “Perfil da Juventude Brasileira”² induzindo à conclusão de que os jovens brasileiros deste início de século são conservadores, comportamentalmente “caretas” e politicamente passivos ou despolitizados. Os autores afirmam, entretanto, que essa interpretação apresenta problemas de três ordens: “no plano dos pressupostos do que foram as gerações anteriores, na interpretação dada a boa parte dos resultados e em leituras parciais ou mesmo erradas de outra parte, na verdade tecnicamente não sustentáveis pelos dados obtidos” (Venturi e Bokany, 2005, p. 353).

A interpretação dos autores para os dados da pesquisa difere daquela apresentada pelos meios de comunicação. Para eles, os jovens não são tão conservadores quanto a mídia insiste em divulgar, ou pelo menos não são mais conservadores que seus contemporâneos adultos.

(...) Ou seja, confirma-se aqui que a juventude reflete as tendências e escolhas da maioria da sociedade que faz parte. Neste sentido, é mais correto dizer que a juventude atual (como a de ontem) está atenta, e não alienada do meio em que está inserida (Venturi e Bokany, 2005, p. 359).

Em relação aos movimentos juvenis das décadas de 1960 e 1970, Abramo (1997) aponta que foi somente depois do refluxo de tais movimentos que a imagem daquela

² Pesquisa realizada pelo Projeto Juventude / Instituto Cidadania com jovens entre 15 e 24 anos residentes no território brasileiro. Os resultados da pesquisa, bem como algumas análises dos dados, podem ser conferidos em Abramo e Branco (2005).

geração foi re-elaborada e assimilada de forma positiva e generalizadora. De acordo com a autora, ao longo daqueles anos os jovens foram, por um lado, violentamente perseguidos pelos aparelhos repressivos e, por outro, muitas vezes associados mais a uma fonte de energia utópica do que a uma capacidade efetiva de transformação da sociedade.

Menandro, Trindade e Almeida (2003), ao investigarem as representações sociais de adolescência / juventude a partir de textos jornalísticos encontraram, no período de 1968 a 1974, uma associação entre os elementos Estudantes e Militância e uma visão negativa associada aos jovens, o que reforça a hipótese de que a valorização dessas características pode ter ocorrido em momento posterior.

Assim, é possível que as idéias relativas aos jovens das gerações passadas tenham sido re-elaboradas de forma a fixar um modelo ideal de juventude, transformando a rebeldia, o idealismo e a utopia em características essenciais (Abramo, 1997). Venturi e Bokany (2005) discutem a influência dessa concepção nas análises atuais sobre o comportamento político do jovem contemporâneo. Para os autores, “os problemas de leitura dos dados atuais se relacionam, em boa medida, a essa falsa premissa de que toda uma geração anterior de jovens tivesse rompido, nas esferas política e comportamental, com os padrões da época” (p. 354).

Ponte de Souza (1999), em pesquisa realizada com jovens engajados em diferentes atividades sociais e políticas, busca dar visibilidade à militância da juventude atual. A autora procurou compreender a forma como certos jovens constroem sua ação participativa e por que escolhem o espaço coletivo como resposta para enfrentar o individualismo. Buscou entender a juventude que ainda resiste ao imposto pelo consenso e compreender sua inserção nos novos espaços de atuação, em uma tentativa de superar as representações estereotipadas do universo juvenil contemporâneo.

De acordo com Herschmann (1997), as análises negativas sobre o jovem contemporâneo não levam em consideração o contexto e o ambiente em que os grupos juvenis estão inseridos e não dão conta da nova dinâmica da realidade social. As afirmações de que as ações dos jovens parecem ir apenas na direção do consumo, do irracionalismo e também da violência entre grupos de jovens, não levam em conta que “o boom mais recente das expressões juvenis ocorre em um clima marcado não só pela crise da arena política tradicional, mas também num contexto social em que vigora a sensação de um incremento mundial da violência” (Herschmann, 1997, p. 68).

Os espaços tradicionais de participação juvenil têm, de certa forma, se modificado. Os partidos políticos vinculados aos movimentos sociais e populares aparecem desgastados e sofrendo do mesmo descrédito que atinge as organizações partidárias em geral. O movimento estudantil vive momentos de refluxo e enfrenta um esvaziamento desmotivador (Ponte de Souza, 1999). Assim, práticas sociais alternativas surgem no cenário social e articulam-se com uma concepção diferenciada de engajamento social (Ponte de Souza, 1999; Schmidt, 2001).

2.3 “Novas” formas de participação social / política

As formas de ação e participação juvenis modificaram-se ao longo das últimas décadas. Tomando como referência os anos de 1990, as ações coletivas ocorridas naquela década caracterizaram-se pelo caráter fragmentário próprio do contexto social em que se desenvolveram. A maior complexidade das relações sociais se reflete nos novos elementos que as compõem: pluralidade, distopia, preocupação com as microrrelações e com as soluções localizadas (Ponte de Souza, 1999).

A participação política dos jovens precisa, portanto, ser entendida dentro do atual contexto sócio-político. A grande maioria da população, e não apenas os jovens, encontra-se desorganizada politicamente, mais voltada para o consumo de bens oferecidos pela sociedade tecnológica e cedendo ao estímulo da busca de soluções individuais para os problemas de natureza social (Ponte de Souza, 1999).

Assim, a comparação entre a atual geração e as anteriores não é suficiente para a compreensão do comportamento político da juventude contemporânea. É preciso entender, conforme aponta Ponte de Souza (1999), “que as ações coletivas dos jovens hoje não significam nem retrocesso nem avanço, mas o que é possível historicamente sua geração ser portadora” (p.14).

É necessário, de acordo com Abramo (2004), refletir de maneira mais aprofundada sobre esse estereótipo que coloca a atual juventude como alienada e apática. Em primeiro lugar, a autora questiona se essa é uma característica que pode ser atribuída apenas aos jovens, enquanto a sociedade em seu conjunto parece estar descrente e desmobilizada politicamente. Em segundo lugar, questiona a própria percepção da apatia juvenil, à qual se contrapõem uma série de interesses e atuações juvenis.

Abramo (2004) argumenta, ainda, que os valores e atitudes dos jovens frente à política mostram, além da desconfiança, do pessimismo e da distância, uma crítica ativa e um desejo de mudança. Os ideais, os sonhos e o desejo de uma sociedade mais justa continuam presentes na vida dos jovens. O que parece ter mudado são os meios pelos quais se pretende atingi-los.

A grande variedade de organizações juvenis atuais reflete-se nas visões de mundo, ideais, aspirações e modos de participação da juventude. Assim, aliada às formas tradicionais de participação, como os movimentos estudantis, partidários, sindicais e

religiosos, outras maneiras de se organizar socialmente surgem no cenário juvenil. É preciso, conforme aponta Mische (1996), voltar a atenção para os grupos e movimentos organizados, onde acontece muito mais no meio juvenil do que se imagina e do que é revelado pela grande imprensa.

Há opções diversas para um jovem que se sente atraído pela participação política / social. Além dos grêmios livres, centros acadêmicos e outras instâncias do movimento estudantil e dos partidos políticos, existem inúmeros movimentos sociais, desde os de bairros populares até os que expressam as lutas de negros, mulheres, povos indígenas e homossexuais. Existem, ainda, as ONG's nas áreas de meio ambiente, educação, direitos humanos e cultura, que ganharam força nos anos 1980 e 1990 (Mische, 1996). Citamos ainda a participação voluntária em diferentes instituições e espaços. De acordo com Smith (1999) a participação em associações voluntárias representa um tipo de relação produtora de normas de reciprocidade, confiança social e outras formas de capital social.

Nesse cenário atual o movimento Hip Hop ganha destaque e se apresenta como um importante movimento social e cultural. De acordo com Moreno (2005), o Hip Hop desenvolve sua prática com base em uma cultura que critica a nação, a política e as desigualdades econômicas, raciais, educativas e sociais, propondo projetos de atuação com os jovens. Participam desse movimento, portanto, jovens que denunciam as desigualdades, mas que reagem e se colocam em suas produções culturais de modo diferenciado.

Herschman (1997) também destaca as músicas produzidas pelo Hip Hop como sendo de protesto, politicamente engajadas e que carregam dramaticidade, agressividade e indignação. De acordo com o autor, muitos artistas, dançarinos e fãs do Hip Hop continuam a pertencer a uma rede complexa de grupos que tem contribuído para a construção ou a

renovação das redes de solidariedade e, eventualmente, para a organização de movimentos sociais.

A participação nesses novos movimentos parece demonstrar que o fato de os jovens atuais não empunharem bandeiras de inovação em certas áreas, especialmente na arena política tradicional, não significa necessariamente indiferença quanto ao rumo dos acontecimentos (Herschmann, 1997).

2.4 Socialização política e capital social – a importância da participação

Um aspecto que merece destaque relaciona-se à importância da participação social juvenil, tanto para o desenvolvimento da sociedade e da democracia quanto para o dos próprios jovens. De acordo com Müxel (1997), o estado de saúde de um sistema político e de uma organização social depende do relacionamento que os jovens estabelecem com a política:

Reflexo e, ao mesmo tempo, antecipação do futuro, a juventude cristalizaria, a partir dos pressupostos que fundamentam sua identidade e sua especificidade – entre outras coisas, a inocência da mocidade, a força de suas motivações, a exigência de suas expectativas e de suas aspirações, ou ainda a necessidade de se tomar parte e se colocar na sociedade – , as condições da aceitabilidade ou da rejeição do sistema político vigente (p. 151).

São os jovens, portanto, que definirão a continuidade ou a mudança da sociedade como está atualmente configurada e de suas instituições sociais (Abramo, 2004). Dessa forma, a investigação a respeito das motivações e das formas de participação juvenil é também uma investigação sobre o futuro da democracia.

Nazzari (2007) chama a atenção para a existência de lacunas na Ciência Política no que diz respeito aos temas de capital social e socialização política da juventude. Entende-se como capital social:

o processo e o instrumento de empoderamento do cidadão e que pode mudar as relações pessoais e intercâmbios sociais que gerem mais redes de cooperação e solidariedade. Desta maneira, o capital social pode ser incrementado pelo processo de socialização potencializando comportamentos participativos e cidadãos (Nazzari, 2007, p. 507).

De acordo com Smith (1999) o capital social serve como um importante recurso na socialização de normas e comportamentos politicamente relevantes como o desejo de participar em benefício da sociedade.

Camino (1996), ao discutir a elaboração de uma teoria psicossociológica da socialização política, afirma que “a socialização política do adolescente se dá na medida em que ele começa a reconhecer seus interesses a partir de sua inserção ativa nos diversos grupos da sociedade” (p. 31).

Podemos citar a família, a religião e a escola como importantes agentes de socialização política (Gianordoli-Nascimento, 2006; Nazzari, 2007; Smith, 1999). “Assim, a participação dos jovens em associações e outras formas de interação social é criadora de capital social, porque tem efeitos na socialização política” (Nazzari, 2007, p. 514).

Conforme aponta Nazzari (2007) as variáveis principais do capital social (confiança, cooperação e participação grupal) têm sido favorecidas pelo processo de socialização política vigente, o que poderia estar desenvolvendo atitudes de apatia e indiferença nos jovens.

Por outro lado, propiciar a participação cidadã dos jovens também resulta em uma série de benefícios para aqueles que participam. De acordo com Velásquez, Martinez & Cumsille (2004) algumas investigações têm enfatizado a relevância da participação juvenil para o desenvolvimento de habilidades, para o acúmulo de capital social e para a formação dos jovens como cidadãos ativos em suas comunidades.

A participação social contribui, também, para que os jovens tenham a possibilidade de fazer planos mais compatíveis às suas necessidades e valores, aumentando os sentimentos de eficácia e responsabilidade e diminuindo os sentimentos de alienação e anonimato (Velásquez, Martinez & Cumsille, 2004).

Maciel, Brito e Camino (1998) procuraram investigar as explicações das diferenças sócio-econômicas em um grupo de meninos em situação de rua e como essas concepções poderiam ser influenciadas pela participação em organizações próprias desse segmento social. Os sujeitos da pesquisa foram meninos de rua participantes e não-participantes do Movimento Nacional de Meninos e Meninas de Rua (MNMMR). Os resultados mostraram que, enquanto os meninos não-vinculados ao MNMMR atribuem a pobreza a causas impessoais (fatalistas ou religiosas), os meninos participantes atribuem-na a causas sociais, concebendo o homem como um ser capaz de superar as dificuldades impostas pela sociedade.

Os dados mostram, portanto, que a participação em uma organização militante, no caso o Movimento Nacional de Meninos e Meninas de Rua, propiciou aos meninos a construção de uma cidadania de maneira diferente daqueles que não participam de alguma organização ou movimento. A participação social desempenhou, nesse sentido, um importante papel no desenvolvimento do empoderamento psicológico, do pensamento

crítico e do sentimento de responsabilidade desses meninos (Maciel, Brito e Camino, 1998).

2.5 A participação político-partidária

O distanciamento das formas convencionais de participação política – entre elas os partidos políticos – por parte dos cidadãos em geral e dos jovens em particular tem sido apontado por diversos autores (Baquero, 2001; Camino, 1996; Pérez, 2006; Ponte de Souza, 1999; Venturi e Bokany, 2005). Camino (1996) destaca que, se por um lado o bom funcionamento da democracia depende da participação política responsável do cidadão, por outro, diversas pesquisas mostram que na sua grande maioria os cidadãos parecem manter-se distantes do processo político.

Alguns estudos têm procurado investigar as orientações e atitudes políticas dos jovens e suas representações sociais a respeito de temas políticos relevantes, como democracia, cidadania e direitos humanos (Camino, Lima e Torres, 1997; Pereira e Camino, 2003; Schmidt, 2001; Souza, Rosa, Effgen, Paiva, Toniato e Alvim, 1998).

Os dados levantados por Schmidt (2001), em uma pesquisa realizada com alunos do ensino médio, apontaram para um alto grau de insatisfação com a sociedade e o sistema político por parte dos jovens, além de uma carência de referenciais políticos e ideológicos – já que mais de 40% dos respondentes não expressam simpatia por qualquer dos partidos existentes e apenas 2,2% estão filiados a algum partido.

Na pesquisa Perfil da Juventude Brasileira (Abramo e Branco, 2005), os dados também apontam que apenas 1% dos entrevistados participa em um partido político, 3% já participaram e 12% gostariam de participar. Entretanto, outros dados dessa mesma pesquisa mostram que 82% dos jovens afirmam a importância dos partidos políticos, 47%

identificam-se com e 35% confiam nos partidos. Kriscke (2005) destaca que esses dados são numericamente equivalentes, ou até superiores, aos observados entre os jovens europeus.

Por outro lado, conforme aponta Pérez (2006) as instituições políticas têm se mantido intactas, o que reforça o papel dos partidos políticos como interlocutores entre o sistema político e a cidadania. Dessa forma, apesar da crise de representatividade dos partidos políticos no México e em outros países, o autor afirma que se torna necessário destacar que os processos eleitorais continuam sendo parte central do regime e que os partidos políticos são indispensáveis para os mesmos.

De acordo com reportagem divulgada pelo Jornal A Tribuna em de 18 de março de 2007, os líderes estudantis, geralmente “jovens engajados, com poder de liderança e por dentro das principais discussões políticas”, são constantemente abordados por diferentes partidos políticos interessados em sua filiação partidária. Segundo a reportagem, entre as estratégias utilizadas pelos partidos estão: a aproximação de lideranças comunitárias e estudantis, o convite para participar de reuniões e a utilização da internet como mecanismo de comunicação.

Com os objetivos de se aproximarem das questões relativas aos jovens e de incentivarem a sua participação partidária, os partidos políticos procuram criar meios de comunicação direta com a juventude, além de apresentarem políticas específicas para esse segmento.

A adesão dos jovens ao sistema democrático tem sido um tema constantemente debatido em diversos estudos (Bermúdez, Savino e Zenklussen, 2004; Pérez, 2006; Schmidt, 2001). Os dados de Schmidt (2001) mostram que pouco mais da metade dos jovens que participaram da pesquisa (55%) manifestam preferência incontestada pela

democracia. Os demais se dividem entre adeptos da ditadura em certas circunstâncias, indiferentes ou indefinidos. “Os jovens brasileiros não se destacam, portanto, nem por excepcionais convicções democráticas, nem por peculiares propensões autoritárias quando confrontados com os brasileiros de outras faixas etárias” (Schmidt, 2001, p. 327).

A pesquisa Perfil da Juventude Brasileira (Abramo e Branco, 2005) encontrou dados semelhantes aos de Schmidt: 53% dos jovens pesquisados afirmaram que a democracia é sempre melhor do que qualquer outra forma de governo. Entre os demais participantes, 16% consideram que em certas situações é melhor uma ditadura do que um regime democrático, 22% afirmam que tanto faz e 8% não souberam responder.

De acordo com Schmidt (2001), há uma série de traços que se repetem nas pesquisas realizadas em diferentes pontos do Brasil: “preferência pela democracia num sentido abstrato, baixa eficácia política, descrença nos políticos e nas instituições, sensibilidade para ideais de mudança, mas sem orientações ideológicas definidas, pequena participação política efetiva” (p. 209). Ainda de acordo com o autor, esses elementos “fundamentam a hipótese (...) de que os jovens do final dos anos 1990 partilham da *cultura política híbrida* que caracteriza a percepção política dos adultos brasileiros, cultura essa marcada pela presença tanto de elementos democráticos, como autoritários, de descrença e de apatia” (Schmidt, 2001, p. 209).

Bermúdez, Savino e Zenklussen (2004), investigaram as representações de democracia e participação entre jovens da cidade de Córdoba, na Espanha. A participação política é representada como uma experiência de aprendizagem e cooperação, sustentada na responsabilidade e compromisso pessoais e fortemente vinculada aos processos eleitorais. A democracia é positivamente valorada e está associada às idéias de liberdade e igualdade. Por outro lado, há uma diferença entre a democracia em termos teóricos, considerada como

o melhor regime político, e tal como ela funciona na prática, distorcida pelo clientelismo e pela corrupção.

Os jovens entrevistados pelos autores também destacaram a inexistência de condições “adequadas” para a participação juvenil, entre elas, a ausência de procedimentos concretos para a canalização dos interesses específicos desse grupo etário e a insuficiência de informações sobre as formas de participação disponíveis (Bermúdez, Savino e Zenklussen, 2004).

Conforme aponta Camino (1996), “a contradição existente entre a vontade de viver numa democracia e a disposição a participar ativamente na política mostra a necessidade atual de entender melhor como se desenvolvem, nos cidadãos, as atitudes que levam a uma participação responsável no sistema político” (p. 14).

Essa é uma das razões que justificam a importância de se investigar as motivações e interesses de jovens que optaram por filiarem-se a um partido político, sujeitos que participaram da presente pesquisa.

Pereira e Camino (2003) analisaram as representações sociais dos estudantes universitários paraibanos sobre Direitos Humanos e a relação dessas representações com seu posicionamento político. Em relação à preferência partidária, 45% dos estudantes afirmaram não ter identificação partidária, 39% têm simpatia pelo PT, 9% preferem o PMDB, 3% o PSDB e 2,5% o PFL. Constatou-se também que todos os outros partidos juntos reúnem apenas 1,5% da preferência partidária.

Os resultados da pesquisa mostraram que a simpatia pelo PT está associada a uma visão negativa da atuação do governo brasileiro nesses direitos. Há de se considerar que a publicação da pesquisa é de 2003, ano em que o PT chegou à presidência. Os simpatizantes do PFL tendem a discordar de que o governo brasileiro deveria se envolver nos direitos, já

que consideram que não cabe ao Estado papéis reguladores, enquanto os simpatizantes do PMDB, governo na Paraíba no momento da entrevista, acham que ele cumpre bem o seu papel regulador (Pereira e Camino, 2003).

Percebe-se, assim, que há uma relação direta entre a simpatia por determinado partido e a representação do envolvimento com os Direitos Humanos. De maneira semelhante, pretende-se neste trabalho investigar as trajetórias de participação e as representações sociais de participação, política, juventude e gênero entre jovens militantes filiados a diferentes partidos políticos.

2.6 Participação social / política e gênero

A participação política feminina caracteriza-se, a partir das últimas décadas, pela conquista, por parte das mulheres, de novos espaços de atuação e direitos civis.

Sob o ideário histórico do feminismo, a condição da mulher transformou-se, na sociedade ocidental, a partir da relação com os homens, desde a conquista histórica do voto, o crescimento das oportunidades de trabalho com salários mais próximos aos deles, o direito ao divórcio, o controle sobre o uso do próprio corpo em relação à saúde, mesmo que longe de uma condição de equidade (Ponte de Souza, 2006a, p.1).

Gianórdoli-Nascimento (2006), ao investigar e discutir a militância política de mulheres brasileiras durante a ditadura militar, enfatiza a construção social da identidade feminina, que passa por intensas transformações a partir dessa época. De fato, conforme aponta Ridenti (1990), a participação das mulheres contra o regime militar favoreceu o rompimento com o “estereótipo da mulher restrita ao espaço privado e doméstico, enquanto mãe, esposa, irmã e dona de casa, que vive em função do mundo masculino” (p. 114).

Por outro lado, Ridenti (1990) afirma que, apesar de muitas mulheres tomarem parte nas lutas políticas, questionando a ordem estabelecida em todos os níveis, suas reivindicações não tinham um caráter explicitamente feminista, o que só iria acontecer nos anos 70 e 80. Gianórdoli-Nascimento (2006) afirma, em seu estudo, que o machismo existente nas organizações de luta contra o regime militar foi apontado, direta ou indiretamente, por todas as mulheres entrevistadas. “No entanto, durante a militância ainda não tinham adquirido uma consciência explicitamente feminista da especificidade da condição da mulher na luta política cotidiana, embora tivessem algumas atitudes ou incômodos nas relações, que já apontavam essa direção” (Gianórdoli-Nascimento, 2006).

Rodrigues (2001) chama a atenção para a relação, muitas vezes conflituosa, entre os movimentos feministas e os partidos políticos. De acordo com a autora, a partir da afirmação do feminismo nos anos 60 / 70, as mulheres passaram a criticar os partidos, tanto os de direita quanto os de esquerda, acusando-os de utilizarem-se das mulheres para os seus projetos partidários “masculinos” e de reproduzirem práticas sexistas e autoritárias.

Dessa forma, em relação à participação partidária atual das mulheres Araújo (2005) destaca que é necessário considerar três aspectos simultaneamente: a dimensão histórica, ou seja, “a exclusão das mulheres no advento da condição de cidadãs e da ordem política moderna” (p. 193); as manifestações culturais, que resultam muitas vezes em práticas preconceituosas e discriminatórias envolvendo as relações de gênero e que também se manifestam no interior dos partidos; e, finalmente, as características sócio-econômicas mais gerais dos países e as dimensões do sistema político, incluindo as características do sistema partidário.

Araújo (2005) observou que, entre os sujeitos entrevistados em sua pesquisa, os homens têm uma história mais antiga de envolvimento partidário. De acordo com a autora,

“essa trajetória de militância mais longa resulta em maior inserção nas instâncias diretivas do partido, o que, no entanto, não é algo particular a esse universo, refletindo os padrões de inserção por gênero” (p. 208).

Por outro lado, Ponte de Souza (2006a) afirma que apesar de existir certa representação dos homens como mais capazes e preparados para assumir funções de direção, ela não encontrou, em seu estudo com jovens do sexo feminino participantes de um movimento coletivo, a aceitação passiva do outro sexo como portador das vontades coletivas. Soma-se a isso o fato de que essas jovens não percebem diferenças qualitativas entre o seu fazer político e o dos jovens do sexo masculino.

Araújo (2005) aponta que, segundo a literatura, o engajamento político das mulheres tem sido mais estimulado pelos partidos considerados de esquerda, apesar de haver um aumento no número de partidos de outros espectros ideológicos que também incluem as questões femininas em suas agendas e iniciativas.

Apesar do expressivo interesse de estudos sobre a juventude e, em particular, sobre a participação social e política dos jovens, parece haver uma grande lacuna no que diz respeito à presença feminina nas manifestações político-culturais (Weller, 2005; Muller, 2004). “É comum encontrarmos publicações sobre juventude e culturas juvenis que compreendem a categoria juventude como um todo, ou seja, que não fazem uma distinção entre jovens adolescentes do sexo feminino e do masculino” (Weller, 2005, p. 108).

Também as práticas culturais juvenis e suas formas de representação, como modos de se vestir, preferências por estilos musicais e visões de mundo dos jovens, são analisadas a partir do olhar masculino dos membros dos grupos e, muitas vezes, a partir do olhar masculino do próprio entrevistador (Weller, 2005). De acordo com a autora, “as poucas referências às jovens adolescentes nessas pesquisas estão relacionadas à afetividade e

sexualidade nas galeras ou gangues ou à maternidade na adolescência” (Weller, 2005, p. 108).

Weller (2005) argumenta, ainda, que, quando vistas de forma superficial e estereotipada, algumas culturas juvenis femininas parecem não demonstrar uma atitude de protesto ou resistência às desigualdades étnicas e de classe. Da mesma forma, a participação feminina pode se tornar invisível frente a análises que restrinjam a participação social juvenil a certas atividades e espaços de atuação.

Velásquez, Martínez & Cumsille (2004) investigaram as diferenças na frequência e no tipo de participação de homens e mulheres jovens, no Chile. Os resultados mostraram que não existe diferença na frequência de participação, ou seja, as mulheres não participam menos, mas participam em atividades distintas. Esses dados, de acordo com os autores, se contrapõem aos de outras pesquisas nacionais que mostram a participação significativamente menor das mulheres (INJUV; MIDEPLAN, citados por Velásquez, Martínez & Cumsille, 2004).

Em relação ao tipo de participação, os dados mostram que as meninas participam mais do que os meninos em atividades pró-sociais, do tipo voluntário e solidário. No caso da participação ativista, na luta pública por determinadas causas, os resultados indicam que não existem diferenças significativas em termos de quantidade de participação, embora se observe uma tendência levemente maior entre os meninos (Velásquez, Martínez & Cumsille, 2004). Verifica-se, assim, que a construção da cidadania e da participação social está intimamente relacionada com a socialização de gênero.

Além disso, é preciso questionar por que certas formas de atuação adquirem maior visibilidade do que outras. É necessário, conforme aponta Velásquez e Martínez (2004), que certos valores e características atribuídos às mulheres, como maior sensibilidade às

necessidades e sentimentos das pessoas e preocupação com o bem-estar do outro, transformem-se em valores universais e, portanto, esperáveis e desejáveis no comportamento tanto de homens como de mulheres.

2.7 A teoria das representações sociais como aporte teórico

Utilizamos a Teoria das Representações Sociais (Moscovici, 1978) como aporte teórico para análise e discussão das informações obtidas. A representação social, conforme definição clássica apresentada por Jodelet (2001), “é uma forma de conhecimento socialmente elaborada e partilhada, com um objetivo prático, e que contribui para uma realidade comum a um conjunto social” (p. 22). Ainda de acordo com Jodelet (2001), criamos representações sociais devido à necessidade de estarmos informados sobre o mundo à nossa volta, sobre como devemos nos comportar diante dele e sobre como identificar e resolver os problemas que se apresentam.

De acordo com Trindade (1996), ao propor o conceito de representações sociais, Moscovici passa a enfatizar e valorizar o conhecimento produzido pelo senso comum, descartando alguns adjetivos associados a ele, como “pobre” e “viesado”.

Um aspecto importante das representações sociais e que, segundo Abric (1998), apresenta-se como ponto de partida da teoria, é o abandono da distinção clássica entre sujeito e objeto. “O objeto está inscrito num contexto ativo, sendo este contexto concebido pela pessoa ou grupo, pelo menos parcialmente, enquanto prolongamento do seu comportamento, de suas atitudes e das normas às quais ele se refere” (Abric, 1998, p. 27). Ainda segundo o autor, não existe uma realidade a priori, mas “toda realidade é representada, quer dizer, reapropriada pelo indivíduo ou pelo grupo, reconstruída no seu

sistema cognitivo, integrada no seu sistema de valores, dependente de sua história e do contexto social e ideológico que o cerca” (Abric, 1998, p. 27).

A concepção de sujeito presente nas propostas teóricas de Moscovici é, portanto, a de um sujeito ativo, construtor da realidade e nela construído (Santos, 2005). É nas relações sociais e cotidianas que sujeitos e objetos são criados e recriados dialeticamente.

As representações sociais não são estáticas, mas modificam-se conforme as condições sociais, culturais e históricas. De acordo com Abric (1998), as representações dependem tanto de fatores circunstanciais quanto de fatores globais, como o contexto social e ideológico, o lugar do indivíduo na organização social, a história do indivíduo e do grupo, os determinantes sociais e os sistemas de valores.

Não estamos isolados nesse processo de conhecimento da realidade, mas “partilhamos esse mundo com os outros que nos servem de apoio, às vezes de forma convergente, outras pelo conflito, para compreendê-lo, administrá-lo ou enfrentá-lo. Eis por que as representações são sociais e tão importantes na vida cotidiana” (Jodelet, 2001, p. 17).

De fato, é nas relações sociais cotidianas que criamos representações sociais. De acordo com Sá (1995), a mobilização de tais representações acontece nas ocasiões e lugares onde as pessoas se encontram informalmente e se comunicam: durante as refeições, nas filas de bancos e supermercados, no trabalho, na escola.

As representações são, portanto, produtos sociais, e dessa forma, só podem ser analisadas se for levado em consideração o contexto social no qual são elaboradas e compartilhadas. De acordo com Joffe (2003), “as diferenças nas representações sociais que diferentes indivíduos sustentam podem ser atribuídas às diferentes posições sociais de cada

indivíduo” (p. 315). Jodelet (2001) destaca a pertença e a participação sociais ou culturais do sujeito como particularidades na análise das representações sociais.

Dentre as funções das representações sociais, apontadas por Abric (1998), encontra-se a função identitária. De acordo com o autor, ao compartilhar determinadas representações sociais, um grupo pode ser definido e diferenciado de outro grupo, possibilitando os processos de comparação social. “Assim, a representação social possibilita uma identidade grupal e, por consequência, permite a diferenciação grupal. Por outro lado, o sujeito que compartilha uma representação social com um grupo determinado sente-se como pertencente aquele grupo e não a outro” (Santos, 2005, p. 34).

Bonomo, Trindade, Souza e Coutinho (2008), ao analisarem as relações intergrupais estabelecidas entre comunidades rural e cigana, identificam elementos de representação positivos associados ao próprio grupo e elementos negativos relacionados ao outro grupo. Assim, as representações sociais aparecem como uma forma de proteção e valorização da identidade grupal.

Em relação à categorização social, Gianórdoli-Nascimento (2006) discute a dinâmica que pode ser percebida entre os diversos grupos sociais mencionados pelas mulheres que militaram contra a ditadura militar, como por exemplo, grupos de militantes e não militantes, de direita e de esquerda.

É possível que, em nossa pesquisa, os relatos dos jovens participantes coloquem em relevo aspectos positivos relacionados à trajetória política de seu grupo partidário e negativos associados aos jovens de outras filiações partidárias ou tendências políticas. Pressupomos que essas atribuições estão relacionadas com sua condição de jovens rapazes ou moças e, portanto com suas representações sociais de participação, de política, de

juventude e de gênero. Podem relacionar-se também com as motivações que os levaram e os mantêm na participação política e suas representações sociais sobre a mesma.

3 OBJETIVOS

3.1 Objetivo Geral

Identificar e descrever a trajetória de militância partidária de jovens filiados a diferentes partidos políticos do cenário brasileiro relacionando com suas representações sociais sobre participação, política, juventude e gênero.

3.2 Objetivos Específicos

Identificar e descrever as principais causas e motivações da militância partidária entre jovens de ambos os sexos;

Identificar e descrever os reflexos dessa participação em sua inserção em outros grupos sociais como família, amigos, escola e trabalho;

Identificar e descrever a influência da participação político-partidária na construção da identidade desses jovens;

Identificar e descrever elementos de representações sociais de participação, de política, de juventude e de gênero considerando sua inserção partidária e suas representações de participação e de política.

4. TRAJETÓRIA METODOLÓGICA – DAS REFLEXÕES ÀS DECISÕES

4.1 A abordagem qualitativa como opção metodológica

No processo de realização da investigação, algumas decisões metodológicas precisaram ser tomadas, levando em consideração, sobretudo, os objetivos e a proposta da pesquisa. Considerando nosso principal objetivo, que foi o de apreender as trajetórias de participação política de jovens, bem como os significados, motivos e representações associados a esse processo, optou-se pela abordagem qualitativa.

Conforme Bogdan e Biklen (1994), a investigação qualitativa apresenta algumas características principais. Dentre elas, destaca-se o fato de o pesquisador ser instrumento principal ao investigar seus fenômenos de interesse no ambiente natural em que ocorrem; a investigação qualitativa ser descritiva, já que os dados são recolhidos em forma de palavras ou imagens e não de números; ênfase no processo mais do que nos resultados ou produtos; processo indutivo de análise dos dados e interesse no significado, na forma como diferentes pessoas dão sentido às suas vidas.

Nosso foco de interesse foi, portanto, a forma como os jovens participantes da pesquisa vivenciam e dão significado ao processo de participação política do qual fazem parte, que fatores influenciaram sua inserção nesse processo, que representações compartilham ou não a respeito de temas como política, participação, juventude e gênero. Esse interesse está de acordo com a abordagem qualitativa, já que, conforme aponta Gaskell (2002), “a finalidade real da pesquisa qualitativa não é contar opiniões ou pessoas, mas ao contrário, explorar o espectro de opiniões, as diferentes representações sobre o assunto em questão” (p. 68).

A maioria dos investigadores qualitativos identifica-se, segundo Bogdan e Biklen (1994), de alguma forma com a perspectiva fenomenológica. O interesse dos investigadores está voltado para a compreensão dos significados atribuídos pelos participantes aos diferentes acontecimentos da vida cotidiana e para a forma como são construídos. “Ainda que existam diversas formas de investigação qualitativa, todas partilham, até certo ponto, o objetivo de compreender os sujeitos com base nos seus pontos de vista” (Bogdan e Biklen, 1994, p.54). A fenomenologia também foi base para o método de análise de dados escolhido, conforme será apresentado mais adiante.

Não temos como objetivo fechar a discussão em torno da comparação entre jovens de filiações partidárias diferentes. Como estamos lidando com a abordagem qualitativa, temos o interesse não de limitar a compreensão, mas de expandi-la, trazendo, dessa forma, a diversidade presente nas trajetórias desses jovens, que optaram por uma forma tradicional de participação, indo contra o discurso hegemônico em relação à juventude. Apontaremos e discutiremos, ainda, as relações de gênero presentes nesse processo de participação, possíveis discriminações ou avanços na forma de lidar com essa questão.

4.2 Participantes

Inicialmente, tínhamos o interesse de entrevistar jovens, com no máximo 21 anos, filiados a dois partidos políticos com posição oposta no espectro político nacional, sendo um considerado de esquerda e outro de direita. No entanto, assim que iniciamos a coleta de dados, verificamos a dificuldade que tínhamos em conseguir participantes com essa faixa etária, principalmente no partido considerado de direita. Na primeira conversa com o presidente da juventude desse partido, tivemos a informação de que não havia jovem com

menos de 27 anos filiado ao partido. Percebemos que são considerados jovens nesses partidos os filiados com até 35 anos de idade.

Mudamos, então, nossa estratégia metodológica, e optamos por outro critério de seleção dos participantes. Considerando a dificuldade em conseguir um número suficiente de jovens filiados a um mesmo partido político e como nosso interesse não era o de estudar a história, as ações e programas de partidos específicos, optamos por entrevistar jovens com filiações partidárias diversas, sendo que a identificação no espectro político seria fornecida pelo próprio participante.

Quanto à faixa etária, optamos por entrevistar jovens que se considerassem ou fossem considerados como tal por outros integrantes do partido. Limitamos, no entanto, a idade máxima em 25 anos.

Foram entrevistados oito jovens, com idades entre 19 e 25 anos, quatro do sexo feminino e quatro do sexo masculino, filiados a algum partido político pelo tempo mínimo de um ano. Apesar de quase todos os participantes estarem associados a alguma função ligada ao poder legislativo, esse não foi um pré-requisito para a escolha dos sujeitos. Todos os participantes se dispuseram a colaborar prontamente após o primeiro contato para convite e esclarecimento sobre a pesquisa.

4.3 Instrumento de coleta de dados

Os dados foram coletados por meio de entrevistas qualitativas individuais, realizadas a partir de um roteiro semi-estruturado (ANEXO I), que abrangia os seguintes tópicos:

1. Caracterização do sujeito: idade, estado civil, naturalidade, local de moradia, local principal de atuação, escolaridade, profissão e religião;

2. Trajetória de militância – da socialização política à filiação partidária: existência de participação política dos pais ou familiares, motivações para a militância em geral, participações anteriores à filiação partidária; histórico da filiação, avaliação e reflexos da participação em outros grupos sociais (família, amigos, namoro/casamento e trabalho);
3. Reflexões sobre Juventude: associação entre a juventude do partido e as outras instâncias, impressões dos “adultos” a respeito da participação dos jovens, reflexões a respeito do engajamento político e social dos jovens atuais, possibilidade de existência de diferenças na forma de se posicionar no mundo entre jovens que participam e que não participam;
4. Reflexões sobre gênero: possíveis diferenças de gênero percebidas na participação partidária, tanto na ação quanto no tratamento dos (as) militantes; percepção da contribuição da política na vida pessoal de homens e mulheres; percepção da contribuição de homens e mulheres para a política; possibilidade de existência de formas diferentes de “ser político” entre homens e mulheres;
5. Representações sociais de Participação e de Política: associação livre com os termos indutores participação e política; solicitação para colocar na ordem de maior importância os elementos surgidos a partir do termo indutor; justificativas para a escolha.

É importante ressaltar que o roteiro foi utilizado apenas como um guia, flexível o suficiente para se adaptar a cada jovem e às particularidades de sua trajetória de participação. Dessa forma, conseguimos obter um conjunto de dados referentes às opiniões, valores, motivações e representações de um grupo de jovens vivenciando uma situação semelhante – a de participação partidária – sem, contudo, nos preocuparmos em buscar generalizações.

O instrumento continha, ainda, um tópico solicitando aos participantes que posicionassem seu partido dentro do espectro político brasileiro, com base em uma escala de sete pontos que ia da extrema esquerda à extrema direita, passando pelo centro. Esse tópico nos proporcionou a possibilidade de trabalharmos os dados de acordo com o posicionamento apresentado pelos próprios sujeitos.

4.4 Procedimentos de coleta de dados

Primeiramente, fizemos contato com a sede municipal ou estadual dos partidos políticos, conversando com alguns de seus representantes (geralmente com o presidente do partido). Nessa primeira aproximação, apresentamos os objetivos da pesquisa e as características dos participantes que gostaríamos de entrevistar. O presidente do partido nos fornecia, então, o contato de algum jovem filiado ao partido.

Em seguida, fizemos contato telefônico com cada um desses jovens, explicando os motivos e objetivos da pesquisa. A receptividade à entrevista foi muito boa e todos se colocaram à disposição para contribuir.

As entrevistas foram agendadas conforme a disponibilidade dos participantes quanto a horário e local. Todas foram realizadas na casa do jovem ou em seu ambiente de trabalho ou estudo. Antes de iniciar as entrevistas, falávamos sobre os objetivos da pesquisa e sobre os procedimentos aos quais os participantes seriam submetidos. Em seguida, após estarem cientes do caráter confidencial e voluntário da participação, assinavam o Termo de Consentimento Livre e Informado (Apêndice II).

Todas as entrevistas foram realizadas pela pesquisadora e foram gravadas com a concordância dos entrevistados, sabendo que poderiam interromper a gravação a qualquer momento.

À guisa de pré-teste, foram realizadas três entrevistas preliminares, com os objetivos de verificar se os tópicos estruturados no roteiro contemplavam os objetivos e interesses da investigação e servir como treinamento para o pesquisador responsável pela coleta de dados, procurando a melhor maneira de conduzir a conversa.

4.5 Procedimento de análise de dados

Com base na perspectiva qualitativa e fenomenológica adotada ao longo da presente investigação, utilizamos o procedimento de organização de dados proposto por Bullington e Karlsson (1984), adaptado inicialmente por Trindade (1991). Trata-se de um método de pesquisa de base fenomenológica, aplicado a investigação psicológica, que tem inspirado uma série de trabalhos no campo da Psicologia.

De acordo com Trindade, Menandro e Gianórdoli-Nascimento (2007), a utilização desse método permite a busca da experiência “tal qual foi ou é vivenciada, respondendo ao questionamento sobre o que significa ter vivido esta ou aquela experiência” (p. 74). Dessa forma, o foco está no significado atribuído pelos próprios sujeitos aos fenômenos vivenciados.

Trindade, Menandro e Gianórdoli-Nascimento (2007) destacam, ainda, que o pesquisador deve analisar conjuntamente as trajetórias pessoais de experiência do fenômeno, “de forma a aproximá-lo do fenômeno vivido coletivamente”. Assim, pode-se conhecer como diferentes indivíduos experienciam uma condição comum a eles. Dessa forma, a utilização deste método apresenta-se bastante útil aos nossos propósitos de investigar como jovens com diferentes vivências sociais, culturais e familiares experienciam e dão significado à sua trajetória de participação política.

Os dados das entrevistas foram organizados seguindo as fases descritas por Trindade (1991):

Fase 1: Consiste na transcrição integral e leituras das entrevistas a fim de identificar as unidades de significado, que são “os aspectos das falas dos participantes que consideramos importantes para o nosso objetivo” (p. 36).

Fase 2: Consiste na reorganização da entrevista, distribuindo as falas literais dos entrevistados nas unidades de significado correspondentes.

Fase 3: As falas presentes nas unidades de significado são convertidas em linguagem padronizada, com uso da terceira pessoa do singular.

Fase 4: Consiste na transformação das unidades de significado em estruturas ou narrativas, “articulando os constituintes de significado específico encontrados nas respostas” (p.37).

As unidades de significado foram identificadas com base no roteiro de entrevista e em aspectos que foram sendo abordados ao longo das entrevistas: socialização política; motivações para a militância em geral; início da trajetória de participação política; trajetória de participação partidária; reflexos da participação na vida pessoal; juventude do e no partido político; representações sociais de juventude; outras juventudes partidárias; características da participação feminina no partido; comparação da participação de homens e mulheres na política; representações sociais de gênero; planos e expectativas pensados a partir da participação; representações sociais de política e de participação.

Cada uma das estruturas, de acordo com Trindade, Menandro e Gianórdoli-Nascimento (2007), “é uma articulação dos aspectos significativos de fenômenos relacionados à experiência vivenciada pelos participantes, permitindo apreensão mais integrada de cada um dos sujeitos e da articulação entre eles” (p. 87). O valor desse

instrumento torna-se, portanto, evidente, conforme apontam as autoras, pois possibilita uma visão globalizada do conjunto de sujeitos e a visão completa de cada um em particular.

Além disso, o próprio processo de utilização deste método, que nos obriga a diversas leituras e releituras do material, nos conduz a um conhecimento tão detalhado de cada um dos participantes, que se torna mais evidente os aspectos singulares e compartilhados (Trindade, Menandro e Gianórdoli-Nascimento, 2007).

A identificação das representações sociais de participação e de política foi feita com base na análise das evocações juntamente com análise de conteúdo temática do conjunto dos relatos dos participantes e será apresentada como um dos tópicos da discussão.

Feitas as considerações a respeito dos procedimentos metodológicos, partimos para a apresentação dos resultados, seção composta primeiramente por um quadro (Figura 01) que resume as informações sobre a caracterização dos participantes. Em seguida apresentaremos as estruturas narrativas de cada um deles. Devido às diferenças relatadas pelos sujeitos a respeito de suas trajetórias, algumas estruturas ficaram mais extensas do que as outras. Para não perder o caráter natural dos relatos e para garantir o anonimato dos participantes, optamos por identificar os jovens utilizando nomes fictícios no lugar de números ou letras. Atribuímos a eles nomes fictícios com origem na mitologia grega. Para as moças, foram escolhidos nomes de musas e para os rapazes, nomes de heróis. Na escolha dos nomes não houve preocupação em relacionar o participante com qualquer característica do personagem escolhido – trata-se apenas de “licença poética”. Em seguida, discutiremos os dados apresentados, tendo em vista tanto os aspectos singulares quanto aqueles compartilhados pelo grupo de participantes.

A discussão será realizada a partir de três eixos de análise:

1) *Trajelórias de militância – do contato com a política à participação partidária*

- O contato com a política;
- O início da trajetória de participação política;
- Motivações para a participação política;
- A filiação partidária;
- Os reflexos da participação na vida pessoal;
- O que planejam politicamente para o futuro.

2) Juventude e participação política

- As representações sociais de participação e de política;
- Os jovens e sua geração;
- Os jovens e as representações sociais de juventude;
- Os jovens e sua identificação política;
- Os jovens e os partidos políticos;
- Espaços tradicionais, novas sociabilidades.

3) Juventude, Participação e Gênero

- A invisibilidade feminina no campo da política;
- Representações sociais de gênero;
- Gênero e práticas sociais de militância.

5- RESULTADOS

5.1 Caracterização geral dos participantes

Apresentamos abaixo um quadro que resume características dos nossos participantes.

Figura 01 – Caracterização dos participantes

Nome	Partido	Partido (s) anterior (es)	Idade	Estado civil	Escolaridade	Profissão	Naturalidade
Clio	PSOL	Não tem	22 anos	Solteira	Sup Incomp.	Estudante	ES
Erato	PDT	PT	22 anos	Casada	Sup Incomp.	Assessora parlamentar	ES
Tália	PT	Não tem	19 anos	Solteira	Sup Incomp.	Estudante e estagiária da câmara	RJ
Urânia	PSB	Não tem	19 anos	Solteira	Médio Compl	Secretária órgão governo estado – cargo comissionado	ES
Aquiles	PTB	PMDB	23 anos	Solteiro	Sup Comp.	Assistente legislativo e trabalha em uma empresa	ES
Hércules	PSC	DEM e PP	23 anos	Solteiro	Sup Incomp.	Assistente legislativo	ES
Teseu	PT	Não tem	23 anos	Solteiro	Sup Incomp.	Assistente legislativo	ES
Ulisses	PSDB	Não tem	25 anos	Casado	Sup. Compl.	Analista de sistemas	ES

Como se pode observar, apenas três participantes tem história de filiação em partido anterior ao atual. Suas idades variaram de 19 a 25 anos e, com exceção de uma participante que é exclusivamente estudante, todos exercem trabalho remunerado, em sua maior parte relacionado a representantes legislativos. Dos oito participantes, sete são nascidos no Espírito Santo.

5.2 Estruturas narrativas: trajetórias de militância

CLIO - *“E aí você acaba vendo que você precisa de um projeto de sociedade maior, sabe? E aí você entra no partido”*.

Clio é solteira e estudante universitária. No momento da entrevista, militava no movimento estudantil e estava filiada ao Partido Socialismo e Liberdade (PSOL), único partido ao qual já se filiou, há aproximadamente um ano e meio. Considera seu partido como sendo de extrema esquerda, por ser um dos poucos partidos, na sua opinião, que possui verdadeiramente o socialismo como projeto político e também pelo fato dos demais partidos de esquerda estarem atrelados a governos e administrações.

Seu contato com a política começou quando ainda era criança, já que seus pais sempre foram muito atuantes politicamente e sempre a levavam para as reuniões. Seu pai iniciou sua participação no sindicato dos bancários e sua mãe no movimento de mulheres. Posteriormente, ambos se filiaram a um partido de esquerda, pelo qual o pai de Clio foi deputado estadual durante dois mandatos. Atualmente, seus pais estão filiados a um outro partido de esquerda, no qual ambos exercem cargo de assessor parlamentar.

Clio considera que foram seus pais que lhe ensinaram todas as concepções e idéias que atualmente possui. Segundo suas palavras *“aí eu costumo falar que grande parte da culpa da minha militância é deles. Não dá pra você chegar dentro de um movimento com preconceito e concepções erradas das pessoas e foram eles que me ensinaram isso”*. Também seu pai foi quem lhe mostrou inicialmente livros e textos que influenciaram sua formação. A influência ocorreu sem que isso implicasse direcionamento sobre qual opção política e partidária deveria fazer, tanto que Clio é filiada a um partido diferente do de seus pais. Ela diz que eles conversam muito sobre política e que às vezes acabam expressando opiniões muito divergentes, se desentendendo. Mas o pai sempre a ensinou a não misturar o político com o pessoal e ele acha importante que ela esteja filiada a um partido, mesmo não sendo o dele.

Durante o ensino médio, Clio não militou, pois houve um período em que se desinteressou por política: *“nada me incentivava, e eu comecei a ver umas coisas dentro dos partidos que começaram a me deixar muito triste e tal, e aí larguei um pouco na*

adolescência e aí comecei a estudar pro vestibular". O início de sua participação ativa aconteceu com a entrada no ensino superior e com o contato com as aulas de sociologia, a partir das quais começou a perceber e discutir os acontecimentos da sociedade e as contradições do sistema capitalista. Daí decorreu sua inserção no movimento estudantil.

Somente após uma atuação durante três anos no movimento estudantil fez opção por filiar-se a um partido político. Em sua opinião, as pessoas deveriam participar primeiramente dos movimentos sociais, pois é o espaço no qual começam a perceber o que acontece ao redor e onde aprendem a participar de diferentes organizações, com níveis de complexidade diversos. Em determinado momento, porém, começou a sentir a limitação da participação dos estudantes, que considerou ser restrita às questões internas do movimento: *"e aí você acaba vendo que você precisa de um projeto de sociedade maior do que só universidade, sabe? E aí você entra no partido. E aí eu escolhi o partido"*.

Para ela, os partidos são espaços importantes de formulação e formação política. *"Você é formado lá dentro, tanto teórico como prático. E de formulação também, assim, que... que lá dentro você formula muito, traça táticas, estratégias, formação mesmo, política pública, pra governo, e tal, e também é um espaço centralizado. Eu gosto muito disso"*. Foram essas características que a motivaram a se filiar.

Atualmente, a função de Clio como membro do partido é atuar no movimento estudantil. Entretanto, ela participa também dos fóruns de deliberação do partido, plenárias, congressos e reuniões. Mas ela deixa claro que seu foco atualmente não é o partido, mas sim o movimento estudantil. Em relação à sua participação partidária, Clio avalia como sendo menor do que gostaria, e atribui essa condição à sua sobrecarga de tarefas. Por outro lado, dentro do movimento estudantil, sua participação é muito grande e ela está a todo tempo construindo, debatendo e participando.

Para Clio, a política mudou completamente a sua vida, desde a sua rotina até a forma de enxergar o mundo e a si mesma, incluindo aspectos psicológicos *"... Ah, é uma coisa pessoal, mas eu vou falar. Eu tinha coisas comigo, problemas com meu físico, com minha estatura, assim, coisas que acontecem, sabe? E que hoje eu não tenho mais. Eu não vejo que esse é o problema, tá entendendo? E quando eu atuo num coletivo, eu enxergo ... não menos pra mim, sabe? Mas eu não fico só nos meus conflitos"*. Ela se considera hoje muito mais feliz do que antes de começar a participar.

A participação política trouxe reflexos na vida pessoal de Clio. O seu círculo de amizades, por exemplo, passou a se restringir muito ao do partido. *“Por você estar ali o tempo todo, fazendo as coisas, e tal, estudando, você acaba criando um vínculo de amizade ali dentro. E aí você... por você ter uma vida muito parecida uma com a outra, assim, e concepções parecidas, acaba que você cria muita amizade com essas pessoas. A conversa flui muito mais (...) você se identifica muito mais com as pessoas que são parecidas com você, que tem o mesmo projeto de vida”*. Depois que começou a militar partidariamente, Clio passou a sentir as diferenças de concepções e de idéias entre ela e os amigos que moram no seu bairro: *“os meus amigos... tem umas certas idéias que a gente costuma chamar de burguesas, concepções diferentes das minhas que eu to criando agora, né? E aí às vezes discordam, mas respeitam muito”*. Ela tenta, portanto, não conversar sobre assuntos de política quando está com esses amigos de fora da militância. Considera esses momentos como uma *“válvula de escape”*, pois dentro da militância acaba sempre conversando sobre política, e nesses outros espaços tem a possibilidade de conversar sobre *“coisas mais leves”*.

Ainda no plano pessoal, a militância de Clio afetou seu relacionamento com o namorado, que não tem atuação política e faz críticas ao marxismo e à esquerda. Após três anos de namoro ele começa a aceitar melhor sua participação, apesar de sua militância continuar a se constituir no motivo principal das brigas do casal. Além de preocupar-se pelo fato de ser mulher e liderança política, o que mais incomoda seu namorado é a falta de tempo de Clio.

Juventude e/na política

Clio acha que nos partidos em geral a juventude tem sido tratada como *“mão de obra”*, *“tarefeiros”*. Ela atribui essa condição à estrutura viciada dos partidos, nos quais os espaços de formulação e discussão são exclusivos das pessoas mais velhas. Para ela, isso representa certa desvalorização dos jovens, que sentem essa condição em algumas situações, como nos períodos de campanha eleitoral, em que a única forma de participação incentivada é o trabalho de panfletagem. Em relação ao partido em que é filiada, acrescenta o seguinte exemplo: *“... quando a gente tira uma política pra disputar dentro da corrente*

do partido, aí nem sempre eles dão atenção pra isso. Isso não é tão forte, assim, a gente sente, sabe? Às vezes dentro das reuniões a gente reclama, 'pô, aconteceu isso, a juventude não é valorizada', infelizmente, assim". Entretanto, afirma que essa condição vem sofrendo mudanças. Os jovens são maioria dentro do PSOL, que possui em suas estruturas movimentos de juventude a partir dos quais participam também da direção e do trabalho de formulação das políticas do partido. Além disso, a maior parte dos jovens filiados ao seu partido tem participação em outros tipos de organizações, principalmente no ME, mas também no movimento negro e em sindicatos (juventude trabalhadora).

Clio fala sobre as relações decorrentes destas várias linhas de atuação dos jovens. Em relação ao ME, afirma existir muito preconceito em relação à juventude partidária. Afirma que na instituição em que estuda há um histórico de militantes de diferentes partidos que cometeram alguns equívocos dentro do ME, como fraudes, o que fez com que se criasse *"um certo ranço"* contra a juventude partidária, que tenta *"desconstruir"* isso, o que leva tempo. Entretanto, tem pessoas que respeitam muito a condição de filiados: *"... Se você e as pessoas do seu partido têm um histórico de não ter vícios dentro do movimento estudantil, de construir mesmo junto, e tal, eles já não te olham assim. Agora, tem partidos aqui dentro que já não existem mais por causa disso"*. Para ela, a participação dos partidos no ME ocorre em nível nacional e, na instituição em que estuda atuam alguns militantes do PSB, mas os partidos com presença mais forte são o PSOL e o PT.

No que diz respeito à convivência entre militantes de diferentes partidos no âmbito do ME, afirma que com os filiados do PT a relação era muito boa, mas que de um tempo para cá está ficando muito difícil: *"... Na verdade nas chapas que eles formam eles falam que são independentes, mas não são. E a gente acaba ficando com raiva, porque, por exemplo, tem um debate, aí vai um estudante lá e fala que os militantes de partido não deveriam participar do movimento estudantil, e aí eles vão lá e não defendem, entendeu? A gente vai lá e defende sozinho 'não, mas o partido é um espaço importante', a gente vai explicando e tal, e eles não fazem isso. Aí a gente fica p da vida ..."*.

Clio acha que é ainda mais difícil lidar com os jovens que militam em partidos de direita do que com os jovens que não participam de nenhum partido ou movimento. *"Os que militam na direita são os querem mesmo a manutenção desse sistema, né? E a gente sabe que são pessoas que, tipo, não estão nem aí pras coisas que acontecem ao seu redor,*

querem mesmo se sobressair dentro do seu partido (...) Eu não gostaria de falar isso, eu gostaria de falar, assim, 'ah, é porque eles gostam mais do projeto neoliberal', mas não é. É pra ter cargo". A comparação entre jovens que optam por alguma forma de participação e aqueles que não participam mostra, segundo Clio, que existe muita diferença na forma de se posicionar no mundo. Para ela, aqueles que atuam politicamente estão mais acostumados a pensar no que acontece ao seu redor: "Então nosso posicionamento é mais... não que é mais politizado, até que é sim. Mas como a gente tem mais dedicação a isso, a gente se posiciona diferente, assim, a gente tem um estudo mais de esquerda, e tal. E os partidos de esquerda têm uma perspectiva mais classista, a gente trabalha com a questão de classe. Então o posicionamento é totalmente diferente".

Em relação aos jovens de hoje, considera que participam pouco, porque são individualistas e ligados apenas no que acontece em sua própria vida. Além disso, cita a sobrecarga de tarefas à qual os jovens estão submetidos atualmente, dedicando-se a diversas atividades, tais como ao estudo e ao trabalho ao mesmo tempo.

Quanto aos direitos dos jovens atuais, Clio cita educação, trabalho e saúde como os principais. Ela faz críticas à qualidade do ensino nas escolas públicas e menciona a dificuldade de acesso do jovem ao ensino superior. Também fala dos jovens que têm que sustentar a família e nem sempre conseguem emprego para isso. "... Na verdade, saúde, trabalho e educação é o que todo mundo precisa, né? É o básico do básico, e que ninguém tem. Mas eu acho que a juventude precisa um pouco mais, principalmente educação".

Mulheres e/na política

Os homens são maioria no partido de Clio. Entretanto, em sua opinião, as mulheres são bastante atuantes. Na comparação de formas de inserção feminina e masculina na política, considera que as mulheres são mais sentimentais e os homens mais racionais: "*É assim mesmo. A gente quer quebrar isso de que a mulher só atua sentimentalmente, mas a mulher costuma mesmo ter uma linha mais sentimental, envolver mesmo os sentimentos dela na política, assim. O homem, não, o homem já é mais racional, muito mais racional do que a mulher. Não que a mulher não pense racionalmente, ao contrário. Pensa, mas sabe que a mulher tem... ela percebe mais as coisas mais no sentimental pra estar*

reproduzindo aquilo, sabe?”. Ela atribui essas condições à forma como mulheres e homens são socializados, já que os homens, desde pequenos, são incentivados a pensar racionalmente.

Segundo Clio, as mulheres gostam mais de atuar nos movimentos sociais do que os homens, justamente pelo fato de atuar diretamente na vida das pessoas, o que, para ela, exige envolvimento sentimental. *“Tanto que às vezes eu acho que os quadros, as lideranças, os quadros partidários geralmente são homens, e os partidos às vezes não precisam tanto dessa linha do sentimento. E os movimentos sociais têm muitas mulheres, assim, que se destacam muito mais nos movimentos sociais do que nos partidos”*. Ao mesmo tempo, destaca que essa característica feminina de valorizar o aspecto sentimental contribui para a política, pois, em sua opinião *“a política também é muito sentimental”*.

Ainda comparando as diferenças de atuação feminina e masculina e tomando como exemplo o movimento de mulheres, afirma que a maioria dos homens que participam dos movimentos sociais não conhece o histórico deste movimento e acham que feminista é *“mulher nervosa”*. Para ela, dentro dos movimentos sociais, as mulheres têm trabalhado mais a questão do machismo, o que faz com que os homens comecem a perceber e refletir sobre atitudes desta natureza. Afirma que fora dos movimentos o machismo ainda é muito forte. *“É muito difícil você lidar com os homens, quando você tem... quando você tem um projeto feminista mesmo. Não um projeto feminista, mas quando suas concepções são menos machistas, assim, porque somos todos machistas. Fomos criados numa sociedade machista”*. De forma semelhante, percebe no ME o fato *“incrível”* de que raramente as mulheres são tomadas como referência principal. Geralmente as pessoas que estão em volta dirigem-se aos homens, mesmo que estes não detenham a liderança e que esta seja exercida por uma mulher.

Clio crê que a política influencia de forma diferente a vida de homens e de mulheres, pois estas têm uma carga horária de trabalho maior do que a deles. Essa carga maior das mulheres deve-se ao fato de que a atuação política soma-se ao conjunto de tarefas que exercem nas diferentes esferas de sua vida, tais como trabalho, estudo e responsabilidade exclusiva com os cuidados domésticos. Ela acha também que quando as mulheres começam a *“ter uma consciência melhor das coisas que acontecem, elas começam a criticar mais as coisas, e aí sofrem às vezes o preconceito, o machismo atua*

muito nisso, e às vezes elas não são ouvidas, na maioria das vezes as pessoas não ouvem as mulheres". Nesse sentido, acredita que as mulheres sofrem um pouco mais na militância do que os homens. *"Não que na militância ficam só sofrendo, na verdade, eu acho que a mudança é muito maior nas mulheres que nos homens (...) Tanto na vida política, quanto na vida pessoal também, porque tem que encarar marido, irmão, às vezes namorado. Então é mais difícil"*. Pensa que para os homens é mais fácil por estarem mais acostumados com uma atuação política, de formulação, *"de pensar as coisas"*. Conclui que atuar politicamente muda a vida de todas as pessoas, principalmente a das mulheres, mas também a dos homens. A política faz com que os homens respeitem mais as pessoas.

ERATO – “*Partiu de mim mesma, eu acho que eu tenho isso dentro de mim, a vontade de lutar*”.

Erato é casada, estudante universitária e está filiada ao Partido Democrático Trabalhista (PDT) há aproximadamente dois anos, partido pelo qual exerce o cargo de assistente parlamentar. Considera que seu partido estaria próximo ao centro, mas mantendo-se como um partido de esquerda: “... *eu vejo que o PDT se comporta como um partido à esquerda, mas democrático, atua de forma um pouco mais educada, porque não bate diretamente...*”.

Sua primeira filiação foi ao Partido dos Trabalhadores (PT), quando ainda morava em uma cidade do interior do estado. Durante esse período participou ativamente, principalmente em defesa dos trabalhadores do campo. Entretanto, quando o PT chegou ao poder, por meio da eleição do presidente Luis Inácio Lula da Silva, ela se desfilou do partido por achar que ele ia se acomodar e ficar atrelado à administração e seu objetivo “*era continuar sendo de esquerda*”. Nesse momento, passa a ter contato com pessoas filiadas ao PDT que eram “*muito atuantes, pessoas de luta*” e resolve se filiar ao partido. Uma dessas pessoas era o seu marido que na época era candidato a um cargo político pelo PDT. Ela considera que a filiação ao PDT se deveu um pouco à influência do marido, mas também por uma opção pessoal. “*Eu vejo que apesar da pessoa estar comigo influencia em certo ponto, mas eu tenho minha opinião própria também, com certeza. Defendo algo que acho justo, correto*”.

Seu interesse em participar politicamente surgiu diante das injustiças sociais que presenciava. Por morar no interior e ser filha de agricultores, sentia as discriminações sofridas pelos trabalhadores do campo e seus familiares. Foi com o intuito de mudar essa realidade e de trabalhar pela igualdade entre raças e profissões que Erato optou por se filiar a um partido político. A facilidade de se conseguir contato com alguns políticos com o objetivo de reivindicação é a principal vantagem da participação partidária, na opinião de Erato, que não vê nenhum aspecto negativo nesse tipo de filiação.

Sua trajetória de participação política iniciou-se na adolescência: “... *porque eu tive uma adolescência mais evoluída, eu sempre quis participar desses movimentos*”. Ainda no ensino fundamental, ajudou a fundar e participou ativamente do Grêmio Estudantil da

escola onde estudava: *“Partiu de mim mesma, eu acho que eu tenho isso dentro de mim, a vontade de lutar, porque eu era líder de turma e sempre via as dificuldades da turma, falta de comunicação com o diretor, e aí a gente resolveu fundar um grêmio estudantil ...”*. Erato acredita que a participação é um importante meio para se alcançar os objetivos de forma mais rápida e democrática: *“comparando nossa vida com uma abelha, uma abelha sozinha não faz nada, mas uma colméia, ela consegue produzir mel. Eu penso assim, uma pessoa sozinha é muito difícil de conseguir as coisas”*.

Ao avaliar sua participação, diz que se sente como uma “abelhinha da colméia”, dando sua contribuição pessoal para o partido. Sua influência na política se dá por meio de idéias e participações que se juntam com as das demais pessoas com o intuito de melhorar o estado em que vivem.

Para Erato, a política não influencia muito em sua vida pessoal, mas na da comunidade como um todo, já que ela não consegue imaginar a política como uma forma individual, mas coletiva.

Seus pais participam ativamente da igreja e já foram presidentes da comunidade onde moram, mas nunca tiveram nenhuma atuação em movimentos sociais ou partidos políticos. Ela atribui esse fato à pouca escolarização que tiveram e acredita que se eles tivessem tido as oportunidades que ela teve, teriam feito muita coisa para a comunidade. Apesar de dizer que seu interesse político surgiu dela própria, valoriza a influência dos pais em sua formação pessoal e política, por meio dos valores de justiça e solidariedade que passaram para ela ao longo da vida. Eles não opinam muito sobre a sua participação, pois para eles o importante é ela estar feliz.

Seu marido também participa do meio político, atuando na área jurídica do PDT. Em casa, conversam muito sobre política e avaliam como positiva a participação que possuem, principalmente pelo trabalho social que realizam: *“Nossa vida é uma política. Porque as pessoas nos procuram muito. Ele tem um trabalho social de ajudar as pessoas, de levar conhecimento pras pessoas”*. Até o momento da entrevista, ela não havia percebido nenhuma diferença na maneira como as pessoas a tratam pelo fato de ser mulher e de ser casada com um homem atuante no meio político.

Juventude e/na política

O PDT possui uma ala jovem organizada dentro do partido, principalmente no município de Vitória. Erato nunca sentiu nenhuma diferença no tratamento com os jovens e não vê discriminação por causa da faixa etária, já que nas reuniões partidárias, os jovens possuem espaço para colocar suas opiniões, que são ouvidas e levadas em consideração: *“Não sei se é por mim, por estar do lado de uma pessoa mais experiente, mas eu acredito que não, que meus colegas que são mais jovens também, eles não sentem discriminação nesse sentido, não”*.

Quanto à participação atual dos jovens, ela acha que seja apenas regular, devido principalmente à rotina acelerada que enfrentam todos os dias. Mas ela acredita que existem diferenças na forma de se posicionar no mundo entre um jovem que participa e outro que não participa, pois a filiação a um movimento gera aprendizados em termos de comunicação e de experiência de vida.

O acesso ao primeiro emprego é o principal direito defendido por Erato para os jovens de sua geração. Acha que deveria ter uma lei que regulamentasse essa questão.

Mulheres e/na política

Algumas mulheres participam do PDT. Erato cita o exemplo do PDT municipal de Cariacica, que é presidido por uma mulher. É essa mulher quem organiza todo o partido na esfera municipal e o fato de ser mulher, de acordo com Erato, nunca influenciou ou atrapalhou em nada a sua gestão. *“Eles a tratam como ser humano, independente do sexo”*. Erato também não sente diferença no meio em que ela convive pelo fato de ser mulher. Ela sempre teve o espaço dela e nunca sofreu discriminação. *“Conquistei meu espaço, cheguei lá. Eu acredito que não tenha tido, pelo menos eu não percebi nenhuma discriminação nesse sentido”*. Ela faz planos de também assumir um cargo de direção, se for trazer benefícios para o partido.

Quanto à comparação da forma de atuar politicamente, Erato acha que as mulheres são mais humanas do que os homens: *“Não sei se é o fato de ser mãe, mas algo me induz a pensar nisso. A mulher é mais justa, mais humana”*. As mulheres são também, na sua

opinião, mais dedicadas e honestas: *“Não sei se é porque sou, mas eu vejo a mulher mais honesta no mundo político do que o homem. Eu acho que é porque a mulher já tem o dom de ser mãe. Ela tem essa honestidade de dividir os recursos, não destina os recursos só pra um lugar. Ela tem os recursos para serem divididos, ela divide de forma mais humana”*.

TÁLIA - “A gente comprava a Veja e ele despedaçava a Veja pra mim”.

Tália é solteira, estudante universitária e, no momento da entrevista, estava filiada ao Partido dos Trabalhadores há um ano, apesar de se considerar petista “*de coração*” desde sempre. Classifica seu partido como estando entre o centro e a extrema esquerda. Considera “*esquerdistas*” aqueles partidos que “*algumas vezes são inseqüentes*” e cita o Partido Socialismo e Liberdade (PSOL) e o Partido Socialista dos Trabalhadores Unificados (PSTU) como exemplos. Acha que antes de chegar à presidência, o PT também tinha um pouco desse esquerdismo, dessa inseqüência, mas que atualmente mudou muito: “*então, assim, esquerdista eu não acho uma coisa positiva, porque é inseqüente, mas eu também não acho que ele tenha virado um partido de centro*”.

Tália é a irmã mais nova de uma família com seis filhos, cujos pais sempre foram “*bem de esquerda*”. Seu pai foi líder sindical no período da Ditadura Militar, atuando como presidente do Sindicato dos Bancários de Belo Horizonte. Por ser muito atuante, começou a receber ameaças, principalmente em relação à sua família, o que o obrigou a se afastar do movimento por um tempo: “*porque ele tinha cinco filhos, eu nem era nascida. E meus irmãos eram ameaçados, meus avós, e tal, aí ele teve um pouquinho que parar de participar. Mas ele, assim, continuava participando por debaixo dos panos, escondendo os amigos dele, esse tipo de coisa*”. Seu pai atuou também na criação do PT em Belo Horizonte. Já a mãe de Tália não possui um histórico de participação em movimentos ou partidos, apesar de também se considerar de esquerda e “*petista de coração*”, por influência do marido e da filha. Tália não soube dizer a razão para a mãe não ter se filiado: “*Eu acho, assim, minha mãe é quase uma santa, porque ela ajuda muito as pessoas, ela se doa muito pras pessoas, sabe? Ela ajuda muito as pessoas. Mas assim, ela não tem muita formação política, nada. Ela nunca atuou politicamente. Nem em sindicatos, nem nada. Mas ela tem essa postura mais de esquerda*”.

O contato de Tália com a política começou, portanto, desde a infância. A convivência com o assunto e as conversas com o pai fez com que ela se tornasse uma pessoa mais crítica em relação à sociedade: “*A gente comprava a Veja e ele despedaçava a Veja pra mim. Na minha cabeça quando eu era menor, eu achava isso um saco. Mas hoje em dia eu vejo que ele tava formando um pouco da minha capacidade crítica, né?*”.

Entretanto, foi apenas no ensino médio que viu a possibilidade de participar efetivamente, já que cursou o ensino fundamental no Colégio Sacre-Coeur, que considera fechado para discussões políticas e no qual é proibida a criação de grêmios estudantis. *“Lá eles chegaram a demitir um professor por causa de participação em sindicato”*. Para ela, o Sacre-Coeur é um colégio para jovens de classe alta, que não se preocupam com assuntos de política e participação. Entretanto, apesar da convivência com alunos cujos pais eram na grande maioria *“de direita e sem visão crítica”*, não se sentia isolada: *“Eu sabia que eu era um pouquinho diferente, alguns amigos meus também, mas eu não me sentia isolada. Me sentia incomodada com a forma de questionar”*. Ao mesmo tempo, não criticava a apatia dos alunos, pois entendia que suas opiniões eram resultado da socialização que tiveram: *“É meio difícil você ser de classe média, classe média alta, estudar no Sacre-Coeur e mudar o pensamento, né? Ainda mais quando você continua estudando em colégio particular. Eu tive a possibilidade de sair e abrir um pouco mais a mente, né? Mas muitos deles continuaram no Sacre-Coeur, ou foram pro Leonardo da Vinci, aí... fica um pouco mais difícil”*.

Foi no Centro Federal de Educação Tecnológica do Espírito Santo (Cefetes), onde cursou o ensino médio, que Tália iniciou sua trajetória de participação política, atuando em reuniões, assembleias e movimentos promovidos pelo Grêmio Estudantil. A filiação partidária, no entanto, aconteceu apenas em 2006, quando conheceu os jovens do PT durante a campanha para as eleições presidenciais. Justifica assim sua decisão para se filiar: *“Porque eu sempre fui muito petista. Mas depois eu percebi que é importante que a gente contribua para o partido. Porque a pessoa filiada, ela não só contribui financeiramente. Mas ela contribui de forma política, participando das decisões dos partidos, dos congressos, podendo votar nos representantes que a gente vai decidir. Então é importante estar filiado”*.

Durante o período das acusações do mensalão e dos escândalos de corrupção envolvendo o PT, Tália ainda não estava filiada e conta que se decepcionou um pouco, pois achava que o partido não estava cumprindo com a sua função. Posteriormente, no entanto, ela se familiarizou com o que estava acontecendo e viu que era um grupo de pessoas que estava envolvido nesses escândalos e não o partido como um todo. *“Muito pelo contrário, a maioria das pessoas do partido se sentiram muito indignadas e não se sentiram*

representadas por esse escândalo. Aí eu fui recuperando a minha... o meu gostar do partido". Além disso, em sua opinião, partido e governo são coisas diferentes, e os militantes do PT não precisam apoiar o presidente Lula em todas as suas decisões. Pelo contrário: *"Eu tento não confundir muito as coisas, porque tem coisas que eu não concordo muito no governo, e eu acho que o partido tem que ajudar a mudar e a pressionar pra mudar. Mas o governo não é só o partido, a gente tem que compreender isso também"*.

Atualmente, Tália continua participando do movimento estudantil universitário. Suas ações e funções partidárias estão basicamente ligadas ao ME, apesar de criticar o fato de a juventude estar majoritariamente atuando na militância estudantil: *"E não precisa ser assim. A gente pode atuar em outros movimentos, no movimento de ecologia, por exemplo, na Brigada Indígena, pode atuar no movimento de mulheres. Então eu to tentando abrir um pouco mais a minha visão. Mas eu continuo mais centrada no ME, não tem jeito"*. No momento da entrevista, estava entrando em contato e se identificando também com o movimento comunitário.

Não sabe como avaliar sua participação, mas diz que participa o máximo que pode, frequentando as reuniões, conversando com as pessoas e participando dos processos eleitorais. Está aprendendo a participar e a ter *"jogo de cintura"*: *"Porque assim, existe jogo de cintura e existe aquela malícia que eu não acho muito legal"*. Às vezes, considera-se um pouco preguiçosa e displicente: *"É porque é uma coisa da juventude ser meio acomodada hoje em dia, né? Tem coisa que a gente vê, que a gente sabe que tá errada, mas às vezes a gente não tem disposição pra tentar mudar, porque sabe que aquilo é desgastante"*.

Tália acha que a participação política influenciou sua vida pessoal de diversas maneiras. Em primeiro lugar, ela se tornou mais crítica e passou a se incomodar com situações que não incomodam a outras pessoas. A participação fez também com que tivesse que abrir mão de algumas coisas, como malhar e praticar esportes. Ela diz que algumas pessoas se isolam quando começam a participar: *"... igual um amigo meu que ele fala 'ah antes de eu entrar para a política eu era bonitinho, era magrinho, gostava de academia, e tava feliz com isso, ficava com um monte de menina. Hoje eu não tenho mais tempo pra malhar'"*.

Com os amigos que não gostam e não participam da política, Tália tenta não ficar conversando sobre o assunto, para não virar *"a chata da turma"*. Procura não ficar alienada

na política e gostar e cuidar de outras coisas. A maioria de seus amigos, no entanto, são do PT e têm um pensamento político de esquerda, já que em sua opinião é muito difícil ter um amigo de direita: “... *eu tenho um amigo que é muito amigo meu mesmo, que era do PSDB, agora já saiu, já é um bom caminho, mas assim, ele tem um pensamento meio egoísta de direita, essa coisa da juventude que é meio paradona, acomodada, e tal. Que, assim, ele é muito meu amigo mas é difícil você conversar com uma pessoa assim, você acaba discutindo e às vezes batendo de frente*”.

Os pais de Tália estão satisfeitos com sua participação, mas se preocupam, principalmente, com o tempo excessivo que se dedica a ela, o que pode atrapalhar os seus estudos. Com seus irmãos, todos mais velhos, não conversa muito sobre política, já que eles a vêem mais como “*uma bonequinha*” do que como uma militante. Nenhum deles participa ativamente e apenas Tália é filiada a um partido político.

Compara sua participação com a de seu pai, analisando os diferentes contextos. Acredita que a militância da geração deles foi de grande contestação e oposição, pois tinham uma motivação em comum, a Ditadura Militar. Sua geração, no entanto, teria ainda mais motivos para participar, já que as desigualdades pioraram muito. Acha que sua participação reflete e se assemelha com a de seu pai, já que eles conversam muito e ela segue seus conselhos e dicas. Por outro lado, está vivendo um outro momento político, no qual o PT é um partido de situação e ela acaba tendo que contestar coisas que ele não contestou, ao mesmo tempo em que não precisa lutar contra coisas que ele lutou, mas entende que sua participação não é menos importante do que a dele.

Ainda no plano pessoal, participar politicamente trouxe reflexos também nos relacionamentos amorosos de Tália. Ela namorou durante cinco anos um rapaz que não gostava de política. Quando começou a participar mais ativamente, ele passou a se incomodar muito por causa da falta de tempo para ele e por não perceber a importância que aquela participação tinha para ela. Sua militância não foi a única causa para o fim do namoro, mas foi um grande obstáculo. Atualmente, não consegue se imaginar namorando um rapaz de direita: “*É muito difícil você se envolver amorosamente, porque a política é uma paixão assim, é uma coisa que, não sei se é só paixão, mas vira um pouco de parte da gente, passa a ser parte da gente, do nosso caráter, e você não vai conseguir namorar uma pessoa que tem um caráter muito diferente do seu*”.

Entre seus planos atuais, não está uma candidatura a um cargo político. Seu principal objetivo é continuar participando do partido e contribuir para a formação das pessoas por meio de sua futura prática profissional como professora: *“Mas assim, eu sei que o tempo inteiro eu vou tá ligada à política, vou tá ligada ao PT, vou tá militando”*.

Juventude e/na Política

A eleição do presidente Lula gerou muitas mudanças no PT, afetando, inclusive, o movimento de juventude. Para Tália, os militantes tiveram que aprender a se comportar de uma outra forma: *“A gente até tava falando isso em relação à UNE, porque antes a UNE tinha sido essencialmente oposição a todos os governos, e hoje em dia, ela tá tendo que mudar de posição, porque a gente tem um governo que dialoga com os movimentos sociais, com o ME. Às vezes pode fazer coisas que a gente não gosta, e aí tem que protestar e tem que pressionar, mas existe um diálogo”*.

Em relação às ações da juventude petista, critica o fato de estarem muito associadas ao ME, apesar de entender essa situação. Um ponto negativo dessa atuação diz respeito ao fato do ME ainda ser muito elitizado, já que, em sua opinião, apenas os jovens de classe média e média alta têm tempo de se dedicar. Isso preocupa a juventude do partido, já que o PT, de acordo com eles, é um partido que pretende representar os movimentos sociais.

Tália critica também as discussões que existem entre as diferentes correntes, que acabam passando por cima dos próprios princípios partidários. Acha que a juventude não deveria entrar nessas discussões, ao contrário, deveria se unificar, já que está um pouco enfraquecida e não recebe muito apoio do partido. Às vezes, acha que o partido não está mesmo interessado na participação juvenil: *“Eles estão satisfeitos com o que eles fazem, eles resolvem tudo do jeito deles, entendeu? A gente pode concordar ou não, mas eles resolvem”*. Atribui essa falta de interesse ao caráter questionador e crítico dos jovens, que acabam afastando-os dos adultos: *“... é difícil mudar né, mudar de pensamento, ainda mais quando você já é mais adulto. Então assim, é o jovem também que tem que questionar e fazer o adulto pensar, pra mudar o pensamento do adulto, é difícil você mudar o pensamento, ainda mais aceitar contestação de gente que é mais jovem e menos experiente”*.

que você, né? Acho que eles precisam dessa contestação, mas eles não assumem, não querem que a gente conteste”.

Entretanto, de acordo com Tália, essa falta de apoio dos adultos não é direta, e sim velada. Quando um jovem fala, eles ouvem, prestam atenção, mas não levam muito em consideração. Em sua opinião, eles valorizam a participação da juventude apenas em períodos eleitorais, quando os jovens saem para as ruas fazendo campanha: “... *eles gostam que a gente apóie a candidatura deles, mas essa contestação eles não gostam muito não*”.

Os jovens, algumas vezes, ficam constrangidos de falar e colocar sua opinião. Mas, em sua opinião, eles não deveriam se sentir assim: “*mas não precisa cara, a gente é juventude, pode às vezes parecer incoseqüente. Mas é uma forma de a gente contestar, de fazer os outros pensarem que não é bem assim*”.

Em relação aos jovens de sua geração, Tália acha que não estão muito interessados em política e participação. Entretanto, procura defendê-los, alegando que o “*sistema*” cria distrações para que o jovem não se interesse por política: “*O jovem, ele tá distraído em micaretas, em várias coisas, mas, assim, não é porque o jovem não tem interesse, é porque o sistema, a imprensa não divulga esse tipo de participação da juventude. Porque a juventude que a gente vê hoje em dia é aquela juventude que a ‘Malhação’ mostra. Que não tem participação política, que vive da aparência. E isso é bom pro sistema, porque o jovem tem essa coisa de impulsionar, de mudar ...*”.

A falta de interesse político do jovem atual se deve também a duas razões, de acordo com Tália. Primeiro por achar que política é sinônimo de sujeira e segundo por achar que é perda de tempo, “*não tá ganhando nada, não está se divertindo, não tá beijando na boca, apesar de que na política, você também beija na boca*”. Tália também se diverte enquanto participa politicamente. “*Nossa, é muito divertido, igual no congresso da UNE, a gente só falou de política, mas como o congresso é uma coroação de uma coisa, as pessoas chegam lá pra se divertir, pra conversar, e você se diverte muito, você ri muito com as coisas que acontecem, nas plenárias que você participa, as coisas absurdas que você ouve, entendeu, é divertido pra caramba também, igual na plenária final que a gente viu lá, uma chapa do pessoal do Democratas e do PSDB, são mó ridículo as besteira que eles falam, é divertido. E é mó legal, você tem muitos problemas na política, mas você*

também convive com pessoas legais, com pessoas que pensam assim parecido com você, ou até pensam muito diferente, você aprende com essas pessoas. É legal”.

Tália faz uma crítica à juventude do PT, que ultimamente não tem participado muito e que tem um problema grande de desorganização. *“A gente até credita um pouco a isso o fato do PSOL ter crescido tanto na Ufes. Porque apesar da gente criticar muito a política deles, de ser uma política que a gente não concorda, que a gente não acha legal, achar que foi uma eleição ruim que eles fizeram no DCE, e tal, eu tenho que fazer a mea-culpa da gente não ter ocupado o espaço. Então o espaço ficou vazio e é claro que eles ocuparam. E a gente não tem sido muito atuante”.*

Tália acha difícil encontrar um jovem que se identifique com “a direita”, já que os jovens são, em sua opinião, caracteristicamente “de esquerda”: *“Porque o jovem tem essa coisa de querer mudar, e a esquerda está muito ligada a essa coisa de mudança, de mudar a situação, de ser contra o sistema”.* Os jovens filiados a partidos considerados de direita, segundo Tália, estão lá por influência dos pais ou avós. *“Tipo assim, meu pai é de tal partido, e tal. Igual o netinho do ACM, o filho do César Maia, eu acho que é um pouco assim, de conservar a herança da família”.* Não considera de direita apenas os filiados ao Democratas ou ao PSDB, mas todas as pessoas que possuem um pensamento reacionário e elitista. Em suas palavras: *“Você não precisa ser de um partido pra ser de Direita ou de Esquerda. Não precisa rotular as pessoas também, mas você percebe na forma como as pessoas agem”.*

Tália acha também que existe muita diferença entre os jovens considerados de direita e de esquerda, principalmente na forma como atuam. *“... uma pessoa que se considera de direita, por exemplo, ela muitas vezes age em interesse próprio, por exemplo, uma pessoa de direita da minha turma, quando vê que tem um problema que tá atingindo ela, ela diz, ‘Tália, tem que mudar isso, o professor tá faltando demais’, então reclama, mas quando a gente tá com um problema, do CA, por exemplo, que a gente tá ali lutando contra o departamento, conversando com os professores, e pede ajuda a essa pessoa, ela fala, ‘ah, não, eu tenho que estudar, eu tenho que ir pra casa’, entendeu? Então é um posicionamento meio egoísta”.*

Tália acha que o jovem atualmente é visto como uma pessoa inseqüente, *“até porque existe mesmo um pouco de inseqüência, mas é uma coisa natural da juventude”.*

Entretanto, acha que é um direito do jovem ser visto de uma forma mais positiva, “*como a esperança de um país, de um governo, de uma geração*”. Considera também os jovens ainda imaturos, “*a gente não é tão maduro quanto as pessoas que já viveram muito, então a gente acaba agindo de uma forma incoseqüente, mas eu não acho que essa incoseqüência seja sempre negativa, muito pelo contrário, porque uma pessoa que, por exemplo, ela tá no PT, mas ela tá presa ao cargo político, ela não pode se movimentar muito, o jovem ele tá cumprindo uma função de movimentar, de agir, de pressionar, de brincar, de gritar, e isso mantém o partido vivo, né, então a participação da juventude é muito importante*”.

Mulheres e/na política

Tália acha que a juventude feminina do Espírito Santo participa menos do que a dos outros estados. “*Eu sinto falta em relação ao PT principalmente, porque têm outras meninas na Juventude do PT, mas que participam ativamente são poucas, eu sou uma das únicas. E eu sinto falta, porque a participação das mulheres é essencial porque equilibra essa coisa masculina*”. Atribui essa falta de participação feminina ao direcionamento da própria política, que não busca o interesse das mulheres. Considera a política um espaço ainda muito masculino. Acha que a mulher possui mais sensibilidade e ideologia em relação à política e procura ser mais honesta.

Acha que as mulheres se sentem um pouco intimidadas em participar da política, pois têm que conviver com grupos essencialmente masculinos. Ela diz que está acostumada a conviver com homens, já que tem muitos irmãos e sempre teve mais amigos do sexo masculino. Mas para as outras meninas não é tão simples e elas têm receio de ficar intimidadas. Acha que os meninos do partido a respeitam, principalmente por ela ser feminista. Às vezes, eles fazem algumas brincadeiras machistas. Nessas ocasiões, ela fala que não gostou. Eles se defendem dizendo que foi só brincadeira, mas para ela, o machismo se configura muito como brincadeira: “*... eu falo para eles: como é que você quer ser de um partido político que luta pela igualdade das pessoas, e você tá fazendo esse tipo de piadinha, e você tá fazendo esse tipo de brincadeira, não pode ser assim, também tem mulher no partido*”.

Para Tália, a mulher não é igual ao homem e não precisa ser tratada igual: *“Você tem que lutar para que os direitos das mulheres sejam iguais aos direitos dos homens, mas você não precisa ser igual aos homens”*. As mulheres acham, segundo Tália, que elas devem agir igual aos homens dentro da política, *“e não é isso, a mulher tem que construir a sua participação na política, ela não precisa ser igual ao homem”*. Considera importante a participação feminina, por causa do lado emocional. A mulher, em sua opinião, é mais sensível e honesta do que o homem. *“Eu acho que é uma coisa mais instintiva, eu acho que a mulher tem mais essa coisa da delicadeza, eu não sei, talvez eu esteja sendo preconceituosa (...) eu acho que dentro da política a mulher tem essa contribuição relacionada à delicadeza, a forma de tratar o assunto com mais sensibilidade, com mais empatia, que são características muito femininas né, e eu acho que isso contribui muito politicamente”*. Os homens, segundo ela, são mais práticos e tomam decisões de forma mais rápida do que a mulher. *“Às vezes são um pouquinho mais brutos, menos sensíveis, mas têm essa coisa da praticidade, do raciocínio, da lógica, que a gente não tem muito, que é mais emocional”*.

Tália diz que existem mais mulheres participando do PSOL. Ela acha que isso se deve à senadora Heloisa Helena, que tem uma característica bastante feminista. Entretanto, não concorda com o jeito delas serem feministas, *“Não é porque são do PSOL, não, mas eu acho agressiva. Não é porque você tá na política que você precisa falar e se expressar da mesma forma que os homens falam, entendeu? E elas têm muito disso, de querer se impor de uma forma masculina. E elas acham isso feminismo. Eu não acho. Acho que a gente tá na política, mas pode ser delicada, pode ser sensível, não precisa ser durona”*.

URÂNIA – *“A realidade de morar no morro, a realidade de uma escola não ter aula porque não tem professor, a corrupção, eu nunca achei isso normal”.*

Urânia é solteira, trabalha como funcionária pública estadual em cargo de comissão, possui o ensino médio completo e no momento da entrevista estava filiada ao Partido Socialista Brasileiro há três anos. Classifica seu partido como de esquerda, pelo histórico de participação nos movimentos sociais, mas não daquela esquerda *“que prega a revolução a qualquer custo”* e que possui a linha *“da revolução devastadora”*.

Apesar de ter terminado o ensino médio, Urânia estava tendo dificuldades para ingressar no ensino superior, por não ter condições econômicas de pagar uma faculdade particular e por não conseguir passar no vestibular, já que não tinha tempo suficiente para estudar, pois trabalhava o dia inteiro. Essa situação que ela entende não ser apenas sua, mas de uma grande parcela da juventude brasileira, é um forte motivo para continuar participando.

O interesse em se filiar a um partido político surgiu ainda na adolescência, quando optou pelo PSB por influência da mãe, militante desse partido, e logo se tornou uma liderança juvenil. A possibilidade de fazer a sua parte e procurar mudar a realidade social de muitas pessoas, principalmente a dos jovens, foi a principal motivação para a filiação. De fato, a juventude é o seu grande foco de atuação e interesse.

Participar partidariamente, no entanto, não a impede de fazer parte de alguns movimentos sociais. Acredita que muitos movimentos fortes surgem dentro dos partidos e a juventude deve também fazer parte deles. No momento da entrevista, participava da coordenação estadual da Juventude Socialista Brasileira, da coordenação municipal de políticas públicas para a juventude e militava no Movimento da Juventude Negra. Estava também muito envolvida com a preparação da Conferência Estadual de Juventude.

Sua família materna possui um histórico de participação que, em sua opinião, foi fundamental para sua decisão de militar. O avô foi sindicalista no estado da Bahia e a mãe continuou essa história, tornando-se presidente de um sindicato com grande participação no cenário político capixaba. Além do sindicato, é filiada ao PSB há cinco anos, atua em movimentos sociais e é coordenadora municipal de políticas de gênero, desenvolvendo um trabalho de integração e mobilização com as mulheres residentes em bairros de classe

popular do município de Vitória. Urânia demonstra muito orgulho, admiração e respeito pela atuação política da mãe, citando-a como grande inspiradora e incentivadora de sua própria participação.

O contato com a política começou quando ainda era criança e a mãe a levava, junto com os irmãos, para as reuniões do partido. No entanto, apenas ela, entre cinco filhos, participa politicamente, a exemplo da mãe. Seus irmãos avaliam a participação da juventude como sendo *“movimento de baderneiros, de bagunceiros”*. A mãe não concorda com essa avaliação e procura convencê-los da importância da participação: *“Todo mundo aqui passa por um processo de conscientização, mas eu to vendo que a maioria não gosta muito. Pode até ter as informações, né? Mas gostar, não”*.

Iniciou sua participação ainda no ensino fundamental, quando foi conselheira da escola onde estudava: *“Eu já gostava muito. Eu já gostava muito. É uma coisa assim, de identificação”*. Além disso, nunca achou normal a situação em que vivia: *“a realidade de morar no morro, a realidade de uma escola não ter aula porque não tem professor, a corrupção, eu nunca achei isso normal. Desde criança eu sempre pensei assim. E eu acho que isso foi pra mim um incentivo maior. E eu acho que ter a mãe na política foi só um acúmulo a mais pra isso”*.

A influência da família, o desejo de mudar a realidade em que vive, principalmente como jovem, e a difícil situação financeira, foram, portanto, as principais motivações de Urânia para sua inserção política.

Avalia sua atual participação como sendo *“média”*, já que ainda está interagindo, conhecendo e ganhando espaço. Considera-se uma boa militante, por estar sempre participando dos espaços políticos que a atraem, principalmente aqueles relacionados à juventude: *“... porque pra gente se considerar um bom militante, a gente tem que abraçar a causa da camisa que a gente veste”*.

A militância política influenciou positivamente a vida de Urânia, que aprendeu muito e conheceu muitas pessoas a partir da sua participação. Em suas palavras: *“Eu passei a ser uma pessoa, assim, com mais conhecimento, passei a ser mais crítica, com mais visão do mundo até. Com a política você passa a perceber muita coisa que está em volta, passa a perceber como funciona muita coisa na sociedade em que a gente vive. Acho, assim, que isso é um legado que eu tenho construído, e é a partir da política”*.

A maioria dos seus amigos pessoais não se interessa por política, o que dificulta um pouco a convivência com eles: “... *porque você tem que ser duas pessoas ao mesmo tempo. Você tem que ser uma pessoa pra lidar com aqueles que tem interesse nas mesmas idéias que você, mas ao mesmo tempo você não pode deixar de gostar daqueles que não gostam da política, né?*”. Em sua opinião, eles não se interessam, pois acham que a participação não irá trazer modificação alguma para a vida pessoal, e também por não acreditarem em conquistas por meio do movimento de juventude.

Uma queixa de Urânia está relacionada à dificuldade das pessoas em separar sua participação e a de sua mãe, o que a incomoda muito. A comparação entre elas é quase inevitável, principalmente dentro do partido. “*Mas somos pessoas diferentes. Ela tem a forma e o estilo dela, e eu tenho a minha forma. Ela conhece muita gente, tem muito contato, muito respeito. Eu to começando ainda. Nem se compara, né? Então eu luto muito pra gente impor na cabeça das pessoas que nós somos pessoas diferentes, apesar de sermos mãe e filha*”.

Quando pensa sobre seus planos, Urânia diz que ainda não possui a intenção de se candidatar a um cargo eletivo. Seu principal interesse no momento é fazer um curso superior na área de sociologia ou ciências políticas com o objetivo de se qualificar e passar adiante os conhecimentos adquiridos. Pretende também continuar atuando nos espaços já alcançados, desenvolvendo suas atividades.

Juventude e/na política

De acordo com Urânia a juventude tem sido, nos últimos anos, destaque dentro do PSB, principalmente pelas atuações que tem apresentado. Cita a derrubada do jetom na assembléia legislativa e outras interferências nas questões que não aprovam: “*É uma juventude que não tem se calado diante de certas coisas que tem surgido, que tem mostrado bem a cara, e eu acho que isso é de extrema importância pro movimento de juventude, além de ter uma bandeira, ter ações*”.

Existem dois vereadores jovens eleitos pelo partido, em duas cidades do interior do estado. Apesar de já considerar uma conquista, Urânia acha esse número ainda muito

pequeno. Outras candidaturas não surgem, em sua opinião, pelas dificuldades exigidas por uma campanha política e também pela juventude ainda ser vista como “*marginal*”.

Quanto à relação entre os jovens e os demais filiados ao PSB, Urânia acha que tem melhorado a cada dia, já que a juventude tem conseguido cada vez mais espaço. Atualmente, possuem duas cadeiras dentro da executiva municipal de Vitória, com direito à voz e a voto. Essas conquistas se devem, em sua opinião, às ações que os jovens vêm desenvolvendo e que estão sendo vistas de forma positiva pelo partido.

Em sua opinião, os jovens de sua geração têm se interessado pouco pelas questões relativas a eles. Cita o exemplo das mobilizações a favor da implantação do sistema de cotas na Universidade Federal do Espírito Santo. Apesar de os jovens de escolas públicas terem participado ativamente dos momentos de reivindicação, poucos, na opinião dela, se inscreveram para prestar o vestibular e concorrer às vagas reservadas a eles. “*A gente vai lá buscar uma oportunidade de acesso, aí sai um resultado que deixa a gente meio triste, né? É isso, eu acho que a juventude, de um modo geral, a juventude brasileira, eu acho que não é uma juventude totalmente interessada numa mudança. Há só um grupo*”. Esse número reduzido de inscrições foi conseqüência, para ela, do fato de o aluno do ensino público não acreditar em sua capacidade de acesso ao ensino superior: “*Ele acaba se conformando com aquela realidade, de não ter acesso, de não conseguir. Infelizmente, eu acho que esse percentual mostra isso*”. Como exemplo de interesse e participação juvenil, cita a mobilização liderada pelos estudantes contra o aumento da passagem do transporte coletivo, no ano de 2007.

Urânia destaca a existência de três categorias de jovens: aqueles que se interessam e participam politicamente, aqueles que não se interessam e também não participam e aqueles que acreditam na mudança pela via da política, mas que não se envolvem. Em sua opinião, o jovem que participa da política possui uma visão mais ampla da sociedade e acredita que sua militância irá trazer alguma modificação positiva para o mundo em que vive.

Ainda sobre a caracterização da juventude contemporânea, Urânia menciona o fato de muitas pessoas compartilharem da idéia de que os jovens são revoltados. Ela não concorda com esse termo, por achar muito “*pesado*”. Em sua opinião, a juventude “*... só não é conivente com os erros. Mas eu não acho que é revolta, porque o termo revolta em alguns momentos ele é muito relacionado a vandalismo e a baderna, e eu acredito que a*

juventude que ta no movimento, que ta na política, não é uma juventude que ta fazendo vandalismo. Ta querendo uma mudança, mas não através de vandalismo”.

O acesso dos jovens à educação de qualidade, desde a formação básica até a de nível superior, é o principal direito destacado por ela. Outro direito citado é a participação da juventude na elaboração das políticas de governo, por meio de mandatos eletivos: *“Então esse seria um ponto interessante também, ter jovens participando na câmara de vereadores, nas prefeituras, não naqueles cargos dados à juventude, mas nos cargos que forem conquistados, de vereador, prefeito, de deputado”.*

Em relação ao sistema de cotas, Urânia tem sua opinião bem definida: é a favor, mas apenas como medida paliativa. A política correta de acesso ao ensino superior deveria ser por meio da melhoria da qualidade do ensino fundamental: *“A partir do momento que começar essa reparação na base, eu acredito que a concorrência vai ser de igual pra igual, que não vai precisar mais de cotas, porque se for colocar cotas, sempre cotas, uma medida paliativa pra tentar reparar uma coisa que não tem reparo, jogar o estudante dentro da universidade sem ele ter preparo, acho que não é o mais correto. O correto é a reparação na base”.*

Mulheres e/na política

As mulheres filiadas ao PSB, de acordo com Urânia, brigam muito para que a relação com os homens seja igualitária. E elas têm alcançado esse objetivo, apesar de ainda serem minoria em termos quantitativos.

Quanto à participação juvenil, os homens também são maioria. Na atual direção estadual existem apenas três meninas participando: *“Então, assim, a política pra mulher, ainda é uma coisa muito fechada. Não pelo não interesse da mulher, mas pelo predomínio masculino ainda que existe na política”.* Não concorda com a obrigação dos partidos em reservar trinta por cento das vagas para mulheres, pois parece *“algo forçado”.*

No entanto, a relação entre os jovens de ambos os sexos é muito tranqüila, em sua opinião, e no período em que foi coordenadora municipal da Juventude Socialista Brasileira, não sentiu nenhuma discriminação pelo fato de ser mulher: *“... era uma relação de respeito mesmo, até ao cargo, né? Eu conseguia ter uma relação legal com o grupo de*

homens, conseguia administrar o grupo de homens sem problemas. Então é aquilo que eu disse, a gente alcança os espaços, são poucos, mas a partir do momento que você alcança, você consegue ser respeitada”.

Quanto à qualificação da participação feminina e masculina, acha que as mulheres preocupam-se mais com o lado social do que os homens. Em suas palavras: *“O homem é mais assim, político prático, naquela política parlamentar. Agora as mulheres, não. As mulheres já pensam na política, como uma política social pras crianças, política de educação, é aquela coisa mais, assim, fragilizada”.* Atribui essa característica feminina à realidade vivenciada pelas mulheres, muitas vezes chefes de famílias e responsáveis pelo cuidado dos filhos.

A participação de uma mulher qualificada e a existência de um quadro feminino capacitado é, segundo ela, uma conquista para a política e uma referência para as demais mulheres. Para Urânia, quando uma mulher consegue se destacar na política, ela passa uma imagem de vitória. Essa é a contribuição na vida das mulheres, já que a política é muito fechada para as elas. Dessa forma, a mulher passa a ter mais autoconfiança e mais vontade de se capacitar. *“Então eu acho que a política interfere muito nesse lado, né? Não é aquela coisa de ser secretária, é aquela coisa de ser socióloga, antropóloga, de ser advogada, aquela coisa de conquistar um espaço, não querendo colocar espaços de uma profissão a outra, mas conquistar um espaço, assim, que ficava restrito antes”.*

AQUILES – “Vi que realmente o futuro estava ali e que eu realmente podia fazer parte daquilo e tentar mudar alguma coisa”.

Aquiles é solteiro, possui o ensino superior completo e trabalha como assessor parlamentar. Está filiado ao Partido Trabalhista Brasileiro há aproximadamente seis anos. Posiciona seu partido entre o centro e a extrema esquerda e justifica sua colocação ressaltando que o PTB não é nem um partido de centro, “*que fica em cima do muro*”, nem de extrema esquerda, o que para ele é um exagero. Mas o considera um partido de esquerda, pois “*está sempre batendo um pouquinho*”: “*Por mais que você faça, sempre tem um ponto que você tem que chegar e bater naquele ponto, tem que mostrar que você não vai ser daquele jeito*”.

A trajetória política de Aquiles começou a partir do trabalho realizado junto a um político do município de Vitória, na época filiado ao Partido do Movimento Democrático Brasileiro. Nesse momento, estava interessado no emprego e não no ideal de trabalhar com política: “*Até porque eu não tinha cabeça pra isso, eu era muito novo. Nem imaginava que ia chegar aonde chegou. Foi mais pelo emprego mesmo, por ter uma renda, por ter salário, pra não depender mais da mesada do meu pai*”. A filiação ao PMDB, seu primeiro partido, foi, no início, um pouco forçada, já que sentia a pressão por parte dos demais militantes. Entretanto, com o passar do tempo, começou a mudar sua opinião em relação à política e aos partidos: “*Vi que realmente o futuro estava ali e que eu realmente podia fazer parte daquilo e tentar mudar alguma coisa*”. Foi a partir daí que surgiu o “*espírito de militância*” e o interesse maior pelo partido, pelo movimento de juventude e pelos relacionamentos de amizades construídos a partir da participação. Atualmente entende que sua filiação é importante, pois concede a ele direito a voto dentro do partido.

Atualmente, considera a política um fator muito importante na sua vida, pois o fez enxergar o mundo de uma maneira diferente: “*Ela me mostrou que eu tenho algo a mais pra contribuir pra sociedade, entendeu? Que todos nós temos e que basta a gente desenvolver isso aos pouquinhos, sabe? Desenvolver isso aos pouquinhos aonde? Nesses movimentos*”.

Ainda no PMDB, Aquiles foi secretário estadual do PMDB Jovem. Com a ida do político com o qual trabalhava para o PTB, Aquiles optou por acompanhá-lo. Antes, porém,

procurou informações a respeito do partido ao qual pretendia se filiar: “... *eu vi também o que a militância do PTB já fez pelo Brasil, entende? CLT, 13º salário. Isso me incentivou um pouco mais a estar nesse partido (...) a história do partido é muito bonita*”.

A trajetória de participação de Aquiles iniciou-se, portanto, simultaneamente ao seu contato com a política partidária. Anteriormente à filiação, não havia participado de nenhum movimento social ou político. Atualmente, além da atuação no partido, participa também da ordem para-maçônica DeMolay, o que considera como também sendo uma participação política: “*porque ali a gente tá fazendo o bem ao próximo. É fazer política de um jeito diferente. Você não ganha, mas faz filantropia, faz trabalho social. Você lá dentro tem disputa por cargos, capítulos que a gente chama. Tem uma hierarquia ali dentro, então você disputa, então você tá ali tentando se formar um líder*”.

No momento da entrevista, Aquiles não estava exercendo nenhuma função específica no partido. Devido a algumas situações vivenciadas dentro do partido, havia optado por se afastar do movimento de juventude: “... *hoje eu estou hibernando. Não desisti. Estou só esperando o momento certo para voltar*”.

Como assessor parlamentar, avalia sua participação como sendo a melhor possível, já que está sempre procurando se inteirar dos projetos do político que assessora, além de planejar projetos importantes para a sociedade.

Muitos amigos pessoais de Aquiles não gostam de participar politicamente, pois compartilham da visão de que política é “*coisa suja*”. Ele tenta mostrar a importância do envolvimento de todos na tentativa de mudança dessa realidade, mas os amigos não concordam e o acusam de pensar desse jeito por causa do interesse em se candidatar. Ele procura, então, evitar conversar sobre política com esses amigos.

O assunto também é evitado nos momentos em que está com a família: “... *política eu trato o dia inteiro, entendeu? E eu não gosto de envolver muito as coisas. Família, a gente tá ali pra curtir, entre outras coisas, menos tratar de assuntos políticos e de serviço. Final de semana é sagrado. Hibernar um pouquinho no final de semana, senão o cara fica doido*”. Seus pais nunca tiveram participação em partidos ou movimentos. Por outro lado, seu pai sempre procurou ajudar as famílias da comunidade onde moram, “*mas nunca pensando nesse lado político*”. Foi essa ajuda que despertou o interesse do político do qual Aquiles é assessor: “*Ele percebeu que meu pai era uma pessoa muito forte e falou que*

queria ter ele do seu lado. E qual era a melhor maneira disso acontecer? Agradando o filho dele, entendeu? Foi o que aconteceu". Foi a partir daí que começou a se envolver com a política, e por isso vê uma grande relação entre a atitude social do pai e sua atual participação.

A família, apesar de não conversar muito sobre o assunto, acha válida a sua participação, já que é uma maneira de estar aprendendo: *"Seria uma outra faculdade, aprender com a vida mesmo, sabe? Levando porrada, aprender a lidar com esse tipo de situação que é difícil. Só um militante sabe o quanto é difícil"*. Seu pai também achou importante ele se envolver desde cedo: *"meu pai falou 'acho que é importante pro meu filho, ele estar aí desde cedo, nesse ninho de águia, de cobra, pra poder aprender a olhar a vida de maneira diferente"*.

Quanto aos seus planos, Aquiles menciona o desejo de se candidatar a algum cargo político com o objetivo principal de fazer um trabalho social na comunidade onde mora, que considera muito carente. Em sua opinião, ele tem muito ainda a acrescentar na política nacional: *"... porque eu não almejo pouco, sabe? Eu quero chegar a... sei lá, talvez a um deputado federal. Senador eu acho meio difícil, mas talvez daria. Então eu acho que eu tenho muito a contribuir"*.

Juventude e/na política

Dentro do PTB, de acordo com Aquiles, existe o MJT, Movimento Juventude Trabalhista. No momento da entrevista, ele não soube dizer como estava a atuação dos jovens, já que se encontrava afastado, mas no período em que participava a MJT fazia reuniões constantes e os jovens participavam das assembleias, *"fazendo baderna, bagunça"*. Fazer baderna e bagunça, na sua opinião, era uma forma da juventude mostrar que estava presente, cobrando dos deputados uma posição mais coerente e ética.

Aquiles considera conservadora a maioria dos adultos filiados ao PTB. Eram eles que ocupavam os cargos de maior importância dentro do partido e não escutavam as idéias, opiniões e reivindicações dos mais jovens. Essas atitudes, juntamente com as brigas internas do MJT, na sua opinião, acabavam desmotivando a juventude.

Conta uma situação na qual a juventude tinha a intenção de lançar um candidato do MJT a vereador e outro a deputado estadual, mas não conseguiram ganhar o apoio do partido. Ainda assim, correram atrás para conseguir verba e sustentar a campanha de ao menos um candidato, que não foi eleito. *“Quer dizer, o partido não deu estrutura necessária que a juventude precisava. O partido já ia fazer alguns vereadores, alguns deputados, e ele não deu a importância necessária pra juventude”*. Foi nesse momento que Aquiles optou por se distanciar um pouco do partido, apesar do interesse em retornar.

De um modo geral, acha que tem aumentado o número de jovens militando no movimento estudantil e também nos partidos políticos. *“A gente tá vendo ultimamente essas passeatas, uma ou duas, o pessoal da Ufes e da Escola Técnica. (...) Isso também é movimento estudantil, isso é movimento partidário, ali tem novos líderes”*. Ele acha, portanto, que a participação juvenil tem melhorado, principalmente entre jovens de escola pública, onde estão os maiores líderes.

Percebe uma grande diferença entre os jovens provenientes de escolas públicas e os de escolas particulares. Os jovens que cursaram o ensino superior em faculdade particular e que possuem melhores condições de vida, na sua opinião, *“não estão nem aí para a política”* e só pensam em *“ganhar o dinheiro deles com a empresa que eles têm”*. Já os jovens das escolas públicas têm mais preocupações: *“Ele vê, ele sofre, quando vai pagar um ônibus que ele tem que vir pra escola e eles aumentam a passagem abusivamente. Ele sofre com isso tudo. Aí por isso que ele é mais ativo, ele participa. Começa a militância, começa o espírito de liderança, aquela pessoa que tá lá na frente, sabe?”*.

Quanto aos direitos da juventude atual, Aquiles cita a educação como o principal, mas também o lazer e a cultura. O investimento governamental nessa área, na sua opinião, contribuiria bastante para a redução dos índices de violência e de jovens envolvidos com drogas.

Mulheres e/na política

De acordo com Aquiles, existem mulheres participando do PTB, embora sejam poucas e não participem com muita frequência. De um modo geral, não conhece muitas mulheres que participam ativamente, apesar de considerar que elas têm muito a contribuir para a política, principalmente pelo fato de se envolverem menos em *“falcatruas”*.

Em sua opinião, elas são excluídas pelos homens dos processos de corrupção política, justamente pelas características de seriedade e comprometimento. *“Eu acredito que elas são excluídas sim, de tão sérias. A maioria é, então elas acabam sendo excluídas disso. São boicotadas”*.

Quanto à comparação entre formas de participação feminina e masculina, acha as mulheres mais comprometidas e delicadas do que o homem. Cita a senadora Heloisa Helena, do Partido Socialismo e Liberdade, como exemplo de uma mulher bem sucedida na política: *“Pra mim, ela viu a podridão dentro do PT, sabe? Viu que não tava certo, abriu a boca, expulsaram ela do partido. Ela saiu limpa, ela mostrou que ela é realmente uma política comprometida, sabe?”*.

HÉRCULES – “(...) *hoje tudo é política, até a sua convivência com as pessoas é política*”.

Hércules é solteiro, estudante universitário e, no momento da entrevista, estava filiado ao Partido Social Cristão há aproximadamente quatro anos e meio. Antes do PSC, já foi filiado também ao antigo PFL e ao PP. Classifica seu atual partido como sendo de centro, já que “*está no centro da política*”. Em seguida, fala sobre a importância da fidelidade partidária e critica os políticos que mudam de partido após se eleger.

Começou a participar partidariamente pelo interesse em se envolver com política, já que, segundo ele, “*hoje tudo é política, até a sua convivência com as pessoas é política*”. Filiou-se também com o objetivo de acompanhar o mandato do político no qual votava e com quem começou a trabalhar: “*Eu venho acompanhando o mandato dele, e estamos aí até hoje porque tem me agradado esse mandato dele. Acho que isso motiva a gente a se filiar ao partido*”. Em sua opinião, os jovens deveriam se filiar a um partido com esse propósito de acompanhar o mandato dos políticos e verificar se os seus projetos estão sendo desenvolvidos a favor ou contra o povo: “*Então quando o jovem vai ser filiar, ele tem que ter esse pensamento: ‘Eu vou me filiar ao partidos, mas não me filiar só por filiar, ou só porque fulano pediu. Não. Eu vou me filiar porque eu quero acompanhar o mandato dele, quero saber como ele está, como estão indo os projetos dele’ (...)*”.

A filiação ao PSC foi, portanto, motivada pela ida do político com quem trabalhava para esse partido. “*... ele disse que ia mudar de partido. Então a gente automaticamente mudou com ele, aí veio a minha nomeação para o PSC Jovem. Aí nós já conhecíamos o partido, já tínhamos estudado o estatuto do partido, e aí ele me nomeou como presidente do PSC Jovem estadual*”.

Sua trajetória política teve início a partir da filiação partidária, já que anteriormente, Hércules não havia tido nenhum outro tipo de atuação, apenas acompanhava os acontecimentos políticos pela televisão.

Cita a grande influência de seu pai no início de sua participação, incentivando-o a se envolver. Em sua opinião, o jovem se interessa por política motivado por um amigo ou parente. No seu caso, foi a atuação do pai, junto a um político de Vila Velha, que despertou

nele o interesse pela política. Sua mãe, por outro lado, não atua politicamente, “... *ela é mais devagar, mais devagar. Ela não se interessa muito, não*”.

Atualmente, Hércules é assessor parlamentar e presidente estadual do PSC Jovem, cargo que toma a maior parte do seu tempo: “*Temos que estar nos organizando e acompanhando os municipais, saber como estão os andamentos, como estão os trabalhos. Inclusive nós vamos alterar a diretoria do PSC Jovem de Vila Velha (...) vamos dar posse para a nova diretoria, com novos ideais, com novas forças pra trabalhar, entendeu? Então nosso trabalho é mais acompanhando isso daí*”.

Avalia positivamente sua participação, já que exerce uma boa presidência, com uma equipe que trabalha e que está disposta a fazer mudanças. Além disso, considera-se um bom militante, pois tem ajudado muitas pessoas. Procura focar seu trabalho na juventude, já que, em sua opinião, o jovem é o “*início de tudo*”: “*A nossa educação política, de convivência com os outros, vem de criação. Então se hoje você tem a educação correta, amanhã você vai ser uma boa pessoa, é uma consequência*”. O objetivo do PSC Jovem, portanto, é tentar “*transformar jovens melhores, pra amanhã termos adultos e idosos melhores*”.

Juntamente com o pai e um político de Vila Velha, tem criado muitos projetos voltados para a juventude. Um exemplo citado está relacionado à *lan house*. “*É uma coisa que o jovem tem que se policiar nisso aí, porque às vezes ele perde muito tempo nesse... no local, e às vezes não se prepara, não se dedica*”. Os projetos são elaborados no sentido de limitar o horário de permanência no local, principalmente para jovens menores de 18 anos, e fiscalizar se a iluminação e a postura das cadeiras são adequadas.

Para Hércules, a política influencia a sua vida pessoal: “*A gente que ta no meio da política, influencia bastante, porque todo mundo te vê associado à política (...) Tanto que acaba tornando-se uma profissão, pra quem gosta*”. Acha que as pessoas que se envolvem com política pensando em se promover e ganhar dinheiro, “*não vão para a frente*”, pois o mais importante é o ideal de ajudar e querer melhorar a vida das pessoas.

Alguns amigos de Hércules não gostam de participar nem de conversar sobre política: “*A gente prega a política, mas eles estão desacreditados. Nós temos que tentar, nossos políticos hoje têm que mudar, esse negócio de corrupção*”. Outros já se interessam pelo assunto, mas não gostam de participar, de ir a encontros e reuniões: “*Esses, a gente tenta converter pra gente, tenta mudar essa mentalidade de que política não presta, pra*

poder estar participando com a gente, porque pra nós é importante ter todos à nossa volta. Então é bom. Aonde você vai tem um amigo, tem um militante seu e você pode dizer 'esse daí tá comigo'". Para ele, esse é um trabalho lento, mas que gera resultados: "Hoje você consegue um, amanhã você consegue dois, o nosso trabalho é esse aí".

Foi o pai de Hércules que começou a trabalhar com o deputado, "... então quem me trouxe indiretamente foi ele". Hércules acha importante o incentivo que sua família dá à sua atuação política. "Porque como eu disse a família, pai, mãe e irmãos é importante. Porque se você não tem eles trabalhando com você é complicado, porque você acaba tendo idéias, mas você não pode compartilhar com ninguém da sua casa porque ninguém te apóia".

A família de Hércules também gosta de política, inclusive primos e tios. "Eles me ajudam da melhor forma possível, com idéias. Sozinho é difícil ter idéias. Então eu sento às vezes com meu pai, com tio, meu primo também trabalha aqui. Então a gente tenta ver uma coisa legal, um projeto bom". Ele acha a família importante, pois sente que não está sozinho. "Então você ver seu pai, sua mãe contribuindo, ver seus parentes contribuindo, é legal e a gente fica até feliz de ver que nosso trabalho tá ajudando nossa família. Não adianta você fazer uma coisa pra agradar os outros se sua família tá perdida".

Juventude e/na Política

Os jovens filiados ao PSC estão organizados no PSC Jovem, que tem como principal objetivo a formação de jovens com "boa consciência política", para se tornarem "políticos melhores no futuro". Possui, ainda, como meta reduzir a desigualdade social e o índice de desemprego.

A oportunidade do primeiro emprego é uma das grandes preocupações de Hércules, que desenvolveu, no início de sua gestão, um projeto de capacitação para os jovens: "Damos curso de informática, curso de elétrica, no partido. Isso não é uma coisa que vai mudar de uma hora para outra. Mas se todo mundo começar a fazer uma parte, a gente pode mudar o jovem hoje e ajudar no primeiro emprego". O político com quem atua também o apóia nesse trabalho: "Alguém precisa do primeiro emprego, a gente vê com ele, como que pode fazer pra estar ajudando nisso daí, entendeu?".

Segundo Hércules, o partido apóia a participação da juventude, inclusive comparecendo a encontros e reuniões. Em sua opinião, é essencial que tenha um representante adulto do partido junto com a juventude, pois ele mostra seriedade, responsabilidade e credibilidade. Em suas palavras: *“Para o jovem, ouvir o seu representante total é motivante, é gratificante. Saber que meu deputado, meu presidente do PSC estadual, meu presidente aqui do município de Vila Velha, de Vitória ta comigo, ta me apoiando (...) Porque o PSC Jovem é uma parte do partido. Ele tem a formação pra amanhã ter pessoas melhores, militantes melhores. Então o adulto hoje, ele tem sempre que ajudar nisso daí, que é importante”*.

Em relação à participação dos jovens atuais, acha que eles têm participado pouco, devido à decepção que tiveram com a política. *“Então o jovem vê como ta hoje e amanhã ele não vai querer participar de partido. (...) Isso pra nós, que estamos na frente do PSC Jovem, é meio... triste, vamos dizer assim. Porque nós vemos nossos jovens hoje se alienando apenas numa coisinha, ficando pequenininho, sendo que a política hoje é o seu futuro. Porque como eu falei, tudo é política”*.

Como exemplo de atuação juvenil, cita a mobilização em prol do impeachment do ex-presidente Fernando Collor de Melo, em 1992. Depois desse período, foram poucas as manifestações, de acordo com ele. Cita as ocupações das reitorias de diferentes universidades públicas pelo país, inclusive da UFES, e como os estudantes obtiveram êxito em suas reivindicações: *“Negociou, negociou e a manifestação acabou. Mostraram que querem de alguma forma e pronto. Porque pelo que eu vi no jornal, eles foram atendidos e acabou a manifestação. Eles falaram ‘não, ta errado, vamos nos unir’, e se uniram”*.

Acha que o jovem tem que ser ouvido e a manifestação pacífica é a melhor forma para isso acontecer. Acha que o jovem da sua geração *“não sabe quanto vale um voto, então ele perde essa essência, de saber a importância do voto. Por isso que hoje a gente tem a compra de voto, essa corrupção, aí, que ta decepcionando muitos jovens e até mesmo muitos adultos em relação à política”*. Em sua opinião, os jovens deveriam acompanhar melhor o mandato dos políticos. Para incentivar a participação dos jovens, acha que deveriam existir mais políticas públicas direcionadas para eles e mostrando que a política pode ser mudada. Essa atitude seria muito importante para o futuro do país, já que, segundo

ele, *“a juventude hoje é o homem de amanhã, o homem de amanhã, e ele pode contribuir muito para o crescimento do nosso estado, do nosso país”*.

Para Hércules, trabalho, educação e segurança são os princípios básicos da cidadania e deveriam ser prioridade do governo. Para os jovens, a questão do emprego vem em primeiro lugar: *“O cara acaba se marginalizando porque não tem emprego. E pro marginal hoje o dinheiro é fácil e rápido. Então o jovem tem essa dificuldade, não consegue trabalho, aí amanhã ta envolvido com droga, criminalidade, então na minha visão, ia reduzir até a violência”*.

Mulheres e/na Política

A participação feminina dentro do PSC Jovem, de acordo com Hércules, é muito boa. As mulheres estão também organizadas dentro do PSC Mulher. Ele acha importante que as mulheres se envolvam partidariamente, pois em sua opinião, é necessário conhecer suas dificuldades para criar estratégias para superá-las. Em suas palavras: *“... porque como eu te falei, nós dependemos também das mulheres para conhecermos as dificuldades delas. A dificuldade que ela tem hoje para podermos trabalhar em cima”*. Além disso, se a política se restringisse à participação masculina, ia ser muito *“bagunçada”* e *“grosseira”*.

Hércules fala do espaço conquistado pelas mulheres atualmente, o que ele considera uma conquista: *“A mulher trabalha igual homem ou até melhor que homem”*.

Acha grande a influência da mulher para a política, *“porque como dizem, atrás de um grande homem sempre tem uma grande mulher”*. Quanto à caracterização da participação masculina e feminina, considera as mulheres mais sentimentais, *“mais coração”*, e os homens mais racionais, *“mais mente”*: *“Então é uma parte que complementa a outra. Então a mulher é importante por causa disso aí, que ela complementa o homem tanto na vida cidadã quanto na política”*.

Pela característica mais sentimental das mulheres, Hércules acha também que elas se frustram mais do que os homens: *“O homem, assim, por exemplo, hoje ele não pode ajudar, ele fica triste, mas amanhã ele já ta rindo normalmente. (...) A mulher sempre tem esse lado sentimental, que ela vê as dificuldades”*.

TESEU - “Então eu encaro que estando num partido, eu posso debater, discutir as posições do partido, e definir as pessoas que eu encaro que vão ser mais responsáveis por esses projetos”.

Teseu é solteiro, estudante universitário, assessor parlamentar e, no momento da entrevista, estava filiado ao Partido dos Trabalhadores há aproximadamente quatro anos. Participava também de uma associação de moradores e do movimento estudantil. Classifica seu partido como sendo de esquerda, mas mais próximo do centro: “... eu acho que deveria ser um pouco mais pra esquerda, mas eu vejo que tem ficado um pouco mais ao centro. Então eu vou botar mais ao centro para ser crítico nesse ponto sobre o posicionamento do partido”. Faz uma diferenciação entre partido e governo. Em sua opinião, o governo do PT estaria um pouco mais à direita, enquanto o partido em geral “tem puxado sempre mais para a esquerda”.

Teseu começou a se interessar em discutir questões políticas durante o ensino médio, apesar de não ter participado diretamente de grêmios estudantis: “até me arrependo um pouco hoje, talvez teria amadurecido mais cedo”. Foi também no ensino médio que passou a ler mais sobre política.

Iniciou sua militância dentro da igreja católica, onde participava de grupos de jovens e na qual passou a ter contato com os integrantes da associação de moradores. Sempre se interessou pelos acontecimentos do seu bairro e participava constantemente das assembleias comunitárias.

Para Teseu, não há influência alguma dos pais na sua participação. Eles não possuem qualquer tipo de militância em movimentos ou partidos, apesar de o pai gostar muito de ler sobre política. Os pais participam ativamente da igreja católica, principalmente no grupo de casais, “... mas só questão de igreja mesmo, militância política e alguma coisa social não”.

Antes ainda de se filiar, fez campanha para alguns candidatos do PT, mas por iniciativa própria, não de militância: “... o interesse em pegar material, fazer campanha, discutir problemas do governo, algumas coisas assim, mas individualmente, mais por simpatia ao PT em si, por candidatos dentro do PT”. A afinidade com o partido e com sua ideologia e as atitudes políticas de dirigentes e dos detentores de cargos eletivos

despertaram em Teseu o interesse em fazer parte do PT. Um amigo levou para ele a ficha de inscrição e ele aceitou se filiar.

Optou pela participação partidária tendo em vista que a constituição política do Brasil se dá por meio das decisões tomadas por aqueles que possuem cargo eletivo: *“Então eu encaro que estando num partido, eu posso debater, discutir as posições do partido, e definir as pessoas que eu encaro que vão ser mais responsáveis por esses projetos”*. Considera o voto um importante instrumento para esse fim, mas estar dentro do partido possibilita contribuir para os rumos e posições a serem tomadas na sociedade. Foi essa possibilidade de contribuir para as tomadas de decisão que o levou a se filiar.

O interesse pelo PT foi despertado pela história do partido e dos militantes, *“como era a ideologia do partido e dessas pessoas, e como encaravam, como deveria ser encarada a construção da sociedade em si, então eu me identifiquei com esse partido em função disso, dessa construção da sociedade”*. A importância do PT, em sua opinião, está em sua construção histórica, pelo fato de ser originário das bases, dos movimentos sociais. E também pela preocupação com as questões sociais e não só econômicas.

O processo de inserção no partido é lento, de acordo com Teseu. Quando começou a participar, ouvia muito o que as pessoas falavam e aprendeu bastante com essa atitude. Atualmente, já se posiciona diante das diferentes situações e assume a responsabilidade por algumas decisões: *“Eu gosto muito de ouvir os outros, mas eu vejo que tem momentos que não dá, você tem que tomar uma posição por você, e pelo que você aprendeu. É melhor que você tome aquela posição e seja responsável por aquilo, e defenda aquilo, mas que você dê um encaminhamento, do que deixar as coisas atrasarem”*.

Teseu avalia sua participação como positiva e se considera um bom militante, já que, para ele, o bom militante é aquele que se preocupa com o coletivo, característica que ele apresenta até de forma excessiva, em sua opinião: *“... eu sou uma pessoa extremamente preocupada com o coletivo, às vezes até esqueço de pensar em mim um pouco, todo mundo fala ‘pára, senta um pouco, respira e pensa em você, vê suas coisas, seus compromissos pessoais, seu divertimento”*.

A política, de acordo com Teseu, trouxe reflexos para sua vida pessoal, já que fez com que passasse a se preocupar mais com os acontecimentos da sociedade e com os rumos

que o país, os estados e as cidades estão tomando. Esses acontecimentos, em sua opinião, afetam diretamente a vida das pessoas.

Entre seus amigos, poucos participavam ativamente de movimentos ou partidos. Foi apenas depois do seu envolvimento com a Associação de Moradores que passou a ter mais contato com pessoas, principalmente do seu bairro, que possuem um projeto de participação política. Seus amigos, em geral, apóiam sua participação e confiam nela, mas cobram muito a falta de tempo para eles, principalmente nos fins de semana, quando programam alguma atividade e Teseu não pode ir por causa dos compromissos políticos. Com os amigos da faculdade, muitos não concordavam com sua participação, principalmente pelo fato de ser filiado ao PT: *“Por ser do PT já ficavam ‘não, o PT não, em hipótese alguma, mesmo sendo você, gosto muito de você, mas PT de jeito nenhum’ (...) Criticam por ser do PT, mas por reconhecer, saber como eu sou, minhas atitudes, o pessoal acaba depositando essa confiança”*.

Ainda em relação à vida pessoal, a participação política influencia também o relacionamento familiar. Seus pais, apesar do apoio, se preocupam muito com sua participação, principalmente pela sobrecarga de tarefas que acumula. Às vezes, conversa com seu pai sobre o que tem feito, mas o pai não se posiciona positiva ou negativamente frente a sua participação. Apenas apóia, pois essa é a vontade de Teseu. Sua mãe e sua avó, por outro lado, comentam mais o seu envolvimento político. No início, elas acharam que o envolvimento de Teseu era passageiro, que *“não ia muito para frente”*. Entretanto, quando perceberam que essa era realmente a sua vontade, passaram a se preocupar mais: *“... minha mãe conta que minha avó falou ‘não queria ele envolvido, não queria ver o neto, nenhum parente envolvido nesse negócio de política, ah isso é um horror’, então ela não gostou muito”*. Mas atualmente, como elas já perceberam que é o que ele gosta, elas apóiam.

A maior preocupação de sua mãe, no entanto, está na possibilidade de Teseu se envolver demais e depois se decepcionar com a política ou com algum grupo de pessoas. Mas, em sua opinião, isso só acontecerá se o partido no qual ele acredita se *“desvirtuar completamente para o outro lado”*: *“... aí eu pego e saio, não vou me submeter ao que eu não concordo (...) se começar a destoar e seguir um outro caminho completamente, aí eu me desfilio, e parto pra outro, avalio o que é melhor pra mim. Ou ficar sem partido nenhum, ou ver outro partido que eu me encaixe melhor”*.

A posição da família, portanto, não é de criticar a participação de Teseu e pedir para ele sair. Apenas se preocupam com seu futuro. Em relação ao partido ao qual Teseu é filiado, eles não fazem nenhum comentário: *“Eu percebo que contra não tem nada. Talvez teria contra se eu tivesse escolhido um outro partido que, apesar de meus pais participarem de igreja, e tudo mais, tem essa idéia também de coletividade, de preocupação social”*.

Teseu têm dois irmãos mais novos, de 22 e 19 anos. Eles também são filiados ao PT, convidados por Teseu, mas não militam ativamente. Gostam de discutir, debater e participar das reuniões do partido, *“mas militância de rua, não”*. Eles se envolvem em época de campanha eleitoral, *“vestem a camisa, pegam material com conhecido, mas militância de universidade, movimento social, efetivamente não”*. A falta de tempo é o principal obstáculo para essa participação mais efetiva: *“No início, quando era mais light, eles até participavam um pouco mais, mas atualmente não, preferiram se dedicar realmente à faculdade deles, é o gosto deles, querendo ou não eles fazem militância local ali, com o pessoal de sala, o pessoal do curso”*. Os irmãos conversam bastante sobre política. Como os mais novos não se envolvem muito, eles gostam de discutir com Teseu, de saber como estão as coisas, de falar a posição deles.

Teseu não tem interesse pessoal em se candidatar a algum cargo eletivo, principalmente por achar que estando *“do lado de fora”* tem mais chances de debater e pressionar. No entanto, muitas pessoas de dentro do partido já começam a sondar sua candidatura e ele já começa a olhar essa questão de forma um pouco diferente: *“Não tenho interesse pessoal em si, não tenho mesmo. Mas se for por idéia do conjunto das pessoas, de quem é próxima de mim, e achar que vale a pena, que eu devo ser, aí por apoio dos outros eu toparia ser, mas só sendo a face pública, colocando o conjunto de idéias de quem me representa ...”*.

Juventude e/na Política

A juventude do PT, segundo Teseu, tem trabalhado de forma unida, apesar das tendências individuais: *“A gente conseguiu se fechar muito bem a juventude e tomar nossas próprias posições, porque a gente tá vivendo nos nossos espaços, não tem como os adultos,*

os que são mais velhos, quererem impor alguma coisa porque eles não estão vivendo aquela realidade". Alguns resultados estão sendo alcançados, como por exemplo, a aprovação em nível nacional do Primeiro Congresso de Juventude.

De acordo com Teseu, os jovens do PT têm atuado, principalmente, em associações de moradores, movimentos campestinos, no MST, movimentos de reforma urbana, de luta pela moradia, movimento estudantil e sindicatos. A participação no ME de jovens filiados a partidos políticos é um pouco complicada, em sua opinião, já que muitas vezes está relacionada à intenção de seguir carreira política, candidatando-se a um cargo eletivo. Essa associação afastou Teseu do ME durante um tempo, apesar de, no momento da entrevista, estar participando de um Centro Acadêmico.

Em sua opinião, o jovem participa muito pouco dos partidos políticos e não acreditam que seu envolvimento pode mudar a situação. Na verdade, acreditam que a própria situação não tem mais chances de ser mudada. Teseu, ao contrário, imagina *"que tem que ser o contrário, exatamente porque o jovem tem muita ânsia, muito gás, então acho que é fundamental a participação do jovem"*. Acrescenta que, se os jovens não se envolverem de fato, os *"caras mais velhos"* vão continuar tomando as decisões que são de interesse deles. A falta de renovação do quadro político garante, segundo Teseu, os benefícios e interesses daqueles que já estão no poder.

Essa é a principal razão que o motiva a continuar se envolvendo. Alguns amigos da faculdade perguntam se ele é político, a quem ele responde: *"... eu acho que todos devemos ser, devemos ser agentes políticos, minimamente, então eu defendo, bato muito nessa tecla, que todos nós, principalmente jovens, devemos ser agentes políticos pelo menos"*.

No entanto, a filiação partidária não é a única maneira de se envolver política e socialmente, em sua opinião. Apesar de muitos jovens assumiram a postura de questionamento, Teseu acha que falta o envolvimento de fato. Esse envolvimento pode ser via participação em movimentos sociais, assembleias de bairro, orçamento participativo ou conselhos.

Responsabiliza também os meios de comunicação pela imagem negativa constantemente associada à política, o que desestimula a participação das pessoas em geral e dos jovens em particular. A desilusão, para ele, é o principal fator associado à falta de participação juvenil.

Quanto aos direitos defendidos para os jovens, cita o acesso à universidade como o principal. Apresenta alguns programas do governo como fundamentais nesse sentido. Cita também a discussão em torno da primeira Conferência Nacional de Juventude e da possibilidade de se conversar sobre os diversos espaços de inserção da juventude, como o movimento hip-hop, os movimentos feministas, o ME, entre outros. No momento da entrevista, estavam trabalhando ativamente para a formalização do Conselho de Juventude do município de Vitória.

Em relação à participação de jovens na associação de moradores da qual faz parte, Teseu comenta que: *“De jovens tem eu e tem um outro que tem seus trinta anos, se eu não me engano, trinta e um. (...) São os dois mais jovens assim, eu com vinte e três e ele com trinta. (...) Tem um outro rapaz que entrou, mas tem seus trinta e cinco, trinta e oito anos. Os outros dois são bem mais velhos”*.

Mulheres e/na Política

De acordo com Teseu, poucas mulheres jovens participam do PT, apesar de o número de meninas ter aumentado nos últimos meses. Ele atribui esse fato ao maior envolvimento dos jovens petistas de maneira geral e à abertura que os meninos têm dado a elas: *“A gente convida muito, a gente mostra que é necessário que elas participem, que elas botem a posição delas, pra mostrar realmente a força delas (...) a gente da juventude tem, se não forçado, mas se aberto muito mais e chamado elas a participarem, então elas têm se sentido mais à vontade”*. Não soube dizer os motivos pelos quais poucas mulheres participam, já que nunca pensou sobre esse assunto. Acredita que a política ainda está associada a uma visão muito machista, pois é um espaço ocupado principalmente por homens. As mulheres ficam, então, receosas de participar e ocupar esses espaços.

Teseu se orgulha do fato de a juventude estar cumprindo esse papel de atrair a participação feminina, já que, segundo ele, *“... na juventude é onde tudo começa”*. Alguns cursos de formação já começam a apresentar números significativos de participantes do sexo feminino, chegando a representar metade do total de jovens. Segundo Teseu, de acordo com o Estatuto do PT, o partido deve ter no mínimo 30% de mulheres em todas as suas instâncias, o que nem sempre tem sido fácil, devido ao pouco envolvimento feminino.

Uma crítica que faz à participação das mulheres jovens deve-se ao fato de elas estarem muito associadas ao ME: *“Estamos querendo puxar esse pessoal pra depois mostrar que a juventude não tem que ser só movimento estudantil, tem que ser além, e ver se leva essas meninas pra outros campos além, que nessas outras áreas tem muito mais homem, nos movimentos de bairro, e tudo, é muito mais homem”*.

Quanto às formas de participação e inserção políticas, Teseu acha os homens se preocupam mais com a questão das esferas políticas e dos poderes, enquanto as mulheres se preocupam um pouco mais com a construção da participação feminina na política, em fazer com que as idéias delas sejam ouvidas e colocadas em prática na sociedade: *“... os homens estão mais preocupados em dar espaço para elas do que realmente participar dessa discussão”*. De fato, acha que os homens preocuparam-se em abrir espaços políticos para as mulheres, mas nem sempre estão dispostos a se envolver e contribuir para as causas feministas.

Para Teseu, as mulheres contribuem para a política de maneira a colocar em evidência pontos de discussão específicos das mulheres, como salário e condições de emprego. Além disso, participando, elas influenciam nos diversos âmbitos de decisões, sociais e político-partidários, o que acaba atraindo mais mulheres para se inserir na política.

Os homens, por outro lado, acabam tendo que abrir mão da hegemonia de participação, como tinha sido até esse momento de transformação. Dessa forma, passam a olhar as questões de maneira mais geral, preocupando-se também com as reivindicações femininas.

Na atual gestão da associação de moradores da qual Teseu faz parte há apenas uma mulher, entre onze gestores. Na chapa formada pelo PT havia mulheres participando, já que *“tem que ser proporcional”*, mas elas acabaram não assumindo a gestão, uma por motivo de viagem e outras por não aceitarem: *“elas não quiseram ficar, acharam que não ia ter... toparam entrar na chapa pra fazer a disputa, e tudo, mas pra ficar, não ficaram”*. Teseu não soube explicar o motivo da desistência.

ULISSES – “Como contribuir? Participando. Eu quero conhecer mais, quero aprender o que é isso que todo mundo fala que é sujo, que é errado”.

Ulisses é casado, trabalha como analista de sistemas e é filiado ao Partido da Social Democracia Brasileira desde 1996, único partido ao qual já se filiou. Já foi convidado a participar de outros partidos, mas não aceitou, pois o PSDB, para ele, é “*uma paixão consciente*”. Caracteriza seu partido como sendo de centro-esquerda: “*Porque o PSDB nasceu nas bases sociais, nasceu na esquerda, mas o que acontece? O PSDB é mais maduro. Tem aquela visão que a gente tem na adolescência de revolução, só que o PSDB amadureceu*”.

Entre 1996 e 2003, Ulisses continuou filiado ao PSDB, mas sem participar ativamente, já que estudava em uma outra cidade e também por não concordar com a direção estadual nesse período. Durante esse tempo, dedicou-se às leituras e à participação em campanhas eleitorais. A partir de 2003, incentivado por um amigo, passou a atuar com mais frequência, tornando-se uma das principais lideranças do movimento jovem. Teve importante participação, em sua opinião, na organização do partido, para que chegasse também até as bases e não se transformasse em um partido elitista.

Ulisses se define como sendo muito pragmático e perfeccionista. Foram essas características, aliadas à sua dedicação ao estudo e à leitura, que o motivaram a participar e contribuir politicamente: “*Como contribuir? Participando. Eu quero conhecer mais, quero aprender o que é isso que todo mundo fala que é sujo, que é errado, eu queria entender como era*”. A escolha pelo PSDB se deu pela característica técnica e pela afinidade que sempre sentiu pelo partido: “*Por que não o PT? Eu sempre via essa polarização PT, PSDB, isso sempre foi claro pra mim (...) e eu sempre fui contra, eu sempre me achei muito inteligente a ponto de alguém chegar e falar ‘toma a bandeira, vai pra rua balançar’. Eu nunca gostei, sempre falo ‘não subestime a minha inteligência’. Então eu nunca gostei*”. Para ele, o PSDB sempre foi muito carismático, as pessoas são bastante técnicas e o trabalho do ex-presidente Fernando Henrique Cardoso foi excepcional. Nunca foi a favor do socialismo, mas também não se identifica com o partido Democratas, por considerá-lo muito elitista.

Durante a adolescência, não participou de movimento estudantil, mas sempre se identificou muito com o esporte, foi líder e capitão do time de futebol da escola. Participou, em 2001, de um Congresso da UNE – União Nacional dos Estudantes, que o motivou ainda mais a participar, por não concordar com a forma como o movimento estudantil estava organizado. Para ele, a participação dos estudantes é utilizada muitas vezes como um braço partidário: *“Eu não aceito isso. Acho um absurdo. É brincar com a esperança da pessoa. É manipulação. É subestimar a inteligência do jovem”*.

Seu principal interesse em ingressar na política está relacionado à realização profissional, já que seu objetivo é ser ministro. Em seus planos, não estaria uma candidatura a um cargo eletivo, a não ser que fosse indispensável para alcançar a sua meta. Em suas palavras: *“Eu entrei na política porque minha meta é ser ministro. É o ministro que tem a caneta na mão. Sendo ministro você tem como mudar a vida das pessoas. Você tem como atuar, como alterar. Eu penso em poder ajudar. E também eu gosto de ter domínio, eu gosto de trabalhar, gosto de ver as coisas acontecendo. Eu não gosto de participar. Eu gosto de participar ativamente”*.

Sua família diverge quanto às opiniões políticas. Seu pai é de origem humilde e foi o único de oito irmãos a cursar o ensino superior. Atuou como liderança portuária e já foi secretário municipal na Prefeitura de Vitória. Sempre se identificou com a social democracia. Para Ulisses, seu pai sempre foi mais técnico do que político, já que não gostava de aparecer publicamente. Ele, ao contrário, se diz apaixonado por política.

Já sua mãe, de acordo com ele, não gosta e nunca participou politicamente. Ulisses não consegue entender e aceitar a posição política dela, que votou no Lula nas últimas eleições presidenciais, e no João Coser para prefeito municipal de Vitória, ambos do PT, enquanto Ulisses participou ativamente da campanha do César Colnago (PSDB): *“Mas isso me estimula a lutar por conscientização (...) A minha mãe me estimula a participar, assim, o que ela fala é o que eu nunca penso”*. O pai, por outro lado, é referência de participação e ética.

Ainda no plano pessoal, a atuação política trouxe reflexos também em sua relação conjugal. Apesar da esposa ter uma vida profissional bastante agitada, ela reclama muito da falta de tempo de Ulisses, consequência de sua intensa participação. Ela também é filiada ao PSDB, por influência do marido, mas não participa ativamente, por opção de Ulisses,

que prefere que ela não vá a reuniões ou convenções do partido, pois nesses espaços não poderá dar a ela a devida atenção: *“Então eu prefiro o quê? Separar as coisas. É uma visão meio machista em si, mas nem tão machista porque acaba sendo melhor. Pela participação diretiva que eu tenho hoje, bem ativa, se não fosse uma participação tanto assim, ela tava em todas comigo. Quando eu vejo que eu vou poder dar atenção, aí ela vai. Quando eu não posso acaba sendo ruim”*.

Quanto aos amigos, Ulisses diz que muitos deles não querem se envolver com política e não procuram se informar sobre os acontecimentos na área, ao contrário dele, que escolhe a parte de política do jornal para ler primeiro. Essa diferença impede que consiga realizar alguma discussão com esses amigos.

Em sua atividade profissional, como professor, tenta levar *“conscientização”* aos seus alunos, levantando temas polêmicos para serem debatidos. Acredita que, embora não faça política partidária em seu trabalho, atua politicamente, levantando algumas questões para debate e conscientização.

Juventude e/na política

Na opinião de Ulisses, existe uma grande diferença na forma de inserção política de jovens residentes no interior do estado e na região metropolitana. Enquanto no interior eles começam a participar motivados por seus familiares, que já possuem ligação com o meio político-partidário, na região metropolitana, a participação acontece pela afinidade pessoal e não familiar.

Dentro do PSDB, de acordo com Ulisses, existe o LAP (Laboratório de Aprendizagem em Política), responsável pela elaboração de programas voltados para a formação dos jovens. De acordo com ele, a participação de jovens no partido diminuiu bastante, principalmente pela falta de interesse dos jovens atuais, mais preocupados com o vestibular. Atualmente, a relação da juventude estadual com a direção do partido é de total integração, segundo sua avaliação. Mas não foi assim desde o início, já que o movimento nacional de juventude estava desorganizado e precisaram brigar para conseguir espaço. No momento da entrevista, os jovens estavam discutindo e cobrando do partido a necessidade do PSDB ir para as bases.

Ao falar sobre a participação política dos jovens atuais, Ulisses compara sua geração com a da década de 1960, afirmando que naquele momento existia um inimigo comum a ser enfrentado, que era a ditadura militar, fator responsável pela organização juvenil. Atualmente, existem vários inimigos, como a desigualdade e a violência, que não geram mobilização coletiva. O jovem, em sua opinião, não tem consciência de que precisa participar. Cita um episódio acontecido na capital Vitória, no qual a juventude se mobilizou contra o aumento da passagem do transporte coletivo. Para ele, os jovens foram “*completamente usados*” pelos partidos: “*o jovem mesmo não bate em cima. Ele não entendeu aquela questão, foi um grupo, um setor, que fez da questão dos ônibus um ponto político*”.

Em sua opinião, não há nada que atraia o jovem para a política nos dias de hoje, já que a política está muito associada à apatia. Acha que o que atrai é a revolução, “*aquele jovem que é contra tudo e contra todos*” e que existe a tendência do jovem ir para a esquerda: “*É muito legal pegar uma bandeira e dizer que eu sou contra isso. É contra em casa, contra os pais, então você pegar a bandeira e sair dizendo que é contra é muito legal. Isso acaba atraindo. Mas por isso que eu falo, tem que ter essa consciência lá atrás*”. Antes de participar, Ulisses achava que as pessoas entravam para a política por interesse próprio, “*de levantar bandeira, que é uma coisa que eu sempre fui contra. Eu acho que dar uma bandeira para um jovem e falar pra ele sair gritando revolução, é a coisa mais fácil que tem, porque é o período da idade em si, então eu era contra...*”.

Acha que a participação política faz diferença na vida do jovem, que adquire uma visão mais globalizada do mundo e uma consciência do poder que tem sua participação e seu voto. Acredita que as pessoas se esquecem que o voto não é uma obrigação, mas um direito conquistado e que precisa ser exercido. A igualdade de oportunidades, em sua opinião, é o principal direito a ser alcançado pelos jovens de sua geração. Esse direito é importante, já que é durante a juventude, segundo sua opinião, que as pessoas se formam e formam o seu caráter, definindo valores a serem seguidos.

Mulheres e/na política

De acordo com Ulisses, a participação feminina no PSDB é pequena, mas é maior entre as mulheres jovens do que entre as adultas. Chama a atenção para o fato de os partidos em geral delegarem às mulheres apenas as atividades de secretaria, o que ele considera um preconceito. Dentro do PSDB, foi líder de uma campanha contra essa atitude em relação às mulheres, que atualmente também participam como diretoras e formuladoras. Em sua opinião: *“Se ela está ali é porque ela quer participar, aí você colocando pra fazer coisas que entre aspas é melhor mulher, você acaba inibindo a participação, que poderia estar contribuindo”*.

A política, de acordo com ele, ainda é predominantemente masculina e é difícil conseguir que trinta por cento dos participantes do partido sejam do sexo feminino. Pontua que, no momento da entrevista, dos treze representantes do Espírito Santo no Congresso Nacional, apenas quatro eram mulheres, e muitas foram influenciadas pelos maridos: *“A tendência é entrar por causa do marido. Das quatro mulheres, olha, Rita Camata, influência do marido. Sueli Vidigal, influência do marido. Tem a Rose de Freitas e a Iriny. A Iriny que é dos direitos humanos, e a Rose eu não sei. Então acho que elas participam mais influenciadas pelos homens”*.

Quanto à contribuição de homens e mulheres para a política, considera as mulheres mais organizadas e sensíveis, enquanto os homens são mais responsáveis pelas formulações políticas. Por outro lado, a política, em sua opinião, contribuiu muito para a vida pessoal das mulheres, já que foi responsável pela abertura do mercado de trabalho para elas. A política fez com que as mulheres saíssem de casa e participassem mais, o que, para ele, foi um grande passo. Já em relação aos homens, acha que a política influencia no dia-a-dia deles. *“Normalmente, isso tá mudando, mas os homens, que são líderes de família, chefes de família, a política tem uma influência enorme. Se a política vai mal, a família vai mal. Porque o homem acaba sendo pára-raio”*. Diz que na maioria das vezes ainda é o homem que recebe o maior salário, mesmo quando a mulher trabalha fora, e por isso o pensamento da sociedade é de que a obrigação do sustento continua sendo do marido. Acha que essa visão ainda é muito presente nas classes A, D e E. Já na classe média, existe uma divisão mais igualitária entre os papéis masculino e feminino.

5.3 Síntese dos elementos de representação social de participação e política

Para encerrar a seção de resultados, elaboramos um quadro (Figura 02) com a descrição dos elementos de representações sociais de participação e de política identificados nos relatos dos participantes. Adicionalmente, retomamos a posição atribuída por eles aos partidos dos quais participam. É interessante ressaltar que essas representações parecem ser elaboradas de acordo muito mais com os significados incorporados pelas tendências atribuídas do que com os ideários partidários propriamente ditos.

Como o conjunto de participantes desta pesquisa compõe o que se pode denominar de amostra de conveniência, não há sentido em discutir a diferença de gênero em relação à tendência dos partidos aqui representados. Mas é interessante ressaltar que a maior parte dos participantes posicionou seu partido à esquerda, no espectro esquerda-direita.

Figura 02 – Quadro descritivo da posição política atribuída ao partido, representações sociais de participação e representações sociais de política.

		Clio	Erato	Tália	Urânia	Aquiles	Hércules	Teseu	Ulisses
Posição atribuída ao partido	Extrema-Esquerda								
	Esquerda								
	Centro-Esquerda								
	Centro								
	Centro-Direita								
	Direita								
	Extrema-Direita								
Elementos de Representações Sociais de Participação	Diferencia jovens								
	Consciência / visão maior do todo								
	Defesa de causa/luta								
	Importante para todos								
	Contribuir para melhorar vida da população								
	Aprendizado/ experiência importante								

Elementos de Representações Sociais de Política	Interferir/mudar vida pessoas/comunidade	■	■	■	■	■	■	■	■
	Desgaste/ imagem negativa	■	■	■	■	■	■	■	■
	Luta/ dedicação a ideal	■	■	■	■	■	■	■	■
	Compromisso com povo/sociedade	■	■	■	■	■	■	■	■
	Está em tudo, no dia-a-dia	■	■	■	■	■	■	■	■
	Espaço masculino/ poucas mulheres	■	■	■	■	■	■	■	■
	Paixão /projeto de vida/ profissão	■	■	■	■	■	■	■	■
	Muda visão de mundo	■	■	■	■	■	■	■	■
		■	■	■	■	■	■	■	■

6- DISCUSSÃO

6.1 Trajetórias de militância – do contato com a política à participação partidária

O contexto geracional dos jovens – iniciando a discussão

Os jovens que compõem o grupo estudado fazem parte de uma geração representada como alienada e pouco engajada politicamente, principalmente quando comparada à juventude dos anos 1960, hoje considerada como símbolo de idealismo e engajamento juvenil (Schmidt, 2001).

De forma diferente da que majoritariamente é descrita, os jovens que entrevistamos disponibilizam grande período do seu tempo para as atividades das quais participam. E essa dedicação direciona-se tanto a ações em movimentos sociais, culturais e associacionistas, como integram espaços bastante tradicionais de participação, como partidos políticos e movimento estudantil.

A decisão por entrevistar jovens filiados a partidos políticos surgiu do nosso interesse em dar visibilidade à participação da juventude contemporânea em uma instância que pode se considerada como tradicional, apesar da atual multiplicidade de espaços disponíveis de participação.

É preciso destacar, no entanto, que não estamos reduzindo a definição de participação política à participação partidária. Consideramos e valorizamos a atuação em diferentes movimentos sociais, culturais e associativistas. O que estamos propondo é uma discussão a respeito da participação político-partidária tendo como foco as trajetórias e experiências daqueles que assumiram o desafio de fazer parte de um espaço que aparentemente é pouco legitimado aos jovens. Essa alegação de pouca legitimidade baseia-

se na observação de que tal espaço de participação parece ser tradicionalmente ocupado por adultos, principalmente se levamos em consideração a carga de quem ficam as responsabilidades de direcionamentos principais e condução dos partidos.

Ressaltamos que nosso foco está na participação partidária, independentemente de qual seja a filiação política. O que nos interessa em termos de análise diz respeito à posição oferecida por cada participante para o seu partido no espectro político brasileiro.

De qual posição no espectro político falam os jovens

Nenhum dos participantes considerou seu partido como sendo de direita. Ulisses (PSDB) e Hércules (PSC) posicionaram seus partidos no centro. Urânia (PSB), Aquiles (PTB), Erato (PDT) e Teseu (PT), no centro-esquerda. Tália (PT) localizou seu partido na esquerda e Clio (PSOL) foi a única a posicionar seu partido na extrema esquerda.

Pérez (2006), ao discutir os dados de pesquisa realizada com jovens mexicanos entre 15 e 25 anos, também afirma que a maior parte dos jovens que se interessam pela política e participam politicamente consideram-se como de esquerda. O autor aponta ainda que as opiniões favoráveis à democracia também são mais comuns entre os que simpatizam com os partidos de oposição.

A pesquisa Perfil da Juventude Brasileira (Abramo e Branco, 2005) também solicitou que os jovens se posicionassem no espectro político. Os resultados foram: 5% se posicionaram na extrema esquerda, 11% na esquerda e outros 11% no centro-esquerda; 23% no centro; 12% no centro-direita; 14% na direita e 6% na extrema-direita. Dentre os jovens pesquisados, 17% não souberam se posicionar. Observa-se certo equilíbrio entre os jovens na sua distribuição entre esquerda e direita, apesar de porcentagem um pouco maior estar associada à direita. Conforme Singer (2005) “talvez o mais importante destes

resultados seja a alta porcentagem – 83% - dos que sabem se posicionar politicamente, o que indica um grau surpreendentemente elevado de engajamento político (...)” (p. 33).

Comparados com os resultados descritos no levantamento sobre o Perfil da Juventude Brasileira (Abramo e Branco, 2005) cujas posições dos jovens em geral foram equilibradas entre direita e esquerda, os dados de nossa pesquisa, assim como aqueles encontrados por Pérez (2006), indicam que para os jovens participantes da pesquisa e que possuem participação política parece haver maior identificação com a esquerda. Esses dados podem estar de acordo com as representações socialmente difundidas de juventude e participação política, conforme discutiremos mais adiante. No entanto, seria necessário investigar também o que os jovens consideram que sejam esquerda, centro e direita.

Nesse momento, a fim de melhor compreender as trajetórias dos jovens militantes, passaremos a discutir aspectos relacionados à socialização política e aos fatores que motivaram sua inserção político-partidária. Discutiremos ainda os reflexos que tal opção gerou na vida pessoal de cada um deles e quais planos fazem para o futuro.

O contato com a política

As histórias pessoais anteriores à filiação partidária são diferentes para cada participante. Tália, Clio e Urânia destacam que o contato com a política surgiu quando ainda eram crianças e os respectivos pais e mães as levavam para reuniões e assembléias partidárias. Afirmam que as discussões sobre política e temas afins sempre fizeram parte do cotidiano de suas famílias. Segundo Clio foi seu pai quem mostrou a ela os livros e textos, com orientação marxista, que marcariam toda a sua trajetória política. De acordo com Nazzari (2007), essas primeiras experiências formativas de crianças e jovens são muito

importantes no processo de socialização política: “Essas experiências têm influência decisiva na vida adulta, favorecendo o aprendizado participativo e cooperativo” (p. 510).

Ulisses, Aquiles e Hércules também entraram em contato com a política por meio de seus pais. O interesse de Hércules em participar politicamente foi despertado pela atuação do pai junto a um político da região metropolitana de Vitória.

O pai de Ulisses, que foi líder portuário e secretário municipal, tornou-se referência para a participação do filho, que se orgulha da trajetória vivenciada pelo pai. Aquiles passou a ter contato com a política por meio das ações sociais desempenhadas por seu pai junto à comunidade em que moravam. Tais ações despertaram o interesse de um político que o convidou para trabalhar com ele como assessor parlamentar.

Teseu e Erato são os únicos a afirmarem que os pais nunca tiveram nenhum tipo de participação política. Entretanto, relatam que os pais sempre participaram ativamente de movimentos religiosos, o que acabou motivando os filhos a também se engajarem em atividades dessa natureza. Além disso, Teseu e Erato citam a influência dos pais em sua formação a partir da transmissão, ao longo de suas vidas, de valores como solidariedade, respeito e justiça.

O contato de Teseu com a política aconteceu dentro da Igreja Católica, a partir da atuação junto com participantes da Associação de Moradores do seu bairro. Erato, por sua vez, iniciou seu contato com a política na escola onde cursou o ensino fundamental. Entretanto afirma sempre ter considerado injusta a situação vivenciada pelos pais.

O início da trajetória de participação política

Para alguns participantes, o início da participação política coincide com a filiação partidária. Outros, no entanto, participaram de diferentes movimentos sociais antes de optarem pela inserção em um partido político.

Urânia, Erato, Tália e Clio envolveram-se primeiramente com as questões estudantis. As três primeiras participaram de Grêmio Estudantil e Conselho de Escola enquanto cursavam o Ensino Fundamental e Médio, o que parece apontar para a importância da escola como espaço de socialização política. Clio, por sua vez, iniciou sua participação no Movimento Estudantil universitário, já que, em sua opinião, os professores do ensino médio não conseguiram despertar nela o interesse pelas questões sociais e políticas: “... segundo grau agora é assim, né? É ridículo, é coreba, né? Pra passar no vestibular. (...) Os professores, então, não incentivam os alunos a pensar, a fazer análises críticas. Então eu não tive interesse e ninguém me despertou interesse” (Clio).

Teseu iniciou sua militância política em atividades ligadas à Igreja Católica. Foi a partir de contatos feitos no interior de grupos religiosos que passou a se interessar pelo movimento comunitário. Surgiu daí o seu engajamento em uma Associação de Moradores, da qual participa até hoje.

Hércules, Aquiles e Ulisses iniciaram sua trajetória de participação política concomitantemente à filiação partidária. Os dois primeiros atuaram, desde o início, no cargo de assessor parlamentar. Aquiles afirma, inclusive, que foi o emprego e o salário que o motivaram a se inserir no meio político e não o ideal de participar politicamente, que surgiu apenas posteriormente: “Até porque eu não tinha cabeça pra isso, eu era muito novo. Nem imaginava que ia chegar aonde chegou. Foi mais pelo emprego mesmo, por ter uma renda, por ter salário, pra não depender mais da mesada do meu pai, entendeu?” (Aquiles).

Ulisses filiou-se aos 16 anos e simpatizava muito com o partido, mas passou um tempo sem participar ativamente, devido a questões de caráter pessoal. Durante o período em que cursou o ensino médio não participou de grêmios estudantis. Sua participação na escola relacionava-se a atividades esportivas das quais sempre foi o líder.

Os dados acima apresentados vão ao encontro do que foi discutido por Smith (1999) ao investigar as conseqüências políticas da presença de capital social na vida de jovens estudantes. A autora encontrou que as relações familiares, a participação religiosa e a participação em atividades extracurriculares são importantes preditores de maior engajamento político, incluindo o desejo de cooperar socialmente por meio de atividades cívicas e políticas.

Motivações para a participação política

As motivações alegadas para a inserção política foram diversas. De acordo com pesquisa realizada por Miranda e Balardini (2000) com jovens que participam ativamente em partidos políticos e organizações sociais, três elementos apareceram como favorecedores da participação juvenil: histórico de participação familiar, convicção e motivação pessoal e formação e capacitação. É importante frisar que esses fatores podem vir muitas vezes associados.

A disposição pessoal e o desejo de fazer a diferença no mundo em que vivem apareceram como principais fatores de inserção política para a maioria dos jovens por nós entrevistados. A influência e o exemplo dos pais e a carreira profissional foram outros fatores influenciadores.

Urânia, Tália e Clio citam a participação dos pais como uma grande motivação para sua inserção. Desde crianças freqüentavam reuniões, assembléias e encontros políticos, o

que favoreceu o contato com a temática. Além disso, as concepções e idéias compartilhadas atualmente com os companheiros de partido foram influenciadas pelos pais. *“O seu primeiro núcleo de sociabilidade é a família. Aí lá você começa a aprender o que você pensa, as suas concepções, perspectivas, as suas idéias. Ali você começa a formular e tal, e ver como você enxerga a vida, como enxerga o seu redor, como enxerga tudo. A contribuição dos meus pais foi fazer eu enxergar as coisas de um modo diferente, com uma perspectiva mais de classe mesmo”* (Clio).

As três jovens citam também o fato de serem as únicas nas respectivas famílias a seguirem a trajetória política dos pais. Seus irmãos não se interessam pelo assunto. Dessa forma, o histórico de participação familiar favoreceu o engajamento político, mas não foi o único fator responsável, já que todas citam o desejo pessoal de envolvimento e atuação mais concreta em favor de mudanças na realidade social e política.

Das três jovens focalizadas, Clio foi a única a optar por um partido político diferente de seus pais. Esse fato indica que a influência deles ocorreu sem que isso implicasse direcionamento sobre a opção partidária, apesar de a tendência política ser parecida (de esquerda).

Percebe-se a importância da socialização familiar no processo de engajamento político dos jovens. Com relação a isso, Zuluaga (2004) enfatiza o papel da família como espaço de socialização decisivo na formação democrática e cidadã. A família, conforme aponta o autor, é um espaço “de vida social, de conflitos, de capacidade de negociação, de reconhecimento de limites, de sentido do coletivo, de sentido de responsabilidade pública, de aprender a viver em comunidade” (p. 97). Por meio de sua própria estrutura relacional, a família reproduz as estruturas sociais fundamentais.

Outros participantes também citam a influência dos pais em sua participação, mesmo que estes não tenham sido militantes ativos. Para Erato, a realidade difícil enfrentada pela família de agricultores e os valores transmitidos por seus pais também tiveram influência em sua inserção no meio político: “*São pessoas dignas, trabalhadoras, mas simplesmente não tiveram a oportunidade que eu tenho, que eu estou tendo. (...) E são justos, né? Defendem o direito de toda uma coletividade*”. Entende que a educação recebida de seus pais fez com que se tornasse uma pessoa mais justa e humana. Por outro lado, cita também o que considera motivações pessoais internas: “*Partiu de mim mesma, eu acho que eu tenho isso dentro de mim, a vontade de lutar...*” (Erato).

A oportunidade de trabalhar como assessor parlamentar motivou a participação partidária de Hércules e Aquiles. Aquiles aponta esse como o principal fator de seu engajamento político inicial, com o “*espírito de militância*” surgindo a partir desse contato.

Hércules também começou a participar juntamente com um político. A fidelidade ao projeto político da pessoa com quem trabalhava motivou, inclusive, as opções por mudar de partido, apesar de seu discurso apontar diversas vezes para a importância da fidelidade partidária.

O interesse profissional também foi predominante para a decisão de Ulisses de se inserir na política. Afirma que sua grande meta é ser ministro e acredita que chegará ao seu objetivo devido, principalmente, às suas características pessoais, como pragmatismo e perfeccionismo: “*Sabe por que eu entrei pra política? Realização profissional. Eu quero ser ministro. (...) Eu entrei na política porque minha meta é ser ministro. Minha participação ativa se deu por causa disso*” (Ulisses).

Teseu é o único a afirmar que não percebe a influência de seus pais em sua participação. Sua militância foi motivada, principalmente, por fatores religiosos, já que

iniciou sua atuação na igreja católica, onde trabalhava com grupos de jovens da comunidade em que morava. Foi a partir desse envolvimento que passou a ter contato com os participantes da Associação de Moradores do bairro, na qual passou a militar e da qual faz parte até hoje.

De acordo com Smith (1999) as instituições religiosas transmitem normas e valores de cooperação que podem conduzir ao maior engajamento na sociedade. Dessa forma, a participação religiosa tem sido identificada como uma importante forma de capital social.

Cada um desses jovens apresenta um conjunto de motivações pessoais para ingressar na militância. Características pessoais, histórico familiar, motivação religiosa e desejo de fazer a sua parte e mudar uma situação que consideram ser injusta. Todas essas situações fazem com que não cruzem os braços e partam para uma ação concreta e uma busca por seu espaço.

A filiação partidária

Atualmente fala-se muito do distanciamento entre a população jovem e as instâncias tradicionais de participação política, entre elas os partidos políticos (Baquero, 2001; Camino, 1996; Pérez, 2006; Ponte de Souza, 1999; Venturi e Bokany, 2005). No entanto, muitos jovens continuam optando por essa forma de participação, galgando espaços nem sempre facilmente legitimados a eles. Esse é o caso dos jovens participantes desta pesquisa.

Apesar de a democracia não se esgotar nos processos eleitorais e na participação partidária, estes têm sido, conforme aponta Pérez (2006), aspectos importantes para o desenvolvimento da representação e da participação cidadã. Por isso, esta seção tem como objetivo apontar e discutir as razões declaradas pelos jovens para a sua filiação partidária.

Em alguns casos, as motivações coincidem com aquelas declaradas para a participação em geral.

A possibilidade de “*fazer a sua parte*” e contribuir para a mudança da realidade de desigualdade e preconceito vivenciada por muitas pessoas foi a principal motivação indicada por Urânia e Erato. Estas jovens acreditam que os partidos sejam importantes meios para se atingir esses objetivos. Erato aponta, ainda, a facilidade de se conseguir contato com alguns políticos com o objetivo de reivindicação como a principal vantagem da participação partidária.

Ulisses apresenta três motivos principais: formular sua própria opinião sobre a política, tão associada a fatores negativos; atingir sua meta de ser ministro; por fim, suas características pessoais, como pragmatismo e perfeccionismo, que também contribuíram para sua decisão de se filiar.

Clio, Teseu e Tália entendem os partidos como espaços importantes de formulação, formação e decisão política. Tália filiou-se com o objetivo de contribuir ainda mais com o partido no qual sempre militou, mesmo que de maneira menos intensa. Na condição de filiada poderia contribuir financeiramente, mas principalmente de forma política, nas decisões e eleições partidárias.

Clio filiou-se quando sentiu a necessidade de se engajar em um projeto mais abrangente para a sociedade e não mais restrito às questões estudantis, tão presentes no único movimento no qual militava – o Movimento Estudantil.

Teseu justifica sua opção a partir da análise da atual constituição política do país. Parte do raciocínio de que uma vez que as decisões políticas são tomadas pelos detentores de cargos eletivos, a filiação partidária torna-se importante, pelo fato de serem os partidos que decidem os candidatos a esses cargos: “*Então eu encaro que estando num partido, eu*

posso debater, discutir as posições do partido, e definir as pessoas que eu encaro que vão ser mais responsáveis por esses projetos”.

Aquiles também cita a participação nas eleições internas como importante razão para a filiação partidária. Inicialmente, sua inserção no partido foi de certa forma pressionada, já que passou a trabalhar como assessor parlamentar. Posteriormente, percebeu a importância da filiação partidária, principalmente pela possibilidade de mudar o que não considerava correto.

Hércules filiou-se por causa do interesse em se envolver com política, já que, em sua opinião, *“hoje tudo é política”*. Outro fator motivador foi a possibilidade de acompanhar de perto o mandato do político em quem votava e com quem passou a trabalhar como assessor parlamentar: *“Então quando o jovem vai ser filiar, ele tem que ter esse pensamento: ‘Eu vou me filiar ao partidos, mas não me filiar só por filiar, ou só porque fulano pediu. Não. Eu vou me filiar porque eu quero acompanhar o mandato dele, quero saber como ele está, como estão indo os projetos dele’ (...)”* (Hércules).

Parece haver, entre esses jovens, uma identificação da participação em partidos como forma privilegiada de ação política, apesar de não ser a única, já que atuam também em outros espaços. Aparece em seus discursos certa valorização dos partidos, representados positivamente como espaços importantes de atuação.

Além da filiação partidária, esses jovens também estão inseridos em outros movimentos sociais. Soma-se a isso o fato de que se vêem fazendo política em outros espaços de sua vida pessoal. Aquiles, por exemplo, percebe-se fazendo política quando participa da ordem para-maçônica DeMolay, na qual realiza um trabalho social. Em sua atividade profissional como professor, Ulisses também atua politicamente, segundo sua opinião, já que suscita a discussão de temas polêmicos e de interesse para a sociedade.

Clio, Tália, Teseu e Urânia atuam em outros movimentos sociais. Urânia é militante do Movimento da Juventude Negra, com o qual se identifica intensamente. Clio, Tália e Teseu dedicam-se ao Movimento Estudantil, sendo que Teseu também atua no Movimento Comunitário, por meio da associação de moradores. A participação, portanto, não está restrita à modalidade partidária, mas associada a ela.

Com relação às múltiplas possibilidades de ação juvenil, Mische (1996) aponta que: em lugar da homogeneidade dos estudantes de classe média alta que integravam o movimento estudantil dos anos 60, a juventude brasileira dos anos 90 se destaca pela heterogeneidade. Hoje as redes de estudo, trabalho, cultura e sociabilidade dos jovens não estão mais centralizadas nas universidades. Jovens de várias origens e classes sociais se encontram numa extensa diversificação de espaços de convivência e com grande variedade de estilos de expressão (p. 5).

Assim, aliada às formas tradicionais de participação, como os movimentos estudantis, partidários e sindicais, outras maneiras de se organizar socialmente surgem no cenário juvenil. Há opções diversas para um jovem que se sente atraído pela participação política/social. Além dos grêmios livres, centros acadêmicos e outras instâncias do movimento estudantil e dos partidos políticos, existem inúmeros movimentos sociais, desde os de bairros populares até os que expressam as lutas de negros, mulheres, povos indígenas e homossexuais. Existem, ainda, as ONG's nas áreas de meio ambiente, educação, direitos humanos e cultura, que ganharam força nos anos 80 e 90 (Mische, 1996).

Dos oito jovens, apenas três mudaram de partido (Hércules, Aquiles e Erato). Inicialmente filiada ao PT, Erato resolveu abrir mão de sua filiação quando o presidente Lula foi eleito, o que, em sua opinião, faria com que o partido acabasse se atrelando ao governo e o seu objetivo pessoal era continuar “*sendo de esquerda*”. Já Hércules e Aquiles

mudaram de partido seguindo orientação dos políticos com quem trabalham. Isso pode indicar que, para estes dois jovens, os projetos políticos dos detentores de cargo eletivo com quem trabalham parece mais importante se comparado àquele desenvolvido pelo partido do qual fazem parte.

Para os demais participantes, o projeto político partidário torna-se referência de participação. Não se associam a um representante específico, mas aos ideais desenvolvidos por todo o grupo partidário com o qual se identificam. São esses jovens participantes que defendem mais claramente suas posições partidárias, em contraposição às idéias desenvolvidas pelos demais partidos, como veremos mais adiante.

Os reflexos da participação política na vida pessoal

A participação política trouxe reflexos na vida pessoal dos jovens participantes desta pesquisa. Baltazar (2004) investigou a forma como as lideranças de organizações populares na Grande Vitória avaliam a relação entre sua militância e a vida cotidiana. Dentre as vantagens apontadas pelas lideranças, destaca-se o crescimento pessoal e profissional, a aprendizagem e a aquisição de conhecimentos: “Através da militância puderam aprender sobre si mesmos, sobre as relações pessoais, sobre o mundo, sobre a sociedade, permitindo mudanças de comportamento e possibilitando um a realização pessoal” (Baltzar, 2004, p. 185).

De maneira semelhante, a militância proporcionou a Teseu, Clio, Tália e Urânia aquisição de conhecimentos e maior reflexão crítica: “*Eu passei a ser uma pessoal, assim, com mais conhecimento, passei a ser mais crítica, com mais visão do mundo até. Com a política você passa a perceber muita coisa que está em volta, passa a perceber como funciona muita coisa na sociedade em que a gente vive*” (Urânia).

Para Clio, a participação proporcionou também modificação na forma de se auto-avaliar: “... *Ah, é uma coisa pessoal, mas eu vou falar. Eu tinha coisas comigo, problemas com meu físico, com minha estatura, assim, coisas que acontecem, sabe? E que hoje eu não tenho mais. Eu não vejo que esse é o problema, tá entendendo? E quando eu atuo num coletivo, eu enxergo ... não menos pra mim, sabe? Mas eu não fico só nos meus conflitos*”. Ponte de Souza (1999) também relata o caso de um jovem participante cuja prática coletiva mudou o seu comportamento, já que antes se definia como inibido. A participação em cursos, treinamentos e encontros o auxiliaram na superação de limites pessoais.

A militância também afeta diretamente a relação com amigos, família, namorado (a) e esposo (a). A identificação partidária parece proporcionar vínculos fortes o suficiente para fazer com que o círculo de amizades de alguns participantes quase se restrinja ao dos colegas de partido: “*Por você estar ali o tempo todo, fazendo as coisas, e tal, estudando, você acaba criando um vínculo de amizade ali dentro. E aí você... por você ter uma vida muito parecida uma com a outra, assim, e concepções parecidas, acaba que você cria muita amizade com essas pessoas. A conversa flui muito mais (...) você se identifica muito mais com as pessoas que são parecidas com você, que tem o mesmo projeto de vida*” (Clio). Baltazar (2004) também encontrou entre um grupo de lideranças a avaliação de que o círculo de amizade tende a se fechar em torno dos militantes devido à falta de tempo e à dificuldade em relacionar-se com pessoas que tenham diferentes concepções e visão de mundo.

A convivência com o grupo de militância também se tornou central na vida de jovens participantes da pesquisa de Ponte de Souza (1999). Segundo a autora, “as amizades, atividades e mesmo opções de lazer eram o resultado do convívio com o grupo, que acabou

desenhando, de certo modo, as reflexões sobre casamento, sexo, juventude, participação, drogas” (p. 164).

A relação com os amigos de fora da militância apresenta, para os jovens por nós entrevistados, sentimentos diversos. Ao mesmo tempo em que esses contatos tornam-se uma espécie de “*válvula de escape*” para assuntos considerados “*mais leves*”, os participantes apontam as dificuldades de relacionamento, “... *porque você tem que ser duas pessoas ao mesmo tempo. Você tem que ser uma pessoa pra lidar com aqueles que tem interesse nas mesmas idéias que você, mas ao mesmo tempo você não pode deixar de gostar daqueles que não gostam da política, né?*” (Urânia).

Na opinião de Tália e Clio, que se consideram de esquerda, a situação fica ainda mais difícil quando se trata de jovens que compartilham as idéias da direita: “*(...) é difícil você conversar com uma pessoa assim, você acaba discutindo e às vezes batendo de frente*” (Tália).

O fato de a maioria dos colegas não gostar e não participar partidariamente parece desenvolver nos participantes desta pesquisa certa diferenciação em relação a eles. Esse processo de diferenciação e categorização social será discutido mais adiante no tópico sobre juventude e participação política.

Os relacionamentos amorosos/conjugais também sofrem a interferência da participação política de quatro jovens entrevistados. A militância política foi um grande obstáculo e um dos fatores que culminaram no fim do relacionamento de Tália. Atualmente, não cogita mais a hipótese de se envolver com um rapaz de direita: “*É muito difícil você se envolver amorosamente, porque a política é uma paixão assim, é uma coisa que, são sei se é só paixão, mas vira um pouco de parte da gente, passa a ser parte da*

gente, do nosso caráter, e você não vai conseguir namorar uma pessoa que tem um caráter muito diferente do seu” (Tália).

O namorado de Clio não tem atuação política e faz fortes críticas ao marxismo e à esquerda, com os quais ela se identifica. Sua militância não foi um fator decisivo para o término do namoro, que, no momento da entrevista já estava em seu terceiro ano, mas continua sendo o principal motivo das brigas do casal.

Erato e Ulisses, únicos casados entre os participantes da pesquisa, conciliam de forma distinta o relacionamento conjugal e a participação política. O marido de Erato é bastante atuante no mesmo partido ao qual é filiada. Os assuntos relacionados à política são constantes na vida de ambos: *“Nossa vida é uma política”* (Erato). Apesar de afirmar que a decisão de se filiar ao seu atual partido tenha sido sua, não desconsidera a influência do marido nessa atitude.

A esposa de Ulisses é filiada ao mesmo partido que ele, mas não participa ativamente, por uma decisão do marido. Ulisses prefere que ela não frequente reuniões e convenções partidárias, já que nesses espaços não poderá dar a ela a devida atenção: *“Então eu prefiro o quê? Separar as coisas. É uma visão meio machista em si, mas nem tão machista porque acaba sendo melhor. Pela participação diretiva que eu tenho hoje, bem ativa, se não fosse uma participação tanto assim, ela tava em todas comigo. Quando eu vejo que eu vou poder dar atenção, aí ela vai. Quando eu não posso acaba sendo ruim”.*

O que planejam politicamente para o futuro?

Alguns participantes teceram comentários sobre planos para o futuro em relação à participação social e política. Aquiles e Ulisses foram os únicos a manifestar claramente o

desejo de seguir carreira política: *“Olha, se eu falar que não, eu vou estar sendo hipócrita”* (Aquiles). E almejam cargos importantes no cenário nacional.

A meta principal de Ulisses é ser ministro. Ele não pensa em disputar cargos eletivos, a não ser que seja indispensável para alcançar sua meta. Em suas palavras: *“Eu entrei na política porque minha meta é ser ministro. É o ministro que tem a caneta na mão. Sendo ministro você tem como mudar a vida das pessoas. Você tem como atuar, como alterar. Eu penso em poder ajudar. E também eu gosto de ter domínio, eu gosto de trabalhar, gosto de ver as coisas acontecendo. Eu não gosto de participar. Eu gosto de participar ativamente”*.

Aquiles acredita que pode contribuir muito para a política nacional e por isso tem pretensões claras de se candidatar a um cargo eletivo: *“... porque eu não almejo pouco, sabe? Eu quero chegar a... sei lá, talvez a um deputado federal. Senador eu acho meio difícil, mas talvez daria. Então eu acho que eu tenho muito a contribuir”*.

Teseu não apresenta interesse pessoal em se candidatar a algum cargo, já que acredita que estando *“do lado de fora”* teria mais chances de debater e questionar as propostas que não concorda. Por outro lado, afirma que poderia aceitar a idéia, caso fosse uma proposta deliberada pelo grupo do qual faz parte: *“Não tenho interesse pessoal em si, não tenho mesmo. Mas se for por idéia do conjunto das pessoas, de quem é próxima de mim, e achar que vale a pena, que eu devo ser, aí por apoio dos outros eu toparia ser, mas só sendo a face pública, colocando o conjunto de idéias de quem me representa ...”*.

Entre os demais, existe o plano de continuar participando da vida política do país, por meio da atuação no partido ao qual pertencem e nos espaços já alcançados. Existe, ainda, o interesse de continuar fazendo política na vida pessoal e profissional, seja como professor, seja como profissional da área de ciências humanas.

Na seção seguinte, discutiremos a participação política dos jovens atuais ou sua recusa, as representações sociais de participação, política e juventude e as relações intergeracionais presentes neste processo.

6.2 Juventude e Participação Política

As representações sociais de participação e de política

Tomando como referência o quadro apresentado na página 99, encontramos que participar, segundo os rapazes e moças aqui em evidência, *diferencia os jovens*. As diferenças estão na forma de pensar tendo visão social mais ampla; porque se tornam mais politizados; porque se posicionam mais freqüentemente; são mais compromissados e; adquirem mais experiência de vida. Ser diferenciado em relação aos jovens que não participam apareceu como elemento de representação presente nos relatos de todos os nossos participantes e parece ser um dos pontos básicos na definição de sua identidade. Parece ser também referência importante na ancoragem de suas representações sociais de juventude, que trataremos mais adiante.

Participar é ter *consciência/ visão maior do todo, da sociedade; é defesa/ luta por uma causa; é importante para a vida de todos; é contribuir para mudar/melhorar a vida da população e; é um aprendizado/experiência importante.*

Com relação à política, os dois elementos de representação mais comumente encontrados nos relatos dos jovens foram *interferir/mudar a vida das pessoas/comunidade e desgaste/imagem negativa*. Nota-se que o primeiro elemento referido aparece de forma bastante semelhante na representação de participação – *contribuir para melhorar a vida da população*. Da mesma forma, *luta/dedicação a ideal* (política) guarda correspondência com

defesa/ luta por uma causa (participação), e *muda a visão de mundo e compromisso com povo/sociedade* (política) são semelhantes aos significados presentes em *diferencia jovens* (participação).

Política é também representada como algo que *está em tudo, no dia-a-dia* das pessoas mesmo que elas não se dêem conta desse fato.

Vale destacar os dois elementos restantes: *espaço masculino/poucas mulheres e paixão/projeto de vida/profissão*. O primeiro deles presente nos relatos de três participantes indica a força do discurso tradicional sobre gênero que delimita papéis e espaços diferenciados de atuação para homens e mulheres. O segundo indica a presença do significado presente no pensamento social de que para dedicar-se à política é preciso gostar, ter grande disponibilidade a ponto de fazer dela seu projeto de vida.

Os dados aqui relatados sobre representações dos jovens aproximam-se daqueles encontrados por outros estudos que encontraram, por exemplo, como representação social de participação política a experiência de aprendizagem e cooperação sustentada em responsabilidade e compromisso (Bermúdez, Savino e Zenklussen, 2004), ou ainda que apontam a contribuição da participação social para o aumento de sentimentos de eficácia e responsabilidade ao mesmo tempo em que diminui os sentimentos de alienação e anonimato entre os jovens (Velásquez, Martinez & Cumsille, 2004).

Acreditamos que os significados atribuídos à participação e à política e que foram construídos a partir de suas trajetórias estão estreitamente relacionados com suas representações sobre juventude e gênero, o que pretendemos mostrar a seguir.

Os jovens participantes falam de sua geração

Entre os jovens participantes, é generalizada a opinião de que sua geração participa pouco de atividades sociais e políticas. As causas citadas para a falta de participação estão associadas, principalmente, ao individualismo característico dos jovens atuais, à rotina acelerada e sobrecarga de tarefas e à decepção com a política. Para eles, a juventude está muito preocupada com suas questões privadas, como passar no vestibular ou conseguir um bom emprego. Além disso, consideram sobrecarregada a rotina dos jovens, que têm que estudar e trabalhar ao mesmo tempo.

Paredes e Pecora (2004), ao pesquisar as representações sociais de perspectivas de futuro entre adolescentes da rede pública de ensino de Cuiabá/MT, encontraram que, entre as maiores preocupações dos adolescentes em relação ao futuro estão a formação acadêmica (estudo), a qualidade de vida (felicidade, saúde) e o trabalho (profissão, emprego). Estudo e trabalho parecem, portanto, ser temas prioritários para adolescentes e jovens, tomando grande parte do tempo disponível.

Trzesniewski, Donnellan e Robins (2008), ao investigarem os níveis de narcisismo dos jovens atuais, comparando com resultados de outras pesquisas semelhantes realizadas com jovens das décadas de 1980 e 1990, não encontraram indícios de que os jovens atuais sejam mais narcisistas e individualistas do que os jovens de gerações anteriores. O individualismo, apontado pelos participantes por nós entrevistados como característica de sua geração parece, portanto, ser atribuído aos jovens em geral, independentemente da geração a qual pertençam.

A descrença na política e naqueles que assumem cargos eletivos foi outro motivo citado. A perda da credibilidade dos políticos, vinculada às freqüentes promessas não cumpridas, também aparece no discurso de participantes de outros estudos realizados sobre essa temática (Fernandez, 2000; Miranda e Balardini, 2000; Nazzari, 2007; Schmidt, 2001).

Hércules e Ulisses afirmam que os jovens não sabem o valor do seu voto e não têm consciência de que precisam participar. Teseu, também nesse sentido, afirma que os jovens não acreditam na mudança que sua participação pode gerar. Considera que, na verdade, os jovens não acreditam na própria mudança da situação.

Tália, por outro lado, analisa a forma como o “*sistema*” cria distrações para os jovens, oferecendo festas, diversão, micaretas e outros prazeres individualistas. Aproveita-se da representação socialmente difundida da juventude como período de curtição (Menandro, 2004; Martins, 2002) para difundir entre eles a cultura da diversão. Teseu também responsabiliza os meios de comunicação de massa, interessados apenas em transmitir imagens negativas associadas à política, como um fator de desmobilização política. De fato, ações positivas desenvolvidas por políticos, ou pessoas envolvidas, dificilmente ganham espaço na mídia.

Alguns participantes também conseguem perceber que é apenas participando e se envolvendo que terão a possibilidade de mudar a realidade. A falta de renovação de quadros políticos, de acordo com Teseu, é o que garante a manutenção dos benefícios daqueles que já estão no poder ou nos cargos de liderança política.

Entre as justificativas apresentadas pelos participantes para a pouca participação política juvenil alternam-se aquelas que responsabilizam a própria juventude com outras associadas a fatores externos.

Aquiles é o único a acreditar que tem aumentado o número de jovens participando. Entretanto, considera que o envolvimento acontece apenas entre estudantes de escolas públicas e da universidade federal. De acordo com sua opinião, os estudantes das faculdades particulares só estão interessados em construir sua carreira profissional, sem uma preocupação com as questões sociais e políticas. São os estudantes de escolas públicas

que sentem as necessidades, as dificuldades, e por isso se organizam na tentativa de mudá-las.

De fato, entre os jovens desta pesquisa, apenas os estudantes de escolas e faculdades públicas possuem trajetória de participação no Movimento Estudantil. Em pesquisa sobre a estrutura e organização do Movimento Estudantil, Mesquita (2003) entrevistou jovens participantes de um encontro nacional de estudantes e verificou que vários deles se referiram à questão da defesa da universidade pública e poucos incluíram nas discussões a universidade privada. O autor deixa, então, um questionamento, que se faz pertinente: “... se a maioria dos estudantes brasileiros está hoje em universidades privadas, não seria o momento do movimento também discutir com afinco a realidade difícil por quais passam os estudantes destas universidades?” (p. 104).

Quanto às alternativas possíveis de participação Mesquita (2003) refere-se a uma mudança de realidade em que, ao contrário das décadas anteriores (principalmente dos anos 1960) em que o Movimento Estudantil era o porta-voz da maioria dos jovens, configura-se atualmente um contexto em que a juventude conta com múltiplas possibilidades de expressão política. Em relação aos jovens que entrevistamos, quatro iniciaram sua militância ou participam atualmente do ME e dois já participaram de Congressos da UNE ou foram representantes de sua turma na escola. Constatamos assim que, a despeito do aumento da diversidade de canais possíveis de participação, as ações estudantis continuam sendo um importante meio de inserção política.

Falar da participação política dos jovens contemporâneos remete-nos, muitas vezes, à juventude das décadas de 1960 e 1970, apesar da tentativa de muitos autores de mudar essa visão, seja valorizando a participação atual, seja problematizando a afirmação de que toda a geração daquelas décadas foi politizada e participativa. Alguns autores afirmam que

a participação não era característica generalizada dos jovens de toda uma geração, mas de uma juventude de classe média que tinha visibilidade e espaço na mídia (Ponte de Souza, 1999; Urresti, 2000; Venturi e Bokany, 2005). Não havia referência a outras juventudes. Alguns dos nossos entrevistados também fazem essa comparação.

Tanto Tália quanto Ulisses apontam o “*inimigo comum*” que as gerações das décadas de 1960 e 1970 tinham que enfrentar – a Ditadura Militar. Acreditam que esse fato tenha gerado a mobilização mais coletiva. Apontam atualmente a existência de vários inimigos a serem combatidos, dentre eles a desigualdade social, a falta de oportunidades, a violência. Para Ulisses, essas questões não estão claras para os jovens e por isso não geram mobilização. Tália, por outro lado, considera esses motivos apontados como suficientes para despertar o engajamento e a organização dos jovens de sua geração, mas o “*sistema*” continua desestimulando a participação, forçando os jovens a darem motivos como falta de tempo ou preferência por outras atividades, principalmente ligadas à diversão.

Tália fala ainda dessa comparação quando se remete à participação do seu pai. Apesar de não desconsiderar a influência do seu pai sobre o seu próprio engajamento político, consegue analisar os contextos distintos de militância vividos por ambos, tanto gerais quanto partidários. Gerais, devido ao sistema político vigente e aspectos políticos e sociais de cada época. Partidários, já que ela está vivendo um momento em que o partido do qual participa é um partido de situação, diferentemente de seu pai, que militou no mesmo partido em um período de contestação: “... *porque eu estou tendo que contestar coisas que ele não tinha que contestar, né? E eu não preciso de lutar contra coisas que ele lutava. Eu não preciso lutar mais contra governo tirânico, ditatorial, e tal, a minha participação é diferente, mas que não é menos importante*” (Tália).

Existe um paradoxo? Ao mesmo tempo em que esses dois jovens afirmam que sua geração é mais apática do que a de seus pais, também enfatizam o fato de que sua participação não é menos importante do que as anteriores. Os demais participantes também falam que sua geração participa pouco e, de alguma forma, comparam-na com as anteriores.

Urresti (2000) afirma que a comparação entre as gerações dos anos 1960/1970 com as dos anos 1980/1990, e mais recentemente, com a dos anos 2000, é um tema recorrente nas discussões e debates políticos. Trata-se, segundo o autor, de comparação entre gerações, na qual o foco da avaliação está no que sobra ou no que falta na geração mais próxima da qual se refere. No entanto, traz um questionamento: é possível comparar um jovem de hoje com um de 30 anos atrás? Segundo o autor, se considerarmos a juventude como experiência histórica, a resposta é negativa. Não se trata de atores suscetíveis à comparação, mas de épocas históricas que definem os conflitos de maneira diferente, e dentro delas os atores vivenciam as experiências sociais de maneiras diversas.

O sentido histórico sempre foi enfatizado por Mannheim em sua definição de geração (Motta, 2004)³. O que caracteriza uma geração, segundo Mannheim, não é o fato de as pessoas terem nascido em um mesmo período cronológico. “O que cria uma situação comum é elas estarem numa posição para experienciar os mesmos acontecimentos e dados, etc” (Ponte de Souza, 2006b, p. 14). De acordo com Mannheim (1982) “a mera contemporaneidade torna-se significativa sociologicamente apenas quando envolve também a participação nas mesmas circunstâncias históricas e sociais” (p. 80).

Portanto, para se compreender os jovens contemporâneos torna-se necessário levar em consideração o atual contexto. Essa compreensão está de acordo com autores que propõem definir adolescência e juventude como construções sociais e históricas (Abramo,

³ A autora refere-se ao texto “O problema das gerações” de Mannheim publicado em 1928.

1997; Aguiar, Bock & Ozella, 2001; Ponte de Souza, 1999; Schmidt, 2001). Compartilhamos dessa compreensão que norteará as discussões tecidas no âmbito deste trabalho.

Os jovens e as representações sociais de juventude

A Teoria das Representações Sociais tem sido utilizada em diversos estudos sobre jovens e suas relações com os mais variados temas ou objetos sociais. Martins (2002) investigou as representações sociais de adolescentes sobre a adolescência e o suicídio. As representações sociais de perspectivas de futuro foram investigadas por Paredes e Pecora (2004) entre jovens alunos da rede pública de ensino. Aranzedo (2006) analisou as representações sociais sobre a vida humana entre adolescentes que cumpriram medida sócio-educativa de privação de liberdade.

Menandro (2004) investigou as representações sociais da adolescência/juventude a partir de matérias jornalísticas divulgadas em dois momentos distintos da história recente. A autora identificou idéias de rebeldia, de dependência e imaturidade, e da condição de estudante nas representações de adolescência/juventude. Indicou também a associação de conteúdos negativos relacionados aos jovens.

Castro e Correa (2005) chamam a atenção para a aparente contradição na maneira de se pensar a juventude. Ao mesmo tempo em que representações sociais bastante negativas estão associadas a ela, existe a valorização do estilo de vida e dos valores relacionados a ser jovem.

Ghiardo (2004) discute o processo que transforma a juventude em um *símbolo*, “em uma espécie de ‘estado de ânimo’ psíquico e corporal que se representa em signos e práticas que vão além de ter ou não uma idade específica” (p. 18).

Elementos da representação social de juventude aparecem nos discursos dos participantes. A idéia de juventude como uma etapa preparatória do desenvolvimento humano aparece na fala de Hércules e Tália, por exemplo. Para Hércules, investir na formação dos jovens garantirá a existência de “*políticos melhores no futuro*”, já que “*a juventude hoje é o homem de amanhã*”. Soma-se a isso o fato de que considera fundamental que um representante adulto do partido participe juntamente com a juventude, já que ele mostra seriedade, responsabilidade e credibilidade. Essas idéias parecem apontar para a representação do jovem como um ser imaturo e dependente.

Tália considera que os jovens são muitas vezes vistos como incoseqüentes, opinião com a qual ela compartilha: “*... até porque existe mesmo um pouco de incoseqüência, mas é uma coisa natural da juventude*”.

A naturalização de características como imaturidade, dependência e incoseqüência, leva-nos à discussão sobre o conjunto de representações sociais de adolescência/juventude. De acordo com Menandro, Trindade e Almeida (2003) essas representações apóiam-se em sistema de crenças e valores presentes na sociedade e que estão ancoradas em conhecimentos científicos produzidos há muito tempo:

Identificamos como âncoras destas representações sociais, parte das proposições da teoria de Hall sobre a adolescência. A teoria de Hall concebe a adolescência como um período complexo e associado ao desenvolvimento da individualidade, caracterizado por instabilidade e turbulência, características relacionadas diretamente ao desenvolvimento sexual (Menandro, Trindade e Almeida, 2003, p. 51).

Tais representações se sustentam também, conforme aponta Krauskopf (2000), no enfoque da juventude como um período de transição entre a infância e a idade adulta.

Alcançar apropriadamente o status de adulto seria a consolidação de seu desenvolvimento. Soares (2000) faz uma crítica às análises que concebem apenas a juventude como um tempo de transição na vida do ser humano:

Não se está querendo negar a existência de etapas na vida nas quais as mudanças ou os passos de um estado a outro são as características dominantes do ser humano, o que se quer afirmar é que a concepção de juventude como um tempo de transição deve ser re-elaborada a partir da consideração de que toda a vida do ser humano se desenvolve entre transições e que, apesar disso, cada etapa, cada momento, ‘cada transição’ tem seu sentido próprio e, sobretudo, suas expectativas próprias (p. 83).

Nesse mesmo sentido Lütte (1991, citado por Krauskopf, 2000) assinala que a rapidez dos progressos técnicos e científicos coloca os adultos frente à necessidade de formação permanente, afastando cada vez mais a possibilidade de se distinguir a adolescência da idade adulta em função da preparação para a vida.

O reducionismo que concebe a adolescência como etapa preparatória surge, conforme aponta Krauskopf (2000), como uma possibilidade de adiamento dos direitos dos jovens, ao considerá-los carentes de maturidade social e experiência: “Implicitamente lhes nega o reconhecimento como sujeitos sociais” (p. 122).

Em relação às relações intergeracionais, Krauskopf (2000) destaca três categorias: o adultocentrismo, o adultismo e os bloqueios geracionais. O adultocentrismo é a categoria que designa uma relação de poder assimétrica entre os adultos e os jovens, influenciada pela concepção patriarcal. Traduz-se em práticas sociais sustentadas na representação dos adultos como um modelo acabado ao qual se aspira. Nesta ordem, o critério biológico excluiria as mulheres, pela questão de gênero, e os jovens, pela idade. A segunda categoria é o adultismo, que se traduz diretamente nas interações entre adultos e jovens. Com as

mudanças aceleradas, os adultos sentem-se desprovidos de referenciais suficientes para orientar os jovens em suas vivências. Dessa forma os adultos, para manterem sua posição e a afirmação do seu controle, tornam-se mais rígidos. Traduz-se, portanto, na rigidez da postura adulta frente à ineficiência dos instrumentos psicossociais com que contam para relacionar-se com os jovens. Por fim os bloqueios geracionais, última categoria descrita, são produtos das dificuldades apresentadas por ambos os grupos geracionais de escutar-se mutuamente. “A comunicação bloqueada faz emergir discursos paralelos, realidades paralelas e se dificulta a construção conjunta. Gera grandes tensões, frustrações e conflitos que se tornam crônicos” (Krauskopf, 2006, p. 125).

Uma mudança apontada por Krauskopf (2000) diz respeito às concepções de adulto e adolescência. Já não se trata, segundo ele, de uma geração adulta preparada versus uma geração jovem desprovida de direitos e conhecimentos. Trata-se, atualmente, de duas gerações que estão permanentemente se preparando. A rapidez dos avanços tecnológicos coloca a necessidade de ambas as gerações estarem constantemente se atualizando. Além disso, o autor levanta a possibilidade de se enfrentar uma situação difícil de transição aos cinquenta anos, devido às dificuldades que podemos enfrentar em diferentes momentos de nossa vida. Os jovens possuem, portanto, um papel essencial nesse momento, pois são eles que estão vivendo o presente e pressentindo como se projetará o futuro.

Teseu apresenta a noção de juventude como portadora da ânsia de mudança. Faz uma crítica aos jovens acomodados e descrentes e considera a necessidade da participação juvenil: “*o jovem tem muita ânsia, muito gás, então acho que é fundamental a participação dos jovens*”.

Na opinião de Tália, o jovem deveria ser visto pela sociedade de forma mais positiva, “*como a esperança de um país, de um governo, de uma geração*”. Considera o

movimento e a ação como funções da juventude: “...a gente não é tão maduro quanto as pessoas que já viveram muito, então a gente acaba agindo de uma forma inseqüente, mas eu não acho que essa inseqüência seja sempre negativa, muito pelo contrário (...) o jovem ele tá cumprindo uma função de movimentar, de agir, de pressionar, de brincar, de gritar, e isso mantém o partido vivo”.

Urânia também compartilha da visão da juventude como contestadora. No entanto, faz uma ressalva ao termo revolta, que muitas vezes aparece relacionado a vandalismo e baderna, adquirindo, dessa forma, conotação negativa: “Eu acho que a juventude só não é conivente com os erros (...) e eu acredito que a juventude que ta no movimento, que ta na política, ta querendo uma mudança, mas não através de vandalismo”.

Temos aqui, grupos de elementos distintos da representação social do jovem: a imaturidade, a inseqüência e fase de transição, por um lado, e o movimento, a ação e a contestação, por outro. Elementos cuja valoração pode ser considerada positiva ou negativa alternam-se constantemente nessa associação.

Quando se trata da representação sobre o envolvimento político e social dos jovens, também se evidencia esse contraste. Ao mesmo tempo em que são representados como portadores do desejo de mudança e do potencial para o engajamento, os jovens contemporâneos também são vistos como apáticos, alienados e individualistas (Ponte de Souza, 1999; Schmidt, 2001).

Revolta, revolução, rebeldia, contestação, possibilidade de mudança e esperança de um país são características atribuídas à juventude pelos próprios jovens participantes desta pesquisa, como se fossem inerentes a essa etapa da vida. Por outro lado, assumem como já discutido acima, a alienação, acomodação e apatia como marcas de sua geração.

Em sua pesquisa sobre representações sociais de adolescência/juventude na mídia escrita Menandro (2004) encontrou em ambos os períodos investigados (1968-1974 e 1996-2002) elementos de representação organizados em dois eixos que aparentemente se opõem.

Nesse caso o que queremos dizer é que essa oposição se dá, por um lado, a partir do caráter aparentemente mais adaptativo do primeiro eixo, e por outro lado, pelo caráter aparentemente mais transgressor do segundo eixo. Isso não impede a convivência de ambos os grupos de elementos, formando um conjunto maior de conhecimentos marcados por sua diversidade, e que são socialmente compartilhados (p. 197).

Adolescência e juventude não se apresentam, portanto, como concepções simples. Trata-se de fenômenos sociais complexos, cujos significados ora aparecem como hegemônicos e tradicionais, ora trazem a multiplicidade da condição juvenil, marcada por diversas formas sociais envolvendo o jovem. Menandro (2004) enfatiza que a Teoria das Representações Sociais (TRS) fornece a possibilidade de apreensão do aparentemente contraditório, do ambíguo e da convivência de opostos, elementos que parecem estar presentes nas representações sociais de adolescentes e jovens. Nesse sentido, Trindade (2002) afirma que a TRS “tem se mostrado uma ferramenta indicada para o entendimento de objetos sociais relevantes porque é uma teoria que contém os elementos necessários para contemplar os objetos sociais em sua complexidade (...)” (p. 1).

Direita ou Esquerda? Os jovens e sua identificação política

As noções de rebeldia e contestação, constantemente associadas à juventude, levam-nos à discussão a respeito da identificação política, já que na opinião de alguns

participantes a tendência natural dos jovens é identificar-se com a esquerda. De fato, nenhum entrevistado posicionou o partido ao qual pertence como sendo de direita.

Parece que os jovens que participam politicamente tendem a se posicionar na esquerda, conforme discussão proposta por Pérez (2006) e já mencionada anteriormente.

Na opinião de Tália e Clio, que se consideram de esquerda, esse é um fato positivo, pois a esquerda representa a contestação do instituído e, conseqüentemente, a possibilidade de mudança: *“Porque o jovem tem essa coisa de querer mudar, e a esquerda está muito ligada a essa coisa de mudança, de mudar a situação, de ser contra o sistema”* (Tália). Ulisses, que se classifica ora como sendo de centro, ora como de centro-esquerda, também acredita que a revolução atrai *“aquele jovem que é contra tudo e contra todos”*. No entanto, considera negativamente essa visão, já que idealizada e ingênua. Em sua opinião, os jovens são manipulados por partidos considerados de esquerda, que utilizam a juventude como “braço” político: *“Eu não aceito isso. Acho um absurdo. É brincar com a esperança da pessoa. É manipulação. É subestimar a inteligência do jovem”* (Ulisses).

De acordo com Camino (1996) é através da participação ativa que um grupo constrói os valores e normas que formam a identidade social dos sujeitos que a ele pertencem.

(...) os jovens não só se adaptam a grupos já existentes, mas participam de grupos onde ativamente constroem suas normas e suas identidades sociais. Considera-se, portanto, que na dinâmica social, não são os indivíduos que se socializam individualmente, mas são os grupos que se socializam na dinâmica das relações que mantêm com os outros grupos (Camino, 1996, p. 32).

Gianórdoli-Nascimento (2006) ao investigar e discutir a militância política de mulheres brasileiras durante a ditadura militar analisou a dinâmica percebida entre os mais diversos grupos sociais mencionados pelas participantes:

Podemos citar como exemplo a categorização social mais ampla, que abarca a comparação entre um Nós (comunistas/militantes) e um Eles (não comunistas), entre um Nós (mulheres militantes) e Elas (“*o grupo, por exemplo, de mulheres que seguiam o modelo tradicional*”) ou, ainda, entre um Nós “de esquerda” e um Eles “de direita” (p. 229).

De maneira semelhante, encontramos entre os jovens entrevistados, certa dinâmica de identificação e categorização social. Por um lado, compartilham características que os identificam como grupo (o grupo dos jovens engajados politicamente), em contraposição aos demais jovens (grupo dos que não se interessam por política). Atribuem características positivas ao próprio grupo, afirmando que os jovens que participam são mais críticos e possuem mais oportunidades de aprendizado. “*Até porque em todo movimento que você se filia, você só tem a aprender. Então geralmente você tá ali convivendo com pessoas mais experientes, que já passaram por toda uma vida lutando pelos direitos dela. Então você só tem a aprender. (...) Você ganha em termos de comunicação, de experiência de vida*” (Erato).

Ao mesmo tempo, características negativas são atribuídas aos jovens que não participam politicamente: “*... acho que o jovem que não está na política, ele não tem compromisso nenhum, sabe? Ele só quer saber de fazer a faculdade dele, de assumir a empresa com o pai, ser um executivo de sucesso*” (Aquiles). Ulisses cita a dificuldade de realizar uma discussão crítica com amigos que não querem se envolver politicamente, já que eles não procuram se informar sobre os acontecimentos da sociedade. Hércules também

compartilha a opinião de que o jovem que não se interessa por política fica “alienado” do mundo em que vive.

Por outro lado, há também a dinâmica interna do grupo “jovens engajados politicamente”, que se dá na diferenciação entre “jovens de direita” e “jovens de esquerda”. Ingênuos, idealistas, manipulados e revoltados são características pejorativas atribuídas aos “jovens de esquerda”. Já os “jovens de direita” são considerados negativamente como reacionários, elitistas, egoístas e mantenedores do sistema. Essas características podem funcionar, conforme aponta Souza (2004), como “uma marca que permite identificar quem faz e quem não faz parte do grupo” (p. 64).

Tanto Clio quanto Tália compartilham a opinião de que as pessoas que se identificam com a direita estão interessadas na “manutenção do sistema” e no “interesse próprio”. Clio afirma: “Os que militam na direita são os que querem mesmo a manutenção desse sistema, né? E a gente sabe que são pessoas que, tipo, não estão nem aí pras coisas que acontecem ao seu redor, querem mesmo se sobressair dentro do seu partido (...) Eu não gostaria de falar isso, eu gostaria de falar, assim, ‘ah, é porque eles gostam mais do projeto neoliberal’, mas não é. É pra ter cargo”. Para Tália, não é só o partido ao qual a pessoa pertence que a identifica como sendo de direita ou de esquerda. Para ela, ser de direita é ter um pensamento reacionário e elitista, em contraposição ao desejo de mudança associado à esquerda.

Na opinião de Tália e Clio é difícil encontrar um jovem que se identifique com as idéias da direita. Quando isso acontece, segundo Tália, é por influência dos pais ou avós: “Tipo assim, meu pai é de tal partido, e tal. Igual o netinho do ACM, o filho do César Maia, eu acho que é um pouco assim, de conservar a herança da família” (Tália). A influência familiar, nesse caso, é apontada com caráter negativo. Não analisam, no entanto,

as próprias trajetórias de participação, tão marcadas pelas influências e idéias dos pais. As características negativas são, portanto, associadas ao outro grupo, valorizando, dessa forma, o grupo de pertencimento.

Essa dinâmica de diferenciação entre o “meu grupo” e o “outro grupo” foi proposta por Tajfel (1983)⁴ e tem sido estudada por diferentes pesquisadores. Como exemplo, Joffe (2003) investigou as representações sociais de jovens sul-africanos e britânicos sobre o surgimento da Aids. Os dados encontrados pela autora apontaram para a negação de que a Aids tenha se originado no continente com o qual o participante se identificava. “Desse modo, em primeiro lugar e fundamentalmente, as pessoas dizem ‘eu não’, ‘não o meu grupo’, quando falam sobre a origem e a disseminação da Aids” (p. 301).

De maneira semelhante, conforme apontamos na introdução, Bonomo, Trindade, Souza e Coutinho (2008) analisaram as relações intergrupais estabelecidas entre comunidades rural e cigana. Identificaram elementos de representação positivos associados ao próprio grupo e elementos negativos associados ao outro grupo.

No momento em que iniciamos a coleta de dados, fizemos contato com o presidente da juventude de um partido considerado de direita. Na primeira conversa com ele, tivemos a informação de que não havia jovem com menos de 27 anos filiado ao partido. Disse, ainda, que encontraríamos jovens com menos de 21 anos nos partidos de esquerda, que são ainda muito “*idealistas e ingênuos*”. Conforme afirmou, o seu partido é mais amadurecido, e por isso não atrai essa população.

⁴ A consciência de pertencimento a determinado grupo social associada ao valor conferido ao pertencimento foi definida por Tajfel (1983) como identidade social. Segundo o autor, a constituição de subgrupos em uma sociedade e sua valoração positiva ou negativa gera comportamentos que visam favorecer o ingroup ou desfavorecer o outgroup – estão em ação processos de categorização e de comparação social.

Em janeiro de 2007, ano em que foram realizadas as entrevistas desta pesquisa, estudantes universitários e secundaristas uniram-se para protestar contra o aumento das tarifas do sistema Transporte Coletivo (Transcol). Em junho do mesmo ano, os estudantes ocuparam a reitoria da UFES, reivindicando melhorias na assistência estudantil prestada pela universidade. Esses dois episódios de mobilização coletiva foram citados por alguns participantes, ora como exemplo de engajamento juvenil, ora como exemplo de manipulação da juventude por parte principalmente dos partidos políticos.

Aquiles, Urânia e Hércules citaram esses episódios, apesar de não terem participado diretamente, e elogiaram a mobilização e organização juvenil: “*A gente ta vendo ultimamente essas passeatas, uma ou duas, o pessoal da Ufes e da Escola Técnica. (...) Isso também é movimento estudantil, isso é movimento partidário, ali tem novos líderes*”. Ulisses, por outro lado, cita a mobilização contra o aumento da passagem, não como exemplo de engajamento juvenil, mas como uma manobra política de alguns partidos, que apenas usaram os estudantes: “*... o jovem mesmo não bate em cima. Ele não entendeu aquela questão, foi um grupo, um setor, que fez da questão dos ônibus um ponto político*”. Os estudantes são representados por ele como ingênuos e idealistas, que se deixam manipular pelos representantes dos partidos políticos aos quais pertencem ou com os quais se identificam.

Com relação à dinâmica *ingroup* e *outgroup* no interior da militância, Baltazar (2004) afirma que “podemos pensar, então, que os diferentes grupos, ao se empenharem na briga pelo espaço e pelo poder, fazem-no por considerarem o ‘meu’ grupo como o único possível de levar adiante o processo de construção de uma nova sociedade” (p. 188). De maneira semelhante, as diferentes identificações dos jovens com a esquerda ou com a

direita trazem para o cenário possíveis alternativas de mudança da sociedade com as quais se identificam.

Tomando ainda em consideração a posição de Ulisses acima citada, identificamos mais dois elementos para nossa discussão: o primeiro deles relaciona-se à terceira dinâmica de categorização entre os jovens que é a oposição jovens/adultos no interior dos partidos, ou seja, a questão geracional volta ao nosso foco; o segundo elemento diz respeito à relação entre Movimento Estudantil e partidos políticos.

A relação entre jovens e adultos e a dinâmica envolvida nesse processo será explorada no tópico seguinte sobre a participação da juventude no interior dos partidos e sua relação com as lideranças adultas.

Sobre a relação entre Movimento Estudantil e partidos políticos é interessante lembrar que dentre os nossos entrevistados, cinco participam ou já participaram de movimento estudantil, seja secundarista ou universitário. A participação no ME concomitantemente à partidária é assunto de discussão constante entre eles.

Mesquita (2003) também encontrou uma forte relação entre os participantes do movimento estudantil com os partidos políticos, em sua maioria de esquerda. Os estudantes entrevistados pelo autor procuravam reproduzir um discurso de amenização da influência partidária na militância estudantil. Por outro lado, não viam os partidos como um problema em si. Nas palavras do autor: “O partido é um espaço político que organiza, orienta e estimula os estudantes. A prática do emparelhamento da entidade estudantil pelos partidos é que fica condenada pela maioria dos militantes (...)” (Mesquita, 2003, p. 100).

As mesmas questões foram trazidas pelos nossos participantes que foram ou são militantes do ME. Clio afirma existir muito preconceito em relação à juventude partidária no âmbito do ME. Isso se deve, segundo ela, a um histórico de equívocos e fraudes

realizadas por militantes de certos partidos políticos, dentre os quais o dela não se inclui. Por outro lado, existe um respeito à condição de filiado, desde que o partido ao qual se pertença não esteja incluído nesse histórico de equívocos: “... *Se você e as pessoas do seu partido têm um histórico de não ter vícios dentro do movimento estudantil, de construir mesmo junto, e tal, eles já não te olham assim. Agora, tem partidos aqui dentro que já não existem mais por causa disso*” (Clio).

Tália não considera necessariamente negativa a relação entre ME e partidos políticos, desde que os interesses partidários não se sobressaiam aos estudantis. Confessa que alguns partidos já deixaram que seus interesses se sobressaíssem, mas não inclui o partido ao qual pertence nessa categoria.

Os jovens e os partidos políticos

De acordo com levantamento não sistematizado realizado junto aos *sites* oficiais dos partidos aos quais os jovens que entrevistamos são filiados, todos possuem o movimento de juventude organizado. Ações, notícias e planejamentos dos movimentos juvenis possuem espaço reservado dentro destes *sites*. Propagandas veiculadas nos meios de comunicação também parecem valorizar a participação juvenil.

Dos integrantes da pesquisa, apenas Erato disse não participar ativamente do movimento de juventude do seu partido. Tudo indica que sua principal referência dentro do partido não é etária ou geracional. Aquiles também se encontra afastado do movimento juvenil, mas por motivos ligados à relação juventude e direção do partido, com a qual se decepcionou após ter participado durante algum tempo.

Aquiles relata uma situação em que a juventude organizada decidiu lançar candidaturas a cargos eletivos e não obteve o apoio do partido: “*Quer dizer, o partido não*

deu estrutura necessária que a juventude precisava. O partido já ia fazer alguns vereadores, alguns deputados, e ele não deu a importância necessária pra juventude”.

Outros exemplos adicionados ao de Aquiles parecem indicar certa fragilidade no apoio e valorização dos partidos em relação à juventude.

Conforme aponta Pérez (2006) os jovens têm sido muito valorizados pelos partidos políticos no discurso, mas não na prática, já que as organizações juvenis internas aos partidos não possuem muita influência na tomada de decisões e seu papel tem sido mínimo dentro das estruturas partidárias.

De maneira semelhante, embora tendo como foco os espaços de participação política em geral, não se restringindo aos partidos, Bermúdez, Savino e Zenklussen (2004) encontraram entre os jovens entrevistados por eles a crítica à ausência de condições adequadas para a participação juvenil. Os participantes destacaram a falta de procedimentos que canalizassem os interesses dessa faixa etária e a insuficiência de informações sobre as formas de participação disponíveis.

A forma como os jovens são vistos e tratados pelos demais integrantes do partido difere em alguns aspectos, de acordo com o relato de cada participante. A relação juventude/partido ora se apresenta como de apoio, ora conflituosa.

Na opinião de Clio, Tália e Teseu, os jovens não são muito valorizados dentro do partido, apesar de considerarem essa situação como velada, discreta: “... *quando a gente tira uma política pra disputar dentro da corrente do partido, aí nem sempre eles dão atenção pra isso. Isso não é tão forte, assim, a gente sabe, né? Às vezes dentro das reuniões a gente reclama, ‘pô, aconteceu isso, a juventude não é valorizada’, infelizmente, assim”* (Clio).

O embate entre gerações aparece muito claro no discurso desses três participantes. Os jovens, em sua opinião, representam o questionamento e a crítica, o que muitas vezes parece ser evitado pelos mais velhos. “*Eles já estão satisfeitos com o que eles fazem, eles resolvem tudo do jeito deles, entendeu? A gente pode concordar ou não, mas eles resolvem*” (Tália). Tália acha que é difícil para os adultos aceitar a contestação e a opinião dos mais jovens e menos experientes do que eles. Com relação a isso, Ponte de Souza (2006b) afirma que “as crianças e os jovens, em comparação com os adultos, são sempre mais receptíveis a novas influências, assimilação de novos hábitos e atitudes, muitas vezes fazendo-o de maneira radical e completa, porque sua orientação primária, ou seja, seu contato original com a cultura é inteiramente diferente das gerações mais velhas” (p. 14). Talvez por isso Tália acredite que os adultos tenham dificuldade em aceitar a contestação dos mais jovens.

Para Teseu, se os jovens não passarem a se envolver de fato, os adultos continuarão tomando as decisões que são de interesse deles. A falta de renovação dos quadros políticos garante, em sua opinião, os benefícios e interesses daqueles que já estão no poder.

Tanto Tália quanto Clio citam o fato de a participação dos jovens ser muito requisitada apenas nos períodos eleitorais: “... *eles gostam que a gente apóie a candidatura deles, mas essa contestação, eles não gostam muito não*” (Tália). Clio também acha que os jovens são muitas vezes tratados como “*mão de obra*”, “*tarefeiros*”. Essa visão vai ao encontro da análise realizada por Pérez (2006), segundo a qual persiste em alguns partidos, a idéia de que os jovens representam uma espécie de reserva de ativistas que só assumem tarefas de propaganda e proteção ao voto.

Clio atribui essa condição à estrutura viciada dos partidos, nos quais os espaços de formulação e discussão são restritos aos adultos. A única forma de participação incentivada,

segundo ela, é o trabalho de panfletagem. Parece haver uma diferença entre o discurso de valorização e a prática dispensada aos jovens. A contestação e a rebeldia precisam estar sob controle. Apenas nos períodos eleitorais é desejável que saia desse controle.

Aquiles também faz crítica aos adultos filiados ao seu partido, considerando-os em sua maioria conservadores: “... *a gente [juventude] tinha uma representação na executiva estadual, mas era mínima. Os cargos de secretário, de presidente, eram ocupados por aqueles mais experientes do partido, os mais velhos, de mais idade. Eles não davam muito ouvido, não, sabe? Eles têm o rei na barriga, se acham. Esse é o problema*” (Aquiles).

A política partidária, conforme aponta Pérez (2006), coloca os jovens no lugar de expectadores e não como sujeitos estratégicos e participativos. Com isso, ainda de acordo com o autor, os partidos têm se convertido em causa e consequência da falta de interesse da maioria dos jovens pela política tradicional e seus atores.

Novamente as relações intergeracionais aparecem como importante fator de discussão. Os conflitos existentes entre os interesses partidários e os juvenis tomam corpo nas relações entre jovens e adultos no interior dos partidos. Ponte de Souza (2006b) chama a atenção para o fato de que apesar de o jovem ter assumido o status de sujeito de direitos na modernidade, existe ainda um fosso profundo entre os interesses geracionais, já que “os modelos sociais afastaram a presença social juvenil de forma calculada e planejada” (p. 17).

De acordo com Motta (2004) as gerações, assim como as classes sociais, “não existem isoladamente, mas em referência mútua, contraposição ou até oposição umas às outras. Uma geração é ou se torna aquilo que o jogo de poder permite nas relações com as outras” (p. 353). O embate geracional no interior dos partidos aparece, por exemplo, na delegação de tarefas consideradas menos importantes aos mais jovens, ou ainda na negociação em torno do lançamento de candidaturas juvenis. Concordamos com Ponte de

Souza (2006b) que afirma que “É nesse sentido que a ação juvenil autônoma com relação às instituições ou o acolhimento institucional da crítica dos seus membros mais novos permite que a conflituosidade emerja como experiência” (p. 15).

Tália, Clio e Teseu apresentam a luta da juventude organizada na busca de alterar essa situação. Tentam, de alguma forma, amenizar a situação do partido ao qual pertencem e também procuram valorizar-se como juventude. Existe uma tentativa de defesa tanto do grupo geracional quanto do partidário. Para isso, citam as ações desenvolvidas e o interesse coletivo de mudanças, para além das correntes que dividem e racham os partidos.

Nem todos os jovens percebem a atual relação com os adultos do partido como conflituosa. Ulisses, por exemplo, acha que há integração entre a juventude estadual e a direção do partido. Mas faz uma ressalva de que não foi assim desde o início. Segundo ele os jovens tiveram que brigar para garantir a ocupação de espaços. Atualmente, o partido conta com um Laboratório de Aprendizagem Política, responsável pela elaboração de programas voltados para a formação dos mais jovens.

Para Urânia, a relação da juventude com a direção partidária tem melhorado bastante, conquista que ela atribui aos próprios jovens, que foram ocupando espaço por meio de ações que deram visibilidade aos mesmos. Atualmente a juventude, segundo ela, é um dos destaques dentro do partido. É possível, entretanto, que não perceba essa relação como totalmente igualitária, já que ela faz uma crítica às poucas candidaturas jovens lançadas pelo partido. Outras candidaturas não surgem, em sua opinião, pelas dificuldades exigidas por uma campanha política e pelo fato de a juventude ainda ser vista como “*marginal*”.

Essa situação de candidaturas jovens também causou desentendimento dentro do partido de Aquiles. A juventude, segundo ele, tinha a intenção de lançar uma candidatura,

mas não obtiveram apoio do restante do partido. Esse fato, aliado a outros desentendimentos, acabou desmotivando Aquiles, que optou por se afastar do movimento por um tempo, sem, contudo, se desfiliar do partido.

Apenas Hércules apresenta uma relação positiva entre juventude e partido. Em sua opinião, o partido apóia os jovens em todos os seus projetos. No entanto, traz certa concepção de juventude como dependente deste apoio: *“Porque pro jovem ouvir o seu representante total é motivante, é gratificante. Saber que meu deputado tá comigo, ta me apoiando (...) Porque a juventude é uma parte do partido. Ele tem a formação pra amanhã ter pessoas melhores, militantes melhores. Então o adulto hoje, ele tem sempre que ajudar nisso daí, que é importante”*.

Percebemos diferenças nas trajetórias políticas dos jovens participantes desta pesquisa. Com relação a isso, Motta (2004) afirma que

Observando-se que o mesmo contexto social não afeta igualmente todos os indivíduos de um grupo de idade e vivência – classificado ou autoidentificado como geração –, verifica-se que segmentos dessa geração podem assumir posturas e caminhos sociais diferentes, ou até opostos. É o caso de padrões ou de movimentos culturais que se manifestam diversamente na mesma época, ou de movimentos políticos, uns radicais outros conservadores, cada um reunindo indivíduos de idade aproximada num cenário social semelhante (p. 351).

Esse parece ser o caso dos jovens participantes desta pesquisa, cujas trajetórias e experiências de participação encontram-se em alguns pontos e se distanciam em outros. No interior de um grupo geracional, conforme aponta Motta (2004), as relações se dão em articulação com “condições identitárias definidas a partir de outras categorias relacionais, principalmente gênero, classe social e etnia” (p. 353). Na seção em que exploraremos a

temática Juventude, Participação e Gênero discutiremos alguns pontos relacionados à questão da identidade de gênero articulada à identidade geracional.

Espaços tradicionais, novas sociabilidades

Mesquita (2003) procurou analisar como as novas sociabilidades emergentes no meio juvenil colaboram na formação de uma nova sociabilidade militante no interior do Movimento Estudantil. Considera que o ME parece articular elementos tradicionais e novos em suas práticas políticas.

Desta maneira, observamos pelas entrevistas realizadas, a tensão existente entre o modelo tradicional do movimento e suas novas expressões e linguagens, que cotidianamente aparecem no meio estudantil. Se por um lado, a estrutura e a maneira tradicional de se fazer política continuam muito fortes, por outro, não conseguem aglutinar e mobilizar os estudantes, que inscritos numa outra lógica, não se sentem representados pelos grupos que participam daquele campo político (p. 115).

Desta forma o ME passa pela transformação de uma identidade única a uma dimensão mais plural e heterogênea. De acordo com Mesquita (2003), a fragmentação e dispersão acentuadas, características dos anos 90, se expressam na identidade do ME e suas ações se pulverizam.

De maneira semelhante, as trajetórias dos jovens participantes desta pesquisa parecem começar a apontar para o surgimento de novas formas de se fazer política no interior dos partidos políticos. Apesar de a estrutura partidária apresentar-se como tradicional e hierárquica, os jovens conseguem desenvolver ações que não os amarram completamente a esta estrutura.

Um primeiro ponto que nos leva a essa consideração diz respeito ao fato de não estarem unicamente vinculados à filiação partidária. Fazem parte também do movimento estudantil, do movimento comunitário, movimento da juventude negra. Participam socialmente também de outros espaços, como da ordem DeMolay, do movimento de juventude de igrejas. Além disso, vêm-se fazendo política em outros âmbitos, como o profissional, por meio da docência.

A contestação da estrutura “*viciada*” dos partidos, apontada por Clio, e a crítica às discussões existentes entre as diferentes correntes, feita por Tália, são outros exemplos de uma possível re-elaboração da forma de se pensar a participação partidária, pelo menos entre os jovens. Na opinião de Tália, os interesses das correntes não deveriam se sobressair aos princípios partidários, o que muitas vezes acontece. Além disso, pensa que a juventude não deveria se envolver nessas discussões por correntes.

6.3 Juventude, Participação e Gênero.

Discutiremos, a partir deste tópico, as relações de gênero envolvidas na trajetória de militância política dos jovens participantes desta pesquisa. Consideramos de grande relevância a incorporação da discussão de gênero nos debates sobre juventude, já que ainda são escassos os trabalhos que abordem os dois temas conjuntamente (Muller, 2004; Weller, 2005).

De acordo com Muller (2004), a pluralidade das manifestações e identidades juvenis tem sido constantemente abordada nos trabalhos sobre juventude. No entanto, pouco se

considera sobre as diferenças de gênero presentes nesse processo: “Mas ser jovem homem ou jovem mulher talvez contenha uma diferenciação básica, até hoje muito pouco abordada e que talvez contenha a chave para se compreender de um modo um pouco mais coerente as juventudes” (p. 5).

Compartilhamos da concepção de que rapazes e moças vivenciam a juventude de forma diferente e essa diferenciação tem sido muitas vezes negligenciada nos estudos sobre o tema. Conforme aponta Weller (2005): “É comum encontrarmos publicações sobre juventude e culturas juvenis que compreendem a categoria juventude como um todo, ou seja, que não fazem uma distinção entre jovens adolescentes do sexo feminino e do masculino” (p. 108).

Por outro lado, também os estudos de gênero têm deixado de lado a perspectiva etária. Weller (2005) argumenta que “(...) as práticas culturais da faixa etária que compreende a adolescência e a juventude também continuam sendo objeto de pouca atenção por parte dos estudos feministas no Brasil e em outros países” (p. 111/112).

Nesse sentido, buscaremos discutir as trajetórias de participação política dos jovens, considerando as relações de gênero envolvidas. Dessa forma, procuramos dar visibilidade tanto às ações afirmativas de jovens engajados politicamente, quanto à participação feminina nesse processo. São homens e mulheres jovens interessados em ocupar um espaço legitimado para os adultos, mas não totalmente para os jovens. São mulheres jovens interessadas em ocupar um espaço ainda tipicamente masculino.

Considerando que as noções, práticas e identidades de gênero são construídas nas relações sociais e entre pares, discutiremos os discursos e práticas tanto de moças quanto de rapazes envolvidos no processo. Buscaremos, dessa forma, compreender as dimensões masculina e feminina de forma relacional.

Entende-se que as noções de masculinidade e feminilidade vão além da questão da anatomia sexual e que os papéis atribuídos a homens e mulheres são definidos social e culturalmente. Nesse sentido, “é a sociedade em que nascemos, com seus usos, costumes e valores que definem o ser homem e o ser mulher” (Moraes, 2003, p. 495). A cada gênero correspondem certas características que foram historicamente sendo associadas e, muitas vezes, são tidas como naturais. De acordo com Muller (2004), “foi apenas com a noção de gênero, a partir dos anos 1970, que as diferenças e as relações entre homens e mulheres passaram a ser estudadas para além dos critérios biológicos” (p. 3).

As relações de gênero apresentam-se no cotidiano, lugar privilegiado no qual a realidade é interpretada e lhe é atribuído sentido. Além disso, de acordo com Traverso-Yépez e Pinheiro (2005), elas “permeiam todo o tecido social, manifestando-se de formas específicas nos diferentes grupos sociais, ainda que mantendo, geralmente, a hierarquização como marca” (p. 149). Além de diferentes, as expectativas em relação aos papéis masculinos e femininos são, muitas vezes, desiguais, ou seja, evidencia-se uma posição masculina dominante.

A política pode ser considerada uma das esferas do contexto cotidiano em que é possível proceder a uma análise de gênero. Tomando em consideração o gênero feminino e sua presença na esfera política brasileira, as mulheres não permaneceram omissas ou passivas ao longo da história do Brasil, de acordo com Moraes (2003):

Na verdade, os estudos sobre a condição feminina realizados nas últimas décadas demonstram que, com relação a esse assunto, tratou-se menos de um silêncio por parte das mulheres do que do silêncio por parte da historiografia, seja devido à inexistência da documentação, à dificuldade de acesso a documentos manuscritos ou ainda à falta de interesse (que prevaleceu por um longo tempo), por parte dos pesquisadores, em encarar a questão (p. 506).

Trata-se, portanto, de um campo de invisibilidade feminina. De acordo com Goldenberg (1997) a possibilidade de dar visibilidade à história de luta de muitas mulheres pode ser concebida como um dos mais importantes desdobramentos do movimento feminista. O termo invisibilidade é utilizado pela autora ao se referir às mulheres nascidas antes da década de 40, militantes em partidos e organizações sindicais em dois momentos distintos da história brasileira (pré e pós-64), com o pressuposto de que essas mulheres ocuparam posições percebidas como secundárias ou inferiores no interior das organizações. Eram rotuladas como “mulher de”, “companheira de” ou “filha de”.

Com isto, quero enfatizar que foram seus maridos, companheiros ou pais que ocuparam posições dominantes no interior destes organismos, sendo considerados importantes, famosos, figuras históricas, lideranças políticas. A história da esquerda brasileira foi, e é até hoje, escrita em torno das trajetórias destes ‘grandes homens’. As mulheres aparecem como meras coadjuvantes (Goldenberg, 1997, p. 352).

De acordo com Goldenberg (1997) essa representação sobre o papel secundário e de apoio das mulheres fica evidente nos discursos das militantes estudadas por ela. Observamos situação um pouco diversa nas jovens entrevistadas em nossa pesquisa, que já não percebem nem mencionam essa possibilidade de atuação secundária. Na verdade, assumem cargos de liderança e postos políticos da mesma forma que seus companheiros do sexo masculino.

Ponte de Souza (2006a) também não encontrou nos discursos de jovens do sexo feminino militantes de movimentos coletivos diferenças qualitativas entre o seu fazer político e o dos jovens do sexo masculino. De acordo com a autora, “com grande probabilidade, o peso de ser mulher para essas jovens contemporâneas é menor sob relações

conquistadas de liberdades políticas e de expressão comunicativa após os anos 60, tanto no Brasil quanto fora” (p. 5).

O mesmo pode ser considerado em relação às nossas jovens participantes. Filhas ou netas de pais e mães militantes, com exceção de Erato, e engajadas em diferentes movimentos sociais desde o início da adolescência, estas jovens passaram por um processo de socialização diferente. Entram, portanto, na esfera política com um capital social e político que as autoriza a atuar politicamente em cargos principais e não em papéis secundários.

No entanto, é geral, inclusive entre os rapazes, a noção de que a política continua sendo um espaço tradicionalmente masculino, no qual as mulheres ainda são minoria em termos quantitativos.

Quatro dos jovens que entrevistamos são mulheres. Cada uma delas com uma história diferente, mas todas com o mesmo objetivo: ocupar um espaço tradicionalmente masculino e tentar mudar a visão associada a elas. A socialização política e as motivações para a militância são diferentes. Tália e Clio são provenientes de famílias de classe média, cujos pais sempre apresentaram grande envolvimento político. A política foi tema recorrente na vida dessas meninas desde a infância.

Urânia apresenta em comum o fato de ter um histórico de participação política na família, desde o avô, sindicalista, até a mãe. A diferença está na inserção sócio-econômica familiar. É proveniente de uma família de classe popular, na qual a mãe, atualmente presidente de um importante sindicato, sempre arcou sozinha com o sustento dos filhos. Configura-se em uma família, cuja chefia e sustento estão sob responsabilidade da mãe, tendência cada vez mais crescente nas famílias brasileiras. De acordo com a pesquisa “A mulher brasileira nos espaços públicos e privados”, realizada pela Fundação Perseu

Abramo, em 2001, as mulheres são as principais provedoras em um terço das famílias brasileiras.

A inserção social de Erato difere um pouco daquela das demais participantes. Ela é proveniente de uma cidade pequena, localizada no interior do Espírito Santo, e seus pais nunca participaram politicamente. No entanto, deixa claro que os valores transmitidos por eles foram essenciais para a sua inserção política. O desejo de mudar a realidade vivida, principalmente por seus pais, trabalhadores rurais, foi uma importante motivação para participar efetivamente.

É geral a afirmação, tanto dos rapazes quanto das moças, de que existem poucas mulheres participando no partido do qual fazem parte. Todos consideram a política um espaço tradicionalmente masculino, o que para eles afasta as mulheres. Pensam que é necessário, então, ocupar esse espaço, objetivo buscado por nossas participantes e que já vêm alcançando um grande avanço nesse sentido.

De acordo com a análise dos relatos dos jovens, não se percebe muita diferença entre os gêneros em relação à prática de militância. Tanto os rapazes quanto as moças são lideranças juvenis no partido ao qual pertencem e participam de outros movimentos, nos quais também atuam como principais lideranças. A atuação em cargos de comissão e assessoria parlamentar também está disponível para ambos os sexos, já que nossos participantes possuem alguma função relacionada a isso, independentemente do gênero.

Erato é assessora parlamentar, já foi líder do grêmio estudantil da escola onde estudava e acha que conseguiu conquistar o seu espaço. Além disso, faz planos de assumir um cargo de direção dentro do partido. Tália faz estágio na Câmara Municipal de Vitória, participa do ME, sendo uma de suas principais lideranças e se considera feminista. Urânia trabalha em um cargo de comissão em nível estadual. Além disso, já foi coordenadora

municipal da juventude socialista e participa atualmente do movimento de juventude negra. Clio participa ativamente da direção do Movimento Estudantil. É uma das principais lideranças também do movimento de mulheres.

De acordo com nossas jovens participantes, elas não passaram por situações de discriminação dentro dos partidos ou movimentos em que atuam. Dado semelhante foi encontrado por Miranda e Balardini (2000), ao entrevistar jovens que participam ativamente em partidos políticos e outras organizações sociais: “Em particular, se observa um trato igualitário dentro do segmento intrageracional juvenil. As diferenças neste aspecto aparecem vinculadas às relações intergeracionais (...)” (p. 141).

Para Urânia, a relação com os rapazes do partido é muito tranqüila. Nunca sentiu nenhum tipo de discriminação, nem quando foi coordenadora municipal: “... *era uma relação de respeito mesmo, até ao cargo, né? Eu conseguia ter uma relação legal com o grupo de homens, conseguia administrar o grupo de homens sem problemas. Então é aquilo que eu disse, a gente alcança os espaços, são poucos, mas a partir do momento que você alcança, você consegue ser respeitada*” (Urânia).

Tália também considera que os rapazes a respeitam muito, principalmente pelo fato de ser feminista. Algumas vezes, fazem algum tipo de brincadeira de cunho machista, o que a faz reagir no mesmo instante. Não concorda com o argumento de que estão brincando, pois, segundo ela, o machismo também se configura muito como brincadeira.

Erato nunca percebeu nenhuma discriminação de gênero, nem mesmo com o fato de ser casada com um militante mais antigo do mesmo partido. Nunca percebeu nenhuma diferença na forma de ser tratada. Cita, inclusive, o exemplo de um diretório municipal, presidido por uma mulher, que é quem organiza todo o partido na esfera municipal: “*Eles a tratam como ser humano, independente do sexo*”.

De acordo com Clio, o fato de as mulheres trabalharem a questão do machismo juntamente com os homens participantes dos movimentos sociais tem feito com que eles comecem a perceber e a refletir sobre atitudes dessa natureza. Em sua opinião, fora dos movimentos organizados, o machismo ainda é muito forte. No Movimento Estudantil, por exemplo, as mulheres raramente são tomadas como referência principal para os estudantes de fora do movimento. Geralmente, segundo ela, as pessoas dirigem-se aos homens, mesmo que estes não detenham a liderança e que esta seja exercida por uma mulher. Ainda dentro dos movimentos sociais, apesar de acreditar que essa visão tenha mudado um pouco, Clio afirma que muitos homens não conhecem o histórico do movimento de mulheres e acham que feminista é “*mulher nervosa*”, o que para ela, se caracteriza em grande preconceito.

Parece haver, no discurso dos rapazes, uma tentativa de valorização da participação feminina. Acreditam na importância e na influência positiva trazida pelas mulheres. Os motivos alegados, no entanto, nem sempre são compatíveis com uma visão mais igualitária de gênero.

Hércules, por exemplo, acha muito importante a participação feminina, já que, dessa forma, “*eles*” poderão saber quais as suas reivindicações e ajudá-las “... *porque como eu te falei, nós dependemos também das mulheres para sabermos, conhecermos as dificuldades delas. A dificuldade que ela tem hoje para podermos trabalhar em cima*”. Trata-se de visão paternalista e discriminatória que coloca a contribuição feminina em posição secundária. Ainda na opinião de Hércules, a influência da mulher para a política é grande, já que “*atrás de um grande homem sempre tem uma grande mulher*”. Nesse discurso de Hércules aparece novamente o “grande homem”, figura central na história política e que coloca a mulher como coadjuvante do processo.

Na opinião de Teseu, tem aumentado a participação das mulheres jovens no partido devido, principalmente, à abertura fornecida pelos rapazes. Essa abertura configura-se como uma espécie de aval fornecido pelos homens para a participação feminina. Percebe-se nos relatos destes jovens a presença de elementos indicadores de valorização da igualdade entre os gêneros. Entretanto, é possível constatar que é ainda muito forte a presença de representações bastante tradicionais sobre a mulher em seus discursos e práticas.

Da mesma forma, a caracterização da participação masculina e feminina, a exemplo do que ocorre com a caracterização de homem e de mulher, é permeada de elementos de representações sociais bastante tradicionais no discurso de nossos jovens entrevistados, sem exceção. As mulheres são representadas como sentimentais, emotivas, sensíveis e preocupadas com os problemas sociais. Comprometidas, honestas, delicadas, humanas, justas são outros adjetivos atribuídos a elas. Por fim, as características femininas são consideradas importantes, pois complementam a participação dos homens: “(...) *Então a mulher é importante por causa disso aí, que ela complementa o homem tanto na vida cidadã quanto na política*” (Hércules).

Por outro lado, os homens são representados como mais racionais, mais práticos, como aqueles que tomam decisões de forma mais rápida e estão mais preocupados com as esferas políticas e de poder. São, também, mais responsáveis pelas formulações políticas e ocupam os quadros de liderança partidária.

De acordo com Rodriguez (2001) a mulher é constantemente associada à sensibilidade e à ternura, cabendo a ela a emoção, a passividade, a submissão, a intuição, o irracional. O homem, por outro lado, é identificado com valor, força e poder, com o racional, com a capacidade de atuar fria e decididamente. “Assim, a política, a guerra, a

economia e, portanto, o poder, são áreas específicas reservadas para os homens” (Rodríguez, 2001, p. 92).

São características bastante associadas às representações sociais tradicionais de gênero, que apontam o espaço público como legitimamente masculino e o privado como feminino. O espaço público é o espaço da produção, do trabalho, do pensar politicamente. Por isso, os homens são representados como racionais e preocupados com as esferas políticas e de poder. O espaço privado, “do lar” relaciona-se com o cuidado, com a delicadeza e com a preocupação com o bem estar de todos. Daí a associação da figura feminina com características como sensibilidade, sentimentalismo e preocupação com questões sociais.

Características femininas, como delicadeza e honestidade, também são associadas à maternidade: *“Não sei se é porque sou, mas eu vejo a mulher mais honesta no mundo político do que o homem. Eu acho que é porque a mulher já tem o dom de ser mãe”*. (Erato). Trindade (2002) investigou as representações sociais da infertilidade feminina entre mulheres e discute a forma como essas representações estão intrinsecamente associadas às representações de maternidade: *“Esta é sempre naturalizada, ora como destino biológico inarredável, ora como valor social inseparável da concretização da identidade feminina”* (p. 12).

Parece haver uma tentativa, por parte dos jovens entrevistados, de valorizar a participação feminina, quando trazem as características acima citadas como próprias da condição feminina. Não percebem, no entanto, o caráter conservador desse discurso. Não podemos esquecer, além disso, que um dos elementos de representação social de política identificados nos relatos dos participantes é “espaço masculino” conforme indicamos anteriormente.

A prática dessas jovens militantes aponta para a ocupação também do espaço público, das universidades, dos palanques, dos partidos políticos, dos movimentos sociais, das Câmaras Municipais e da Assembléia Legislativa. Esses dados corroboram os de outras pesquisas que têm mostrado experiências femininas que não podem ser interpretadas, conforme aponta Brito (2001), a partir de concepções dicotômicas e pré-estabelecidas. Contribuem, dessa forma, para superar a visão das mulheres como essencial e naturalmente apolíticas.

Nossos dados apontam algumas questões a serem discutidas a respeito da relação entre representações e práticas sociais. A prática das jovens militantes parece indicar uma possível relação mais igualitária entre gêneros. Os espaços públicos ocupados, os cargos de liderança assumidos e a não identificação e experimentação de preconceito no meio político no qual estão inseridas poderiam refletir práticas sociais e políticas de maior equidade entre os gêneros. Na presente pesquisa, assim como indicam os dados encontrados por Ponte de Souza (2006a), as jovens militantes não qualificam suas ações como distintas daquelas realizadas pelos jovens do sexo oposto. No processo de compreensão da prática política, não identificam diferenciações entre gêneros.

Entretanto, os discursos ainda são elaborados tendo como referência representações sociais tradicionais de gênero. Esses discursos referem-se tanto às características atribuídas às mulheres militantes, quanto à abertura dada pelos rapazes à participação feminina.

Apesar, portanto, da prática de militância ser muito semelhante entre jovens de ambos os sexos, as representações sociais apontam para visões com conotação conservadora. Aparentemente, parece haver um descompasso entre as representações e as práticas sociais. No entanto, uma análise mais cautelosa pode levantar algumas questões a serem exploradas.

Quanto à participação mais igualitária das jovens e às falas que relatam a não experimentação de situações de preconceito, algumas hipóteses podem ser levantadas. Essas hipóteses poderiam justificar o aumento do número das jovens participantes em relação ao de mulheres adultas.

Uma dessas hipóteses foi também discutida por Miranda e Balardini (2000) e Ponte de Souza (2006a). As relações entre gerações parecem estar, para esses participantes, mais explícitas do que aquelas entre gêneros. O fato de fazerem parte de uma geração representada muitas vezes como despolitizada, descrente e desinteressada do processo político, principalmente quando comparada a gerações anteriores tidas como revolucionárias, pode fazer com que a questão geracional se sobressaia.

Também as relações de poder dentro dos partidos apontam para uma relação assimétrica entre adultos e jovens, estando os espaços de formulação e discussão restritos aos primeiros e cabendo aos últimos as atividades tidas como menos importantes.

Outra hipótese estaria relacionada aos cargos ocupados pelos jovens, quase sempre de menos importância do que aqueles destinados aos adultos. Devem-se considerar, ainda, as regras externas que impõem números de cotas para a participação feminina. Segundo a legislação brasileira, os partidos são obrigados a reservar uma cota mínima de trinta por cento para cada sexo na composição do registro de candidaturas aos cargos de deputado e vereador. Três participantes de nossa pesquisa teceram comentários a esse respeito. Urânia, única mulher a comentar o assunto, posiciona-se contrária ao sistema de cotas, pois, em sua opinião, essa medida “*parece forçada*”. Teseu e Ulisses, por outro lado, destacam a dificuldade encontrada pelos partidos em cumprir essa meta, devido ao pouco envolvimento feminino.

Ainda com relação ao mesmo tema, Ulisses destaca que, entre os atuais representantes do Estado do Espírito Santo no Congresso Nacional, apenas quatro são mulheres. Cita, ainda, que dessas quatro deputadas, duas optaram pela disputa de cargos eletivos influenciadas por seus respectivos maridos.

No entanto, é preciso considerar que a medida pode estar sendo importante para a valorização da participação feminina, fazendo com que alguns partidos intensifiquem as campanhas de filiação para atrair candidatas e incorporando as questões femininas em seus discursos. Essas medidas poderiam justificar o crescente, apesar de ainda insuficiente, aumento da participação feminina.

De acordo com Campos (2003) a relação entre representações e práticas sociais desenvolvidas por um determinado grupo social é uma das grandes questões abertas no campo de estudo da Teoria das Representações Sociais: “(...) as relações entre práticas e representações são muito complexas e ainda pouco estudadas, tanto do ponto de vista teórico quanto empírico” (p. 54).

Uma questão teórica importante que se impõe diz respeito à determinação entre representação e prática: são as práticas que determinam as representações ou o inverso? (Campos, 2003; Almeida, Santos e Trindade, 2000). Rouquette (1998) considera as representações como “condição das práticas”, e as práticas como “agentes de transformação” das representações. Representações e práticas não podem, de acordo com Campos (2003), ser concebidas como componentes distintos: “Concebidas como ‘sistemas complexos de ação’, as práticas estão longe de constituir objetos claramente diferenciados das representações: tanto uma prática pode ser objeto representado (...) como uma representação qualquer pode conter elementos, conteúdos de esquemas, referentes aos aspectos práticos (...)” (p. 54).

Entre os participantes desta pesquisa, verificou-se aparente descompasso entre as representações sociais de gênero e a prática relatada por eles. É importante salientar que estamos levando em consideração, para descrever as práticas dos participantes, seus discursos sobre ações políticas desenvolvidas, bem como os cargos e funções desempenhadas.

Parece que as relações menos conflituosas vivenciadas por esses jovens não foram determinadas necessariamente por representações de gênero mais igualitárias. Outras hipóteses, já levantadas anteriormente, podem explicar melhor essas relações. Da mesma forma, é possível que essas práticas mais igualitárias ainda não tenham sido suficientemente incorporadas para modificar as representações mais tradicionais relacionadas ao ser homem e ser mulher.

7- CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após a passagem pelas trajetórias e experiências políticas dos jovens participantes desta pesquisa, partimos agora para algumas considerações finais, sem, contudo, termos a pretensão de encerrar a discussão sobre o assunto. Trata-se de um fenômeno social multifacetado e, portanto, impossível de ser analisado em todas as suas dimensões em um único trabalho.

As histórias desses jovens militantes ora se encontram, ora se afastam, dependendo daquilo que se torna importante em determinado momento. O fato de fazerem parte de uma geração considerada por muitos como apática, alienada e desesperançada os aproxima na tentativa de alterar de alguma forma essa representação. Sentem-se, então, como um grupo – o grupo dos jovens que participam politicamente. Nesse momento, conseguem lançar um olhar mais positivo sobre si mesmos e sobre os outros jovens que não cruzam os braços e não se acomodam no estigma da geração dos que “não querem nada com nada”.

Sentem-se novamente como um grupo quando se colocam em relação aos adultos líderes dos partidos aos quais pertencem. São esses adultos na maioria das vezes que tomam as decisões que são convenientes apenas a eles e delegam aos mais jovens as tarefas consideradas de menor importância. Nesse momento, os jovens se unem contra a condição que lhes é colocada de “tarefeiros” ou “mão de obra”.

Por outro lado, suas trajetórias distanciam-se em diversos momentos, principalmente quando confrontados sobre qual tendência política consideram mais preparada ou mais portadora das propostas de mudanças às quais tanto almejam. Dividem-se, então, entre os “jovens de direita” e os “jovens de esquerda”. Entre os “manipulados” e os “interessados em manter o sistema”.

Os dados mostraram ainda que os jovens em questão, com expectativas, motivações e identificações diversas, dedicam grande parte do seu tempo ao grupo partidário ou político a que pertencem. Dessa forma, permitem que o grupo ocupe um lugar de importância para eles, refletindo em diversos aspectos de sua vida pessoal e nas relações que estabelecem.

Nesse processo, as relações de amizade sofrem modificações, quase se restringindo aos colegas de partido, com os quais mais se identificam e com quem passam a maior parte do tempo. As relações conjugais e amorosas também são alteradas. Em alguns casos, culminando, inclusive, no término do namoro.

Para todos esses jovens, no entanto, a participação política tornou-se um projeto de vida e continua presente, direta ou indiretamente, em seus planos para o futuro.

Apesar de as representações sociais de homem e mulher compartilhadas por esses jovens estarem ancoradas em elementos bastante tradicionais nenhum deles parece perceber o quanto essas concepções estão de acordo com uma visão desigual em relação ao gênero. As práticas de militância semelhantes e a não identificação de preconceito por parte das moças parecem apontar para a prevalência das questões geracionais em detrimento daquelas relacionadas ao gênero. O embate geracional parece tomar a maior parte do tempo e da energia deles.

Uma das questões que nos motivou a essa pesquisa foi a pergunta: por que alguns jovens continuam optando por filiar-se e participar ativamente de um partido político, apesar de toda a descrença nas instituições políticas, principalmente as partidárias, e apesar da variedade de espaços atuais de participação?

Nas justificativas dadas pelos participantes, percebemos que eles ainda creditam aos partidos a função de serem mediadores dos anseios de mudança apresentados por aqueles

que desejam um mundo diferente. Os partidos são representados como espaços importantes de formulação, formação e decisão política. Na opinião dos participantes, a filiação também facilita o contato com outros políticos, o que aumenta a possibilidade de reivindicação.

Enfim, reconhecem também a centralidade das eleições e dos sistemas de partidos na atual constituição política do país. Como alguns deles possuem planos de se candidatar a um cargo eletivo, entendem que somente alcançarão esse objetivo se estiverem filiados a um partido.

Apesar de participarem ativamente nos partidos aos quais estão filiados, esses jovens não restringem sua militância a essa forma de participação. Atuam também em outros espaços, como movimentos sociais, estudantis, comunitários e religiosos. Também se sentem fazendo política em espaços cotidianos, como nas relações de trabalho. Ampliam, dessa forma, a representação de participação para além das instâncias tradicionais, apesar de também fazerem parte delas.

Enfim, não podemos nem pretendemos com essa pesquisa desmentir a afirmação que prega a atual despolitização e apatia juvenil. No entanto, podemos utilizá-la como disparador de questionamentos que colocam em xeque as avaliações que procuram desvalorizar a atual geração em comparação com as das décadas de 1960/1970. Evitar a comparação nos permite, conforme aponta Ponte de Souza (1999), distanciarmos do determinismo que julga o nível de qualidade do fazer político de cada geração. As escolhas e práticas dos jovens dos anos 2000 são aquelas possíveis a esta geração. Desqualificá-las, comparando-as com as gerações anteriores, não trará nenhum elemento novo para a discussão. Dar voz aos atuais jovens e valorizar o que estão fazendo pode, sim, contribuir para que as utopias tenham sempre espaço garantido.

8- REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Abramo, H. (1997) Considerações sobre a tematização social da juventude no Brasil. Revista Brasileira de Educação, n. 5 e 6: 25-36.

Abramo, H. (2004) Participação e organizações juvenis. Recife: Projeto Redes e Juventudes. Disponível em: . Acessado em: 20/10/2006.

Abramo, H.W. & Branco, P.P.M. (2005) Retratos da Juventude Brasileira: análises de uma pesquisa nacional. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo.

Abriç, J.C. (1998) A abordagem estrutural das representações sociais. Em: A.S.P. Moreira & D.C. de Oliveira (orgs.) Estudos interdisciplinares de representação social. (pp. 27-38) Goiânia: AB.

Aguiar, W.M.J; Bock, A.M.B. & Ozella, S. (2001) A orientação profissional com adolescentes: um exemplo de prática na abordagem sócio-histórica. Em: A.M.B. Bock; M.G.M. Gonçalves & O. Furtado. (orgs.) Psicologia sócio-histórica: uma perspectiva crítica em psicologia. (pp. 163-178) São Paulo: Cortez.

Almeida, A.M.O.; Santos, M.F.S.; Trindade, Z.A. (2000) Representações e práticas sociais: contribuições teóricas e dificuldades metodológicas. Temas em Psicologia da SBP, 8 (3): 257-267.

Aranzedo, A.C. (2006). “Nem anjos, nem demônios...”: Adolescentes autores de homicídio: contexto do delito e representações sociais sobre a vida humana. Dissertação (Mestrado em Psicologia). Mestrado em Psicologia, Universidade Federal do Espírito Santo.

Araújo, C. (2005) Partidos políticos e gênero: mediações nas rotas de ingresso das mulheres na representação política. Revista de Sociologia e Política. n. 24: 193-215.

A TRIBUNA (2007) Partidos disputam estudantes. 18/03/2007. pp. 38-39.

Baltazar, B. (2004) Os encontros e desencontros da militância e da vida cotidiana. Psicologia: Teoria e Pesquisa. 20 (2): 183-190.

Baquero, M. (2001) Apresentação. Em: J.P. Schmidt Juventude e política no Brasil: a socialização política dos jovens na virada do milênio. Santa Cruz do Sul: Edunisc.

Bermúdez, M.N.; Savino, L.D.& Zenklussen, L.A. (2004) Representaciones sobre democracia y participación em la juventud de la ciudad de Córdoba. Cuadernos de la Facultad de Humanida y Ciencias Sociales. n. 22: 129-150.

Bertollo, M. ; Rölke, R.K. ; Trindade, Z. A. ; Menandro, M.C.S. ; Drago, A. B. ; Vargas, E. A.M. ; Freitas, J.B. ; Fonseca, K.A. ; Mendes, F.M.S. (2007) Pesquisas sobre juventude produzidas dentro do campo de estudos da Teoria das Representações Sociais. Em: V Jornada Internacional e III Conferência Brasileira sobre Representações Sociais, 2007, Brasília, DF. Anais de Trabalhos Completos da V Jornada Internacional e da III Conferência Brasileira sobre Representações Sociais. Brasília, DF : Anais digitais disponíveis na Internet, sem paginação. v. 1. p. 1-12.

Bogdan, R.C.; Biklen, S.K. (1994) Investigação qualitativa em educação. Trad. Maria Joao Alvarez, Sara Bahia dos Santos e Telmo Mourinho Baptista. Porto: Porto Editora.

Bonomo, M.; Trindade, Z.A.; Souza, L.de & Coutinho, S.M.S. (2008) Representações sociais e identidade em grupos de mulheres ciganas e rurais. Revista de Psicologia, Associação Portuguesa de Psicologia, 22 (1) no prelo.

Brandão, A.C.; Duarte, M.F. (2004) Movimentos culturais de juventude. São Paulo: Moderna.

Bullington, J. & Karlsson, G. (1984). Introduction to Phenomenological psychological research. Scandinavian Journal of Psychology, 25, 51-63.

Camino, L. (1996) A socialização política: uma análise em termos de participação social. Em: L. Camino & P.R. Menandro. A sociedade na perspectiva da psicologia: questões teóricas e metodológicas. Coletâneas da ANPEPP. 1 (13): 14-36.

Camino, L; Lima, M.E.O. & Torres, A.R.R. (1997) Ideologia e espaço político em estudantes universitários. Em: L. Camino; L. Lhullier & S. Sandoval (orgs.) Estudos sobre comportamento político: teoria e pesquisa. Letras Contemporâneas.

Campos, P.H.F. (2003) O estudo das relações entre práticas sociais e representações. Estudos: Vida e Saúde, 30 (1): 51-60.

Carmo, P. S. do (2003) Culturas da rebeldia: a juventude em questão. São Paulo: Editora SENAC.

Castro, L.R.de & Correa, J. (2005) Juventudes, transformações do contemporâneo e participação social. Em: L.R.de Castro & J. Correa (orgs.) Juventude contemporânea: perspectivas nacionais e internacionais. (pp. 9-25) Rio de Janeiro: NAU – FAPERJ.

Fernández, G. (2000) Notas sobre la participación política de los jóvenes chilenos. Em: S. Balardini (org). La participación social y política de los jóvenes en el horizonte del nuevo siglo. (pp. 87-108) Buenos Aires: Clacso.

Gaskell, G. (2002) Entrevistas individuais e grupais. Em: M.W. Bauer; G. Gaskell (orgs.) Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático. (pp. 64-89). Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes.

Ghiardo, F. (2004) Generaciones y juventud: una relectura desde Mannheim y Ortega yGasset. Última Década, CIDPA Viña del Mar, n. 20: 11-46.

Gianórdoli-Nascimento, I.F. (2006) Mulheres e militância no Espírito Santo: encontros e confrontos durante a ditadura militar. Tese de Doutorado. Programa de Pós-Graduação em Psicologia / UFES, Vitória / ES.

Goldenberg, M. (1997). Mulheres e Militantes. Estudos Feministas, 5(2), 349-364.

Herschmann, M. (1997) Na trilha do Brasil contemporâneo. Em: M. Herschmann (org.) Abalando os anos 90: funk e hip-hop: globalização, violência e estilo cultural Rio de Janeiro: Rocco.

Jodelet, D. (2001) Representações sociais: um domínio em expansão. Em: D. Jodelet (org.) As Representações Sociais. (pp. 17-44). Rio de Janeiro: EdUERJ.

Joffe, H. (2003) “Eu não”, “o meu grupo não”: Representações sociais transculturais da Aids. Em: P. Guareschi; S. Jovchelovitch (orgs). Textos em Representações Sociais. 8ª ed., (pp. 297-322). Petrópolis: Vozes.

Krauskopf, D. (2000) Dimensiones críticas em la participación social de las juventudes. Em: S. Balardini (org). La participación social y política de los jóvenes en el horizonte del nuevo siglo. (pp. 119-134) Buenos Aires: Clacso.

Krischke, P.J. (2005) Questões sobre juventude, cultura política e participação democrática. Em: H.W.Abramo & P.P.M. Branco (orgs.) Retratos da Juventude Brasileira: análises de uma pesquisa nacional. (pp. 323-350) São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo.

Maciel, C.; Brito, S. & Camino, L. (1998) Explicações das desigualdades sociais: um estudo com meninos em situação de rua de João Pessoa. Psicologia: Reflexão e Crítica. Porto Alegre, 11 (2).

Mannheim, K. (1982). O problema sociológico das gerações. M. M. Furrer (Org.). Karl Mannheim: Sociologia. São Paulo: Ática.

Martins, P.O. (2002). As expectativas do ter e o fracasso do ser: representações sociais de adolescência e suicídio entre adolescentes. Dissertação (Mestrado em Psicologia). Mestrado em Psicologia, Universidade Federal do Espírito Santo.

Menandro, M. C. S. (2004). Gente Jovem Reunida: Um estudo de representações sociais da adolescência/juventude a partir de textos jornalísticos (1968/1974 e 1996/2002). Tese (Doutorado em Psicologia). Doutorado em Psicologia, Universidade Federal do Espírito Santo.

Menandro, M.C.S.; Trindade, Z.A. & Almeida, A.M.O. (2003) Representações sociais da adolescência / juventude a partir de textos jornalísticos (1968-1974 e 1996-2002). Arquivos Brasileiros de Psicologia, 55 (1-2): 45-60.

Mesquita, M.R. (2003) Juventude e movimento estudantil: discutindo as práticas militantes. Revista de Psicologia Política. 3 (5): 89-120.

Minayo, M.C.S. (1994) Ciência, técnica e arte: o desafio da pesquisa social. Em: M.C.S. Minayo (org) Pesquisa social: teoria, método e criatividade. (pp. 9-29). Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes.

Miranda, A.; Balardini, S. (2000) De la experiencia de la Escuela de Gobierno: hablan los jóvenes. Em: S. Balardini (org). La participación social y política de los jóvenes en el horizonte del nuevo siglo. (pp. 135-145) Buenos Aires: Clacso.

Mische, A. (1996) Rede de Jovens. Teoria e Debate, n.31, abr./jun.: 23-29.

Moraes, M.L.Q. de (2003) Cidadania no feminino. Em: J. Pinsky; C.B. Pinsky. História da Cidadania. Rio de Janeiro: Editora Contexto.

Moreno, R.C. (2005) Práticas educativas de protesto na adolescência: movimento Hip Hop. Anais do I Simpósio Internacional do Adolescente, n.2. Disponível em: http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=MSC0000000082005000200055&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt. Acessado em: 17/11/2006.

Moscovici, S. (1978) Representação social da psicanálise. Rio de Janeiro: Zahar Editores.

Motta, A.B. da (2004) Gênero, idades e gerações – Introdução. Cadernos CRH. 17 (42): 349-355.

Muller, E. (2004) Juventude e algumas questões e relações de gênero. Mneme – Revista Virtual de Humanidades; 11 (5): 1-29. Disponível em: <http://www.cerescaico.ufrn.br/mneme>, acessado em 13/05/2008.

Müxel, A. (1997) Jovens dos anos 90: à procura de uma política sem “rótulos”. Revista Brasileira de Educação, n. 5 e 6: 151-166.

Nazzari, R.K. (2007) Socialização política e capital social: empoderamento dos estudantes em Cascavel/PR. Anais do II Seminário Nacional Movimentos Sociais, Participação e Democracia, UFSC, Florianópolis.

Ozella, S. (2003) A adolescência e os psicólogos: a concepção e a prática dos profissionais. Em: S. Ozella. Adolescências Construídas: a visão da psicologia sócio-histórica. (pp. 17-40) São Paulo: Cortez.

Paredes e Pecora (2004) Questionando o futuro: as representações sociais de jovens estudantes. Psicologia: Teoria e Prática. Edição Especial: 49-65.

Pereira, C. & Camino, L. (2003) Representações sociais, envolvimento nos direitos humanos e ideologia política em estudantes universitários de João Pessoa. Psicologia: Reflexão e Crítica. 16 (3): 447-460.

Pérez, E. C. (2006) Reflexiones sobre el desencanto democrático. El caso de los partidos políticos y los jóvenes em la ciudad de México. Sociológica, año 21, n. 61: 95-134.

Ponte de Souza, J.T. (1999) Reinvenções da utopia: a militância política de jovens nos anos 90. São Paulo: Hacker Editores.

Ponte de Souza, J.T. (2006a) Gênero, movimentos juvenis e contestação política. Anais do Seminário Internacional Fazendo Gênero 7. Florianópolis. Disponível em http://www.fazendogenero7.ufsc.br/artigos/J/Janice_Tirelli_Ponte_de_Souza%20_01.pdf, acessado em 16/03/2007.

Ponte de Souza (2006b) Apresentação do Dossiê: A sociedade vista pelas gerações. Política e Sociedade. nº 8: 9-29.

Ridenti, M.S. (1990) As mulheres na política brasileira: os anos de chumbo. Tempo Social: Revista de Sociologia da USP. 2 (2): 113-128.

Rodrigues, A. (2001) Mulheres: Movimentos Sociais e Partidos Políticos. Anais do Seminário Nacional de formação política: Mulheres socialistas. Brasília: PSB.

Rodriguez, M. (2001) As mulheres guerrilheiras do Brasil e da Argentina (décadas de 60 e 70): uma análise comparativa da literatura. Estudos de História, 8 (1): 91-106.

Rouquette, M.L. (1998) Representações e práticas sociais: alguns elementos teóricos. Em: A.S.P. Moreira; D.C. Oliveira (orgs) Estudos interdisciplinares de representação social. (pp. 39-46) Goiânia: AB.

Sá, C.P. de. (1995) Representações sociais: o conceito e o estado atual da teoria. Em: M.J.P. Spink (org.) O conhecimento no cotidiano. (pp. 19-45) São Paulo: Brasiliense.

Santos, M.F.S (2005) A teoria das representações sociais. Em: M.F.S. Santos & L.M. Almeida. (orgs.) Diálogos com a Teoria das Representações Sociais. (pp. 13-38) Recife: Editora Universitária da UFPE.

Schmidt, J.P. (2001) Juventude e política no Brasil: a socialização política dos jovens na virada do milênio. Santa Cruz do Sul: Edunisc.

Singer, P. (2005) A juventude como coorte: uma geração em tempos de crise social. Em: H.W. Abramo & P.P.M. Branco (orgs.) Retratos da Juventude Brasileira: análises de uma pesquisa nacional. (pp. 27-35) São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo.

Smith, E.S. (1999) The effects of investments in the social capital of youth on political and civic behavior in young adulthood: a longitudinal analysis. Political Psychology, 20 (3): 553-580.

Soares, C. (2000). De juventudes, transiciones y em fil de las certidumbres. Revista Internacional de Ciencias Sociales. V. 164: 80-88.

Souza, L. de (2004) Processos de categorização e identidade: solidariedade, exclusão e violência. Em: L. de Souza; Z. A. Trindade (orgs.). Violência e exclusão: convivendo com paradoxos. São Paulo: Casa do Psicólogo.

Souza, L.; Rosa, L.I.da; Effgen, H.K.K.; Paiva, A.V.; Toniato, M. & Alvim, S. F. (1998) Direitos humanos e representação de justiça. Psicologia: Reflexão e Crítica. 11 (3): 497-510.

Tajfel, H. (1983). Grupos humanos e categorias sociais II. Lisboa: Livros Horizonte.

Traverso-Yépez, M.A.; Pinheiro, V.S. (2005) Socialização de gênero e adolescência. Estudos Feministas. 13 (1): 147-162.

Trindade, Z. A. (1991) Representações Sociais da Paternidade e da Maternidade: implicações no Processo de Aconselhamento Genético. Tese (Doutorado em Psicologia). Universidade de São Paulo.

Trindade, Z.A. (1996) Representações sociais: “modo de conhecer” no cenário da saúde. Em: Z.A. Trindade & C. Camino. Cognição social e juízo moral. Coletâneas da ANPEPP. 1 (6): 45-60.

Trindade, Z.A. (2002) Triste e incompleta: uma visão feminina da mulher infértil. Psicologia USP. 13 (2).

Trindade, Z.A. ; Menandro, M.C.S. ; Gianórdoli, I.F. (2007) Organização e interpretação de entrevistas: uma proposta de procedimento a partir da perspectiva metodológica. Em: M. M.P. Rodrigues; P.R.M. Menandro. (Org.). Lógicas metodológicas: trajetos de pesquisa em Psicologia. (PP 71-92) 1 ed. Vitória, ES: Programa de Pós-Graduação em Psicologia da UFES e Editora GM.

Trzesniewski, K.H.; Donnellan, M.B.; Robins, R.W. (2008) Do today’s young people really think they are so extraordinary? An examination of secular trends in narcissism and self-enhancement. Psychological Science. 19 (2): 181-188.

Urresti, M. (2000) Paradigmas de participación juvenil: un balance histórico. Em: S. Balardini (org). La participación social y política de los jóvenes en el horizonte del nuevo siglo. (pp. 177-205) Buenos Aires: Clacso.

Velásquez, E. & Martínez, L. (2004) Participación e gênero: desafios para el desarrollo de una política de juventud em Chile. Psykhē, 13 (1): 43-51.

Velásquez, E.; Martínez, L. & Cumsille, P. (2004) Expectativas de autoeficacia e actitud prosocial asociadas a participación ciudadana em jóvenes. Psykhē, 13 (2): 85-98.

Venturi, G. & Bokany, V. (2005) Maiorias adaptadas, minorias progressistas. Em: H.W. Abramo & P.P.M. Branco (orgs.) Retratos da Juventude Brasileira: análises de uma pesquisa nacional. (pp. 351-368) São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo.

Weller, W. (2005) A presença feminina nas (sub)culturas juvenis: a arte de se tornar visível. Estudos Feministas, 13 (1): 107-126.

Zuluaga, J. B. (2004) La familia como escenario para la construcción de ciudadanía: una perspectiva desde la socialización em la niñez. Revista de Ciencias Sociales, Niñez y Adulter, v. 2, n. 1. CINDE, Centro de Estudos Avanzados em Niñez y Juventud, Manizales, Colombia.

9- ANEXOS

9.1 ANEXO I - Roteiro semi-estruturado de entrevista

1) Caracterização do sujeito:

Partido:

Sexo:

Idade:

Estado civil:

Escolaridade (se superior, a graduação cursada):

Profissão:

Religião:

Naturalidade:

Local de moradia:

Local principal de atuação:

Dados dos pais:

Idades: Pai: Mãe:

Escolaridade: Pai: Mãe:

Profissão: Pai: Mãe:

Participação em movimentos (se participam/participaram, tempo, dedicação, nível de participação, funções).

2) Sobre a militância político-partidária:

Posição do partido no espectro político;

Tempo de filiação ao partido;

Motivações e causas para a participação partidária;

Motivações e causas para a participação nesse partido político;

Participações políticas anteriores à filiação partidária;

Funções e atividades exercidas no partido;

Avaliação da participação, destacando vantagens e desvantagens;

Principais características de um bom militante;

Reflexos da participação na inserção em outros grupos sociais, como família, amigos, escola e trabalho;

Possíveis diferenças de gênero percebidas na participação partidária, tanto na ação quanto no tratamento dos (as) militantes;

Associação entre a instância jovem do partido e as outras instâncias;

Impressões dos “adultos” a respeito da participação dos jovens (se há valorização ou não);

Percepções a respeito do engajamento político e social dos jovens atuais, ou de sua recusa;

Como avalia a diferença na forma de se posicionar no mundo entre ele (um jovem militante) e os jovens que não participam.

3) Sobre as representações de Participação e Política:

Treino para as questões de associação livre com os termos indutores festa e futebol;

Questões de associação livre com os termos: Participação/ Política;

Percepção da influência da política na vida pessoal;

Percepção da influência pessoal na política;

Percepção da contribuição da política na vida pessoal das mulheres;

Percepção da contribuição da política na vida pessoal dos homens;

Percepção da contribuição da mulher para a política;

Percepção da contribuição do homem para a política;

Se existem formas diferentes de ser político para homens e mulheres;

Verificar a influência da participação dos pais para a militância do sujeito (se não houver participação, se existe outro familiar que influenciou).

9.2 ANEXO II - Termo de Consentimento Informado

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E INFORMADO PARA PARTICIPAÇÃO EM PROJETO DE PESQUISA

Concordo em participar da pesquisa abaixo discriminada nos seguintes termos:

<p>Pesquisa: Jovens e participação política: motivações, trajetórias e representações. Responsável: Milena Bertollo Orientador: Profa. Dra. Maria Cristina Smith Menandro Instituição: Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES).</p>
Justificativa e objetivo da pesquisa
<p>Dentre os elementos da representação social dos jovens estão aqueles relacionados à sua participação política. Ao mesmo tempo em que os jovens são representados como portadores da rebeldia e do desejo de mudança, características como alienação, consumismo e individualismo desvalorizam seu potencial de participação ativa. A literatura aponta para a modificação dos espaços tradicionais de participação, não mais restritos aos movimentos estudantil e partidário. Por outro lado, os partidos políticos continuam sendo uma opção para a participação juvenil. Assim, pretende-se investigar as motivações, trajetórias e representações sociais de jovens que optaram pela militância partidária.</p>
Descrição dos procedimentos aos quais os participantes serão submetidos
<p>Serão realizadas entrevistas individuais com os jovens que, após estarem cientes dos objetivos e do caráter voluntário da pesquisa, aceitarem participar. Mediante o consentimento do participante, a entrevista será gravada e posteriormente transcrita na íntegra. Fica assegurado ao participante o anonimato, o acesso à sua entrevista transcrita e ao relatório final da dissertação.</p>
Análise dos riscos, benefícios e aspectos éticos da pesquisa
<p>A pesquisa a ser desenvolvida segue os padrões éticos da Resolução 016/2000/CFP, que dispõe sobre a realização de pesquisa em Psicologia com seres humanos e não apresenta riscos para os participantes. Os resultados da pesquisa serão divulgados em congressos e periódicos especializados, contribuindo para a ampliação do conhecimento a respeito do tema jovens e participação política. Espera-se que os resultados da pesquisa possam gerar subsídios para outros pesquisadores e para profissionais que realizam intervenções nesse campo.</p>

Telefone para contato: 3335-2501 (Secretaria do Programa de Pós-Graduação em Psicologia/UFES)

IDENTIFICAÇÃO DO PARTICIPANTE

Nome: _____

RG: _____ Órgão Emissor: _____

Estando assim de acordo, assinam o presente termo de consentimento em duas vias.

Participante

Milena Bertollo

_____, _____ de _____ de 2007.